

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CARLOS JAELSO ALBANESE CHAVES

**POSSIBILIDADES E LIMITES DAS AÇÕES DE RESPONSABILIDADE
SOCIAL EM ORGANIZAÇÕES COOPERATIVAS: O CASO
COCAMAR**

Maringá

2006

CARLOS JAELSO ALBANESE CHAVES

**POSSIBILIDADES E LIMITES DAS AÇÕES DE RESPONSABILIDADE
SOCIAL EM ORGANIZAÇÕES COOPERATIVAS: O CASO
COCAMAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado em Gestão de Negócios – da Universidade Estadual de Maringá em consórcio com a Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira

Maringá

2006

CARLOS JAELSO ALBANESE CHAVES

**POSSIBILIDADES E LIMITES DAS AÇÕES DE RESPONSABILIDADE
SOCIAL EM ORGANIZAÇÕES COOPERATIVAS: O CASO
COCAMAR**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovada em 12 de Setembro de 2006

Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira (PPA-UEM)

Prof. Dr. Osvaldo Hidalgo da Silva (UEM)

Prof. Dr. Álvaro José Periotto (PPA-UEM)

Profª Eliza Emília Rezende Bernardo Rocha (*In Memoriam*), a pessoa que mudou minha história de vida ao me aceitar como seu orientando; A minha Mãe, Maria Benedita A. Chaves, que sempre me apoiou e me ajudou nos momentos mais difíceis de minha vida; E aos meus filhos amados, Adrielle Cescon Albanese Chaves e Leonardo Cescon Chaves”.

Dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Aproveito essa hora para agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, vieram a contribuir, direta ou indiretamente, para com este trabalho.

Gostaria de agradecer, em especial, o Prof. Dr. Francisco Giovanni D. Vieira, por me aceitar como seu orientado, quando da perda trágica de minha orientadora Eliza Emília. Agradeço também, pela sua dedicação, pela paciência durante as orientações e pela sua contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao amigo, irmão e companheiro nas dificuldades, Luciano Mendes (vulgo Luc Luciano), pelos momentos bons e ruins que passamos durante a execução do curso, principalmente na ajuda que despendeu durante as minhas dificuldades na constituição desta dissertação.

Ao meu grande amigo e companheiro Pedro G. Espinha, pelas discussões (que ocorriam durante horas a fio, junto com o Luc Luciano, discutindo responsabilidade social), que me fizeram refletir sobre este trabalho.

A minha querida amiga Lucilaine Pascucci, pelo carinho, conforto, compreensão e ajuda, nas horas que mais necessitei.

Aos amigos que conquistei durante o curso, que me surpreenderam por serem tão prestativos: Silvio Castro, Marcos Cipriano, Giselle Moraes, Rosemeri Schneider, Marisa Silvestre, Cíntia Oda, Carlos Delgado e Daniel Leal.

Aos meus Professores do mestrado, que com sua sabedoria e paciência souberam transmitir seus conhecimentos, proporcionando minha evolução, o que resultou nessa dissertação de mestrado.

A Dieine Aparecida Cescon, mãe dos meus filhos, que muito contribuiu para a minha aprovação neste mestrado e que durante todo esse tempo soube criar e educar nossos filhos, me proporcionando tranquilidade e conforto nas horas difíceis.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender as ações que resultam do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, observando a condição das ações como responsabilidade social ou obrigações cooperativistas. Para tanto, foi realizado um percurso teórico sobre cooperativismo e a responsabilidade social, servindo como base para atingir o objetivo proposto. Porém, foi utilizada como análise dos dados, a técnica de análise de discurso, por ser o discurso parte do processo de construção social da realidade. Essa técnica de análise de dados observa que a visão de mundo dos sujeitos são reflexos do contexto histórico-social em que eles se relacionam, representado pelo mundo da vida cotidiana. De acordo com o arcabouço teórico e os procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas com os atores envolvidos com o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, buscando compreender, na visão destes atores, que pressupostos guiam e produzem sentido no discurso sobre a responsabilidade social, estabelecendo uma relação entre esse discurso e os princípios que guiam as discussões sobre o cooperativismo. Analisando os dados coletados nesta pesquisa, confrontando-os com a teoria pertinente sobre a responsabilidade social e o cooperativismo, descobriu-se que, quando as cooperativas implementam um projeto de responsabilidade social, deixam de fortalecer o próprio cooperativismo, pelo fato de não divulgar o movimento que, por sua vez, busca o desenvolvimento social, econômico e cultural. Foi constatado nesse estudo, que a responsabilidade social está intimamente ligada a um contexto empresarial, onde tais práticas são utilizadas pelas empresas capitalistas, com o intuito de dirimir os problemas sociais. Sendo assim, concluímos que o projeto de responsabilidade social desenvolvido nesse estudo de caso fere os princípios cooperativistas.

Palavras-chave: Cooperativismo. Princípios e Valores Cooperativistas. Responsabilidade Social.

ABSTRACT

The objective of this paper was to understand the actions that result of the Project of Social Responsibility of Cocamar, observing the condition of the actions as social responsibility or obligations of the cooperatives. Thus, a theoretical course was accomplished about cooperative philosophy and the social responsibility, serving as base to reach the proposed objective. However, it was used as analysis of the data, the technique of speech analysis, for being the speech part of the process of social construction of the reality. That technique of analysis of data observes that the vision of world of the subjects is reflexes of the historical-social context in that they link, represented by the world of the daily life. In agreement with the vast theoretical and the methodological procedures were accomplished interviews with the actors involved with the Project of Social Responsibility of Cocamar, looking for to understand, in these actors' vision, that presupposed guides and they produce sense in the speech about the social responsibility, establishing a relationship among that speech and the beginnings that guide the discussions on the cooperative philosophy. Analyzing the data collected in this research, confronting them with the pertinent theory on the social responsibility and the cooperative philosophy, it was discovered that, when the cooperatives implement a project of social responsibility, they stop strengthening the own cooperative movement, for the fact of not publishing this movement, stopping looking for social, economical and cultural development. It was verified in that study, that the social responsibility is intimately linked to a managerial context, where such practices are used by the capitalist companies, with the supply intention the social problems. Being like this, we concluded that the project of social responsibility developed in that case study it hurts the beginnings cooperatives.

Key Words: Cooperative Philosophy. Principles and Values of the Cooperatives. Social Responsibility.

LISTAS

DE QUADROS

PG

Quadro 1: Diferença entre uma cooperativa e uma empresa mercantil28

DE TABELAS

PG

Tabela 1: Ramos de atividades do cooperativismo no Brasil.....23

Tabela 2: Participação das cooperativas na produção agrícola brasileira.....27

SUMÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.....	1
INTRODUÇÃO	11
CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	11
PROBLEMA DA PESQUISA.....	15
OBJETIVOS.....	16
<i>Objetivo geral:</i>	16
<i>Objetivos específicos:</i>	16
ÍNDICE ANALÍTICO	16
1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	18
1.1 COOPERATIVISMO.....	18
1.1.1 <i>A primeira cooperativa</i>	20
1.1.2 <i>Ramos do cooperativismo</i>	22
1.1.3 <i>A evolução do cooperativismo no Brasil</i>	24
1.1.4 <i>Cooperativa versus empresa mercantil</i>	27
1.1.5 <i>Os valores e os princípios cooperativos</i>	30
1.1.5.1 <i>Valores</i>	31
1.1.5.2 <i>Princípios</i>	32
1.2 RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	37
1.2.1 <i>Responsabilidade Social – Origens e conceitos</i>	38
1.2.2 <i>A responsabilidade social e o desenvolvimento sustentável</i>	46
1.2.3 <i>Cidadania e responsabilidade social empresarial</i>	49
1.2.4 <i>Ética e responsabilidade social empresarial</i>	51
1.2.5 <i>A responsabilidade social como práticas de filantropia</i>	55
1.2.6 <i>A filantropia e o voluntariado</i>	56
1.2.7 <i>A responsabilidade social e o apoio à comunidade</i>	58
1.3 AS ORGANIZAÇÕES COOPERATIVAS E A RESPONSABILIDADE SOCIAL	60
2. METODOLOGIA.....	64
2.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO.....	64
2.2 COLETA DOS DADOS.....	66
2.3 PRÉ-TESTE.....	69
2.4 TRATAMENTO DOS DADOS	69
2.4.1 <i>Análise do discurso</i>	70
2.5 VALIDADE E CONFIABILIDADE DO TRABALHO	74
2.6 RECORTE EMPÍRICO	76
3 RESPONSABILIDADE SOCIAL NA COCAMAR.....	78
3.1 PROJETO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL - COCAMAR SOCIAL.....	78
3.1.1 <i>Programas do Projeto</i>	78
3.1.1.1 <i>Programa de Voluntariado</i>	78
3.1.1.2 <i>Programa Centro de Estudos Cocamar</i>	79
3.1.1.3 <i>Programa Suco Justo</i>	80
3.1.1.4 <i>Programa Cultura e Lazer</i>	80
3.1.1.5 <i>Programa Vivo Melhor</i>	81
3.1.1.5.1 <i>Atendimento Social</i>	81
3.1.1.5.2 <i>Atividades Complementares e Geradoras de Renda - Cozinha Experimental</i>	81
4 RESPONSABILIDADE SOCIAL NA VISÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS.....	83
4.1 SOBRE A COMPREENSÃO DO CONJUNTO DOS ATORES.....	83
4.2 SOBRE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS ATORES.....	137

5 RESPONSABILIDADE SOCIAL X OBRIGAÇÕES DA COOPERATIVA: FRONTEIRAS POSSIBILIDADES E LIMITES.....	151
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
Referências:.....	171
ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	179

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Grandes transformações econômicas, culturais, políticas e sociais vêm ocorrendo nos últimos anos, são características de um mundo globalizado, onde predominam novas tecnologias da produção, da informação e da comunicação. Estas transformações criam novos desafios para os gestores organizacionais, tornando o trabalho de administração empresarial cada dia mais complexo. Karkotli e Aragão (2004, p.13) afirmam que: “o crescente nível de informação e conscientização da sociedade está alterando a gestão das empresas e impelindo-as a assumirem novos compromissos que vão além da ordem econômica contratada no mercado”. Para estes autores, a crescente conscientização da sociedade vem modificando gradualmente, o modelo tradicional empresarial. Sendo assim, algumas questões que não se constituíam como parte do processo decisório e que eram, aparentemente, irrelevantes para o sucesso do negócio, tornaram-se indispensáveis.

Nos últimos anos, um fator entra no cenário e passa a fazer parte das estratégias empresariais: a Responsabilidade Social Empresarial. Ao comentar sobre a responsabilidade social empresarial Tenório (2004, p.13) afirma que: “é tema recente, polêmico e dinâmico, envolvendo desde a geração de lucros pelos empresários, em visão bastante simplificada, até a implantação de ações sociais no plano de negócios das companhias, em contexto abrangente e complexo”. Sendo um assunto relevante para a gestão dos negócios, o termo responsabilidade social vem se difundindo por todo mundo e sendo adotado cada dia mais, pelos novos modelos de gestão empresarial.

A responsabilidade social encontra-se difundida nas estratégias empresariais que visam manter o foco na ética (princípios e valores adotados), na qualidade das relações com os acionistas, colaboradores, fornecedores, comunidade, meio ambiente e governos, trazendo benefícios à sociedade. Neste sentido, Karkotli e Aragão (2004, p.48) definem responsabilidade social corporativa como:

O comportamento ético e responsável na busca de qualidade nas relações que a organização estabelece com todos os seus *Stakeholders*¹, associado direta e indiretamente ao negócio da empresa, incorporado à orientação estratégica da empresa, e refletindo em desafios éticos para as dimensões econômicas, ambiental e social.

Nota-se, que estes autores, além de considerarem a responsabilidade social como parte integrante da estratégia empresarial, apresentam uma visão ética, na condução dos negócios empresariais, relacionando a responsabilidade com os *stakeholders*, uma vez que estes representam todo o público com quem a organização interage. Aligleri et all (2003, p5) afirmam que: “compreender a responsabilidade social sob a perspectiva dos *stakeholders* ocasiona reflexões em diversos setores organizacionais na medida em que devem repensar suas políticas internas bem como os fatores considerados na tomada de decisão”.

Sendo assim, para que uma empresa seja considerada socialmente responsável, deverá estar engajada de forma ética, direta ou indiretamente, em programas e atividades sociais, tanto para o público interno quanto para o externo, compreendendo áreas como educação, saúde, arte e cultura, meio ambiente, entre outros. Possuindo assim, uma atuação legítima e contribuindo para manter ou aumentar o bem-estar social (ALIGLERI e BORINELLI, 2001; ALIGLERI, 2002). Para Melo Neto e Froes (2001, p.26-27):

Responsabilidade social é um estágio mais avançado no exercício da cidadania corporativa [...] tem a ver com a ciência social e o dever cívico. A ação de responsabilidade social não é individual. Reflete a ação da empresa em prol da cidadania [...] a responsabilidade social busca estimular o desenvolvimento do cidadão e fomentar a cidadania individual e coletiva. Sua ética social é centrada no dever cívico, enquanto que a filantropia tem no dever moral sua ética absoluta. As ações de responsabilidade social são extensivas a todos os que participam da vida em sociedade – indivíduos, governo, empresas, grupos sociais, movimentos sociais, igreja, partidos políticos e outras instituições.

Estes autores afirmam ainda, que a responsabilidade social de uma empresa consiste na sua decisão de participar mais diretamente das ações comunitárias na região em que está presente e minorar possíveis danos ambientais decorrentes do tipo de atividade que exerce (MELO NETO e FROES, 2002).

¹ *Stakeholders*: são os grupos ou indivíduos com os quais a organização interage ou tem inter-dependências, ou qualquer indivíduo ou grupo que pode afetar ou ser afetado pelas ações, decisões, políticas, práticas ou objetivos da organização (MACHADO FILHO e ZYLBERSZTAJN, 2004).

Nesse sentido, Cardoso (2002, p.6-7) também contribui para a definição, afirmando que a responsabilidade social é:

O compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela. A organização, nesse sentido, assume obrigações de caráter moral, além das estabelecidas em lei, mesmo que não diretamente vinculadas a suas atividades, mas que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável dos povos. Assim, numa visão expandida, responsabilidade social é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade.

No presente trabalho, responsabilidade social empresarial será entendida a partir das conceituações de Karkotli e Aragão (2004) e Melo Neto e Froes (2002), visto que, o conceito apresentado por estes autores, vai além das obrigações legais, consistindo em um estágio mais avançado no exercício da cidadania corporativa. Corroborando com os conceitos destes autores, alguns pesquisadores também comentam que, atualmente, as organizações buscam uma maior participação junto à sociedade, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social de um país, através de ações responsáveis de longo prazo, visando contribuir para melhorar a qualidade de vida dos seus empregados e atendendo de forma mais justa, com projetos permanentes, a comunidade local (ALIGLERI e PREVIDELLI, 2001; PEREIRA e REZENDE PINTO, 2004; SCHROEDER e SCHROEDER, 2004; MACHADO e LAGE, 2002; ASHLEY, COUTINHO e TOMEI, 2000; LIMA, 2002; MENDONÇA e GONÇALVES, 2002).

A partir das conceituações destes autores, discutir-se-á a Responsabilidade Social em uma organização cooperativa. Porém, se faz necessário uma breve contextualização sobre as organizações cooperativas, com o propósito de se compreender melhor os objetivos propostos.

As cooperativas são organizações criadas para operar no mercado, possuindo características peculiares. São originárias do século XIX, em uma época em que o processo de industrialização contribuía para a exclusão social. Nesta ocasião, os trabalhadores agrícolas, expulsos da terra, viviam na miséria e buscavam nas fábricas o seu meio de sobrevivência, sujeitando-se a grandes jornadas de trabalho e em condições subumanas (SCHNEIDER, 1999). Em função desses problemas, os trabalhadores reuniram-se para buscarem alternativas, organizando-se com o objetivo de criar formas para melhor enfrentar os problemas sociais.

No contexto das conseqüências sociais resultantes da Revolução Industrial, surgiu a primeira cooperativa, na Inglaterra, em Rochdale² (1844), cuja gestão, na época, já se circunstanciava por alguns princípios, os “princípios dos Probos Pioneiros de Rochdale” que atualmente se resumem em sete: Adesão voluntária e livre; controle democrático pelos membros; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; cooperação entre cooperativas e preocupação com a comunidade³.

Da Revolução Industrial até os dias atuais o processo de globalização contribuiu para aumentar os contrastes sociais provocados pelo capitalismo, proporcionando uma nova forma de se conquistar o mercado, gerando uma maior concorrência entre as entidades empresariais. Conseqüentemente, as organizações reagiram às mudanças provocadas pelo capitalismo, como forma de competir e sobreviver. O cooperativismo, também evoluiu e conquistou um espaço próprio, definido por uma forma de relacionamento bastante peculiar entre o homem, o trabalho, o desenvolvimento social e a comunidade onde está inserido.

Como resultado da evolução do cooperativismo, várias modalidades de cooperativas surgiram no decorrer do tempo: de produção agrícola, agropecuária e industrial, de trabalho, de consumo, de varejistas e artesãos, de profissionais liberais, de diversas categorias de trabalhadores, de habitação, de serviços, de saúde, de seguros, de poupança e crédito, e muitas outras (PEREIRA, FREIRE e LAGANA, 2001). As cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, são organizações democraticamente geridas, que procuram proteger a economia de seus associados. A organização cooperativa é constituída de no mínimo 20 pessoas, não possuindo fins lucrativos, porém com fins econômicos, onde seus membros exercem uma mesma atividade para realizar objetivos comuns. São sociedades de pessoas que buscam (focando sua dimensão social) a solidariedade, o humanismo, a justiça social e o resgate da cidadania (VEIGA e FONSECA, 2001).

Portanto, as cooperativas visam também, através de ações locais ou globais, apresentar respostas para os problemas sociais. As organizações cooperativas procuram abarcar na sua

² Rochdale (Distrito de Lancashire, Manchester Inglaterra), onde foi criada a primeira cooperativa singular de consumo que serviu de padrão organizacional para o mundo inteiro.

³ Neste estudo, compreende-se por comunidade, aquela que se encontra mais próxima da cooperativa ou local onde ela (a cooperativa) está situada, não se referindo somente à comunidade cooperativa.

gestão aspectos relacionados à educação, saúde, alimentação, creches, participação nos resultados (distribuição de sobras), capacitação e desenvolvimento profissional, assuntos relacionados à cultura, esporte, respeito aos direitos humanos e o meio ambiente.

No noroeste do estado do Paraná, a COCAMAR – Cooperativa Agroindustrial, visando desenvolver ações sociais, criou internamente um departamento, que atualmente desenvolve um Projeto⁴ de Responsabilidade Social, denominado Cocamar Social. Alguns programas desta Cooperativa, inseridos neste Projeto, estão sendo realizados há mais dez anos.

As cooperativas são organizações que possuem características peculiares e que atuam competitivamente no mercado e sendo que a responsabilidade social um tema de grande interesse para a atual gestão empresarial, torna-se relevante um estudo sobre responsabilidade social em uma organização cooperativa. Alicerçadas nos valores de solidariedade e equidade, possuindo pressupostos básicos da função social, as cooperativas procuram abranger os atuais modelos de gestão e atuar com responsabilidade social. Dessa forma, este trabalho justifica-se por contribuir para clarificar um assunto emergente, a responsabilidade social em uma organização específica, a cooperativa.

PROBLEMA DA PESQUISA

Nesse contexto e a partir de reflexões acerca da temática responsabilidade social/cooperativismo/cooperativas, a seguinte questão norteia o presente estudo: As ações resultantes de projetos de Responsabilidade Social, desenvolvidas por cooperativas, em particular pela Cocamar, podem ser consideradas como ações de responsabilidade social ou esta especificidade está em consonância com os princípios cooperativos, não se configurando em um trabalho de responsabilidade social?

⁴ Projeto – nesta pesquisa compreende-se por projeto o plano geral de ação. O Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar encontra-se desmembrado em vários programas. Sendo assim, o programa é compreendido pela apresentação sistemática de uma seqüência de etapas que devem ser executadas, em determinado período de tempo.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Compreender as ações que resultam do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, observando a condição destas ações como responsabilidade social ou como obrigações cooperativistas.

Objetivos específicos:

- Descrever o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, bem como seus programas;
- Caracterizar a visão dos participantes envolvidos com o Projeto (gestores, funcionários e beneficiários), as ações de responsabilidade social da Cocamar; e
- Analisar o caráter de complementaridade ou exclusão entre ações de responsabilidade Social e obrigações cooperativistas.

ÍNDICE ANALÍTICO

No Primeiro Capítulo (Revisão bibliográfica), foi realizada uma contextualização teórica sobre o cooperativismo e a responsabilidade social. Para tanto, foi abordado a evolução do cooperativismo, chegando a uma discussão teórica sobre valores e princípios cooperativos. No que se refere à responsabilidade social, foi abordado a sua origem e conceitos, a ética empresarial, a cidadania, o apoio à comunidade e por fim, a discussão se centrou na responsabilidade social e no cooperativismo, como forma de se compreender um pouco da atuação social de uma cooperativa.

No Segundo Capítulo (Metodologia) apresentam-se os procedimentos metodológicos, no que se refere às técnicas utilizadas, o tratamento dos dados, e ainda, foi apresentando o recorte empírico dessa pesquisa.

No Terceiro Capítulo (Responsabilidade Social na Cocamar) foi apresentado o projeto desenvolvido pela Cooperativa Cocamar. Dentre os programas que compreendem o Projeto

Cocamar Social, foi abordado os três programas que compõem essa pesquisa: o Programa de Voluntariado, Programa Centro de Estudos e a Cozinha experimental.

No Quarto Capítulo (Responsabilidade social na visão dos atores envolvidos), foi apresentado à coleta dos dados, compreendida pelo conjunto dos atores que participaram dessa pesquisa. No final desse capítulo foi apresentado as convergências e divergências, como forma de se compreender o que se assemelha ou o que se apresenta discrepante nas falas dos entrevistados.

No Quinto Capítulo (Responsabilidade social *versus* obrigações da cooperativa: fronteiras possibilidades e limites), foi realizada uma análise dos dados coletados, embasada na teoria nos diversos relatos de pesquisa.

No Sexto e último Capítulo (Considerações finais) encontram-se apresentadas as conclusões o trabalho realizado, as implicações teóricas e as sugestões.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 COOPERATIVISMO

No decorrer da história da civilização humana, as pessoas sempre buscaram as mais variadas formas de convivência que lhes facilitaram a vida, que lhes proporcionaram as melhores condições de sobrevivência e que promoveram a sua prosperidade. A cooperação entre os indivíduos pode ser encontrada desde os estudos sobre as sociedades primitivas. Os povos primitivos buscavam através da cooperação entender as necessidades vitais do ser humano. Pode-se compreender que a origem da cooperação está na própria origem da humanidade, uma vez que a ajuda mútua e a cooperação também são encontradas nas formas de organização do trabalho coletivo e no domínio da vida econômica (OCB, 2005).

A história da humanidade mostra exemplos de trabalho e economia coletiva que se aproximam das cooperativas atuais. Há muito tempo os homens se deram conta da necessidade da união das pessoas para obterem os bens e serviços indispensáveis à sua sobrevivência. A idéia e a prática da cooperação aplicada à solução de problemas econômicos aparecem nas primeiras etapas da civilização.

Na Grécia antiga havia diversas formas de associações entre as quais se objetivavam a garantia do enterro e sepultura decente aos seus associados. Os babilônios se organizavam para explorarem a terra de forma coletiva, atendendo as suas necessidades básicas, muito antes de Cristo. Na América Central, indígenas organizavam-se em comunidades chamadas “ejidos”, hoje transformadas em cooperativas integrais de produção agrícola. Na América, os Incas (com os ayllus – unidade social baseada em vínculos de sangue e trabalho comum) e os Astecas (com os Calpulli – destinadas ao desenvolvimento da atividade agrícola em comum, semeavam e colhiam suas lavouras com instrumentos de propriedade coletiva) tinham formas expressivas de cooperação no trabalho e na vida em geral (RECH, 2000; PINHO, 2004).

Através da história percebe-se que os homens são eminentemente gregários e através da cooperação asseguram a sua sobrevivência. A cooperação é a atitude de ajuda voluntária entre as pessoas, a prática da cooperação educa o homem, substituindo o individualismo por

uma mentalidade mais aberta e participativa. Contudo, para que haja cooperação é necessário que indivíduos trabalhem unidos, objetivando o benefício de todos.

Uma forma de organização constituída através da cooperação é a cooperativa. O cooperativismo tem raízes no tempo, na história da humanidade em todas as épocas há registros de modelos de instituições econômicas bem próximas à fórmula cooperativista (PINAZZA e ALIMANDRO, 2001). O cooperativismo visa o aprimoramento do ser humano em todas as suas dimensões - social, econômica e cultural -, preocupa-se com a qualidade de seus produtos, busca o preço justo, preocupa-se com seu entorno e com o meio ambiente e procura construir uma sociedade mais eqüitativa, democrática e sustentável (VEIGA e FONSECA, 2001).

Como conhecemos atualmente, o cooperativismo, foi inspirado nas idéias dos socialistas utópicos⁵ que viram na cooperação um meio para resolver os seus problemas. A cooperativa é uma organização criada para atuar no mercado em nome de seus associados chamados de cooperados. Veiga e Fonseca (2001, p.39) definem cooperativa como “uma associação voluntária de no mínimo 20 pessoas, sem fins lucrativos, porém com fins econômicos, que exercem uma mesma atividade para realizar objetivos comuns [...]”. Para esses autores as cooperativas são compreendidas como unidade econômica e espaço de convívio e transformação dos seus integrantes, onde estes devem sempre estar articulados com as questões globais, nacionais e locais. Piccinini et all (2003, p. 1) define cooperativa como “uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida”. Sendo assim, os cooperados possuem responsabilidades perante a sociedade e a comunidade e principalmente para com os próprios cooperados. Com base na sua origem histórica, Pinho (2004, p.127) comenta que “as cooperativas são um misto de associação de pessoas e de empresa prestadora de serviços, sem

⁵ Socialistas utópicos: **Robert Owen** (1771-1858) - nasceu em Newton (Inglaterra) é considerado o pai do cooperativismo. Encarregado de dirigir uma fábrica de fiação, introduziu várias inovações, destacando-se de tal forma que se tornou co-proprietário. Owen dirigiu uma fábrica de fios de algodão em New Lanarck (Escócia) e a transformou em colônia modelo, trabalhou com sistemas de avaliação de desempenho, criou uma vila operária, reduziu a jornada de trabalho de 14 para 10 horas diárias e proibiu o trabalho de menores de 10 anos e implementou medidas previdenciárias. **Philippe Buchez** (1792-1865) – Nasceu na Bélgica, buscou criar um cooperativismo autogestionado, independente do governo ou de ajuda externa. Na França tentou organizar associações operárias de produção, que hoje são chamadas cooperativas de produção. **François Marie Charles Fourier** (1772-1858) – nasceu na França e foi o idealizador das cooperativas integrais de produção, criando comunidades onde os associados tinham tudo em comum. Estas comunidades eram chamadas de falanstérios. (BERNARDO-ROCHA, 1999; PINHO, 2004; OCB, 2005).

fim lucrativo, identificadas por valores ou características próprias”. Pode-se dizer que, por um lado a cooperativa atua como uma empresa garantindo o fomento da economia dos cooperados e por outro, atua como uma associação que promove socialmente os seus membros.

A história oficial do cooperativismo registra o surgimento das primeiras cooperativas no início do século XIX, tendo como referência a sociedade Inglesa, que vivia o impacto das transformações resultantes da revolução industrial. O progresso instaurado no século XIX, não ocultou os graves problemas sociais, que foram enfrentados pela classe trabalhadora tais como: extensas jornadas de trabalho, de dezesseis a dezoito horas; condições insalubres de trabalho; arregimentação de crianças e mulheres como mão-de-obra mais barata; e trabalho mal remunerado (OCB, 2005).

Assim, o cooperativismo europeu surge, como uma reação do proletariado aos problemas sócio-econômicos criados pelo liberalismo econômico, como parte de estratégia de sobrevivência. Segundo Bernardo-Rocha (1999, p.4) “naquele tempo, a cooperação se apresentava como uma forma alternativa de reparar as injustiças sociais decorrentes do ambiente competitivo do liberalismo econômico através de uma nova moral baseada na busca da justiça, na razão e na união de pessoas objetivando agir conjuntamente”. Nesse contexto, nasceu o embrião do cooperativismo moderno, representando, sobretudo, a organização dos trabalhadores para fazer frente às conseqüências sociais e econômicas do capitalismo.

1.1.1 A primeira cooperativa

A intranqüilidade social provocada pela mecanização da indústria que promovia o desemprego em massa e, conseqüentemente, a miséria coletiva tornou-se um campo fértil para a formação das mais variadas oposições ao liberalismo econômico. A primeira cooperativa oficialmente constituída surge em Rochdale – Inglaterra (1844), como resultado da iniciativa de vinte e oito operários do setor têxtil, que buscavam melhorar a sua precária situação econômica (SCHNEIDER, 1999). A idéia do grupo de tecelões em constituir a cooperativa foi tentar transformar um sonho em realidade. O grupo já estava cansado do autoritarismo e do modo como eram tratados pela lógica utilitarista e excludente do capitalismo exercido pelas empresas, então, os pioneiros inspiraram-se principalmente nas propostas e nas idéias de

Owen e Fourier, mudando o paradigma vigente através de um tipo de associação, na qual todos os participantes se beneficiariam e prosperariam – a cooperativa (SILVA, 2004).

Os pioneiros constituíram uma cooperativa de consumo, por encontrarem dificuldades financeiras para a compra de gêneros de primeira necessidade e resolveram se associar para a aquisição desses produtos em conjunto, conseguindo, assim, um melhor preço (VEIGA e FONSECA, 2001). A cooperativa dos pioneiros foi registrada em 24 de outubro de 1844, como Rochdale Society Of Equitable Pioneers Ltd. (sociedade dos povos pioneiros de Rochdale). Portanto, constituíram um armazém cooperativo que iniciou suas atividades comprando somente uma pequena quantidade de manteiga, farinha de trigo, aveia, açúcar e velas. A formação da primeira cooperativa tornou-se conhecida em todo o mundo, pelo tipo de organização que foi constituída e por ter proporcionado resultados positivos aos seus associados. Devido a esse fato, iniciativas como as dos pioneiros de Rochdale aconteceram em toda parte, motivadas pela exploração e pelo autoritarismo nas relações de trabalho nas empresas, objetivando minimizar os problemas sociais.

Os pioneiros de Rochdale não se limitaram a constituir a cooperativa, mas elaboraram, conjuntamente, todo um corpo de idéias e regras gerais, regulamentando o seu funcionamento, com base em princípios morais e de conduta, justificando, assim, a iniciativa. Em síntese, Veiga e Fonseca (2001, p 20) apresentam os objetivos que os pioneiros propunham alcançar:

Formação de um capital para a emancipação econômica do proletariado, mediante economia realizada sobre a compra em comum de gêneros alimentícios; Construção de casas para fornecer alojamento a preço de custo; Educação e luta contra o alcoolismo e a Cooperação integral, isto é, criação paulatina de pequenos núcleos, nos quais a produção e a repartição seriam organizadas, e multiplicação desses núcleos.

Os pioneiros passaram, então, a ser considerados inventores da moderna distribuição cooperativa de bens e consumo. Decorridos 160 anos desde a criação oficial da primeira cooperativa, elas, já existem em todo mundo e representam a possibilidade de superar dificuldades e alcançar objetivos comuns (OCB, 2005). O cooperativismo resistiu no tempo: sobreviveu a guerras e a mudanças profundas na economia, na política e na sociedade, multiplicou-se de forma vertiginosa e simultaneamente o ideal cooperativista se espalhou pelos cinco continentes, o crescimento vigoroso do número de cooperativas e de cooperados, fomentou a criação de uma entidade internacional que representasse a classe cooperativista.

Em 1895, com objetivo de dar continuidade a obra dos pioneiros, foi criada a ACI⁶ - Aliança Cooperativa Internacional. A fundação da ACI foi precedida por um intenso debate entre duas correntes de opinião, a primeira influenciada pelo cooperativismo de produção industrial e cooperativismo agrícola, a segunda liderada pelos cooperativistas partidários da primazia das cooperativas de consumo no processo de transformação da sociedade capitalista (SCHNEIDER, 1999). Para Pinho (2004) a missão da ACI possui quatro objetivos principais:

- a) Influir cooperativamente sobre as políticas governamentais e legislações nacionais;
- b) Ajudar o desenvolvimento institucional das cooperativas em nível nacional, reforçando e/ou ajudando-o a criarem organizações nacionais de cúpula para orientar as cooperativas;
- c) Concentrar-se no desenvolvimento dos recursos, em nível nacional e regional;
- d) Mobilizar recursos, estimular agências de desenvolvimento para suporte das cooperativas e coordenar os movimentos de assistência às cooperativas.

Segundo esta autora, compreende-se que tais objetivos encontram-se embasados na filosofia cooperativista, especialmente na solidariedade, na união dos povos para a prática do cooperativismo e no prolongamento do conceito rochdaleano de sociedade democrática e aberta, que presta serviços aos associados.

1.1.2 Ramos do cooperativismo

Hoje, o cooperativismo é reconhecido e aceito em quase todos os países do mundo, como forma para atender aos reais interesses da comunidade. As organizações cooperativas são empreendimentos que compreendem tantas variedades quantas são as necessidades possíveis de serem atendidas em uma economia moderna. Portanto, existem os mais variados ramos de atividades de cooperativas, todavia, na atividade comum das cooperativas, os ramos mais conhecidos do público em geral são: agropecuário; consumo; crédito; educacional; infra-

⁶ A ACI – Aliança Cooperativa Internacional foi fundada em Londres em 1895, especialmente por iniciativa de líderes cooperativistas ingleses, franceses e alemães. O objetivo da ACI era criar um órgão representativo em nível internacional, que intensificasse o intercâmbio entre as cooperativas dos diversos países. Atualmente a ACI possui sua sede em Genebra, Suíça, sendo o órgão de representação das cooperativas do mundo inteiro (SCHNEIDER, 1999; PINHO, 2004).

estrutura; habitacional; mineral; produção; saúde; trabalho; turismo e lazer; transporte de cargas e passageiros (OCB, 2005).

As cooperativas podem ser classificadas também pelo setor de atividade econômica. Neste sentido, Irion (1997) considera os três setores da economia, a produção, as finanças e o consumo, agrupando as cooperativas da seguinte forma:

- a) Na produção estão as cooperativas de produção primária (agropecuária, extrativismo e de captura), as de produção secundária (indústria de bens) e as de produção terciária (trabalho e serviço);
- b) Nas finanças atuam cooperativas de crédito, poupança e seguros;
- c) No consumo ou distribuição encontramos cooperativas de consumidores de bens e de consumidores de serviços.

Ramo	Cooperativas	Cooperados	Empregados
AGROPECUÁRIO	1.519	940.482	110.910
CONSUMO	158	1.920.311	7.219
CRÉDITO	1.115	1.439.644	23.291
EDUCACIONAL	303	98.970	2.874
ESPECIAL	7	2.083	6
HABITACIONAL	314	104.908	2.472
INFRA-ESTRUTURA	172	575.256	5.500
MINERAL	34	48.830	35
PRODUÇÃO	113	9.559	315
SAÚDE	878	261.871	23.267
TRABALHO	2.024	311.856	4.036
TURISMO E LAZER	12	396	2
TRANSPORTE	706	48.552	2.099
TOTAL	7.355	5.762.718	182.026

Tabela 1: Ramos de atividades do cooperativismo no Brasil

Fonte: (OBC, 2005)

A tabela 1 apresenta os dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)⁷ sobre o ramo de atividade das cooperativas, a quantidade de cooperativas e seus respectivos números de cooperados e funcionários (posição em dezembro/2003). Apesar das cooperativas de trabalho se apresentarem em maior número, pode-se notar a importância do cooperativismo

⁷ OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras, criada em 1971, pela Lei 5.764, é uma sociedade civil de natureza privada, sem fins lucrativos de duração indeterminada, com sede e foro na Capital Federal. Segundo o Art. 105, cabe-lhe fixar as diretrizes políticas do sistema cooperativo; contribuir para o aperfeiçoamento da legislação cooperativista; subsidiar o governo na tomada de decisões e medidas referentes ao sistema cooperativo; estabelecer parâmetros e arrecadar a contribuição cooperativista; manter relações de integração entre os Ramos, Órgãos Cooperativistas do País e do Exterior; exercer a representação sindical patronal das cooperativas, assumindo todas as prerrogativas de Confederação Patronal. Cabe-lhe também, o registro e o cadastramento das cooperativas brasileiras (PINHO, 2004).

agropecuário no contexto nacional, ficando em segundo lugar em quantidade de cooperativas e em primeiro, quando se refere ao número de empregados.

1.1.3 A evolução do cooperativismo no Brasil

O cooperativismo no Brasil surgiu em 1891, no setor de consumo. Constituiu-se no final do século XIX a Associação Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica, em Limeira, sendo esta considerada a primeira cooperativa brasileira (BERNARDO-ROCHA,1999). Porém, foi só no começo do século XX que começaram a aparecer às primeiras cooperativas, inspiradas em modelos trazidos por imigrantes. Ao longo da história o cooperativismo brasileiro não foi efetivamente apoiado, sempre havendo quem se preocupasse em limitar as suas possibilidades. Um outro problema do cooperativismo brasileiro encontra-se nos limites impostos pelos poderes públicos e pela pouca tradição de iniciativas econômicas coletivas (RECH, 2000). Bernardo-Rocha (1999, p.39) comenta que:

Somente em 1932, a partir do Decreto-Lei 22.239/32, é que os princípios dos Pioneiros de Rochdale passaram a vigorar, legalmente, no Brasil. Desde os anos 30, as cooperativas no Brasil estiveram sob o comando do estado seja através da elaboração das normas de criação e funcionamento seja através da fiscalização.

Bernardo-Rocha (1999) comenta ainda que o Decreto–Lei 22.239/32 foi revogado em 1966 pelo Decreto-Lei 59/66, o qual foi revogado pela Lei 5764/71, encontrando-se em vigor até os dias atuais. Para essa pesquisadora, esta Lei proporciona às cooperativas brasileiras, meios para atuar de forma mais dinâmica no mercado, mantendo os princípios cooperativos Rochdaleanos⁸ como fio condutor.

No Brasil as cooperativas mais comuns são as agrárias, agrícolas ou agropecuárias, elas têm por objetivo organizar as atividades econômicas e sociais dos seus sócios. A cooperativa agrícola surgiu no Brasil nas primeiras décadas do século XX, fruto da iniciativa de pequenos produtores, que se reuniram para proceder a comercialização em comum de seus produtos, objetivando ampliar sua margem de lucro através da eliminação dos intermediários (FLEURY, 1983). As cooperativas agropecuárias são formadas por produtores rurais, que procuram

⁸ Princípios rochdaleanos – Refere-se aos princípios criados pelos pioneiros de Rochdale, que vêm inspirando a atividade cooperativista do mundo inteiro, há mais de um século e meio. As normas ou os princípios formulados pelos pioneiros nos estatutos primitivos foram: democracia, livre adesão, liberdade para sair da cooperativa, compras e vendas à vista, juro limitado ao capital e retorno das sobras (SCHNEIDER, 1999).

aperfeiçoar o processo de produção, bem como obter preços melhores para seus produtos, eliminando o atravessador e vendendo diretamente ao consumidor. É importante ressaltar, que no Brasil, o cooperativismo é considerado uma importante força econômica, movimentando 6% do PIB (SAPOVICIS e SOUZA, 2004).

Ultimamente, as cooperativas de produtores rurais estão abrindo seções de consumo em lojas, feiras, pequenos supermercados, para atender às necessidades dos cooperados e mesmo da sociedade em geral (VEIGA e FONSECA, 2001). Junqueira e Trez (2004) salientam que o movimento cooperativista, conhecido e implementado há algum tempo nos países mais adiantados, desenvolveu-se no Brasil, principalmente, com foco nas cooperativas agropecuárias. Ao se referir sobre as cooperativas agropecuárias, Dalpasquale (2001, p.23) comentou que:

Foi em meados deste século que o cooperativismo de produtores rurais adquiriu pujança no Brasil. O governo estabelecera políticas avançadas de desenvolvimento, era preciso dilatar as fronteiras agrícolas e ampliar a ocupação do território nacional. Foram as cooperativas agropecuárias as grandes organizadoras de comunidades e parceiras fiéis do Estado na construção do desenvolvimento. O crescimento dos processos cooperativos no setor rural impulsionou o desenvolvimento dos demais ramos nas cidades – crédito, habitação, educação, saúde, produção industrial, trabalho profissional e prestação de serviços. Mais e mais pessoas passam a entender a vantagem de se tornarem empreendedoras em grupos solidários para enfrentar as exigências, as agruras até, que o mundo globalizado trouxe.

Para Rech (2000), as organizações cooperativas agrárias ou agropecuárias dedicam-se mais frequentemente a:

- Vender em comum a produção entregue pelos sócios. No processo da venda, a cooperativa pode se encarregar de classificar, padronizar, manter em depósito ou armazenamento, beneficiar ou industrializar os produtos recebidos, sempre visando encontrar e obter os melhores preços do mercado;
- Distribuir aos sócios bens de produção e utilidades necessário às suas atividades agropecuárias, bem como intermediar o abastecimento de gêneros alimentícios, roupas e outros produtos para a casa e a família;
- Oferecer serviços na área de produção, pesquisa, assistência técnica, administrativa, social e educacional; e
- Promover a integração entre os associados e suas famílias e a inter-relação com a comunidade em que estão inseridas.

Basicamente, uma cooperativa agropecuária tem como objetivo organizar em comum e em maior escala os serviços econômicos e assistenciais de interesse de seus associados, integrando e orientando suas atividades, bem como facilitando a utilização recíproca dos serviços. Para Rech (2000) os maiores exemplos desse tipo de cooperativa estão nas grandes organizações cooperativas que se dedicam a atividades diversificadas, tais como a Coamo do Paraná, a Cotrijui do Rio Grande do Sul e as Centrais de Cooperativas de Leite. Pode-se acrescentar ainda, a Cocamar – Cooperativa Agroindustrial (do Paraná). A cooperativa agroindustrial, assim como qualquer outra, apresenta finalidades econômicas e sociais. A econômica resulta da atividade da cooperativa como organismo de produção, distribuição, repartição de rendas e execução de políticas de desenvolvimento. Portanto, para atingir tais finalidades, a empresa cooperativa, precisa ser competitiva para atuar no mercado.

No Brasil, manter uma postura mais competitiva requer das organizações cooperativas, além da revisão dos seus processos e estratégias, a adoção de estruturas organizacionais adequadas aos objetivos da organização e às condições do seu ambiente, o que significa escolher uma estrutura capaz de manter seu papel de sistema produtivo centrado no homem e, ao mesmo tempo, tornar-se uma organização capaz de competir com empresas de outra natureza com orientação para o mercado (SANTOS, 2000). Para tanto, as cooperativas agrícolas necessitam de uma gestão flexível que lhes permita adequar-se às regras do mercado enquanto empresa econômica e ainda, conservar seus valores e princípios, mantendo sua originalidade enquanto organização social.

Neste sentido, Pinazza e Alimandro (2001, p.11) argumentam que: “nada impede que as cooperativas operem práticas administrativas das empresas capitalistas. O fundamental é o equilíbrio e a manutenção dos princípios essenciais”. Esses autores consideram ainda, que as cooperativas que atendem apenas o lado social comprometem a sobrevivência econômica e vice-versa. Porém, as cooperativas devem atuar no mercado sem perder sua identidade, enquanto organização social e econômica, os princípios cooperativos devem abarcar as mudanças oriundas do processo competitivo e proporcionar as cooperativas flexibilidade e agilidade no processo decisório.

As cooperativas agrárias ou agropecuárias que se mantêm hoje em dia são as que passaram da situação de cooperação pura para a de grandes empresas, onde a maioria das características da

cooperação foram substituídas por administrações centralizadas, exercício de poder capitalizado e intervenção no mercado de forma agressiva. O que, praticamente não as diferenciam das grandes sociedades comerciais (RICH, 2000). Mesmo competindo em um mercado livre e globalizado, as cooperativas agrícolas, também são organizações formadas por associações de pessoas que se agrupam voluntariamente para atingir um objetivo comum.

TRIGO	62,19%
CEVADA	44,19%
LEITE	39,70%
AVEIA	39,21%
ALGODÃO	38,91%
SUÍNOS	31,52%
SOJA	29,40%
CAFÉ	27,97%
ALHO	22,47%
UVA	19,17%
MILHO	16,68%
ARROZ	11,36%
FEIJÃO	11,18%

Tabela 2: Participação das cooperativas na produção agrícola brasileira.

Fonte: OCB (2005) - Posição em dezembro/2003.

O propósito da tabela 2 é salientar a importância das cooperativas de produção agrícola no Brasil, visto que os dados apresentados são resultados das condições competitivas onde estão inseridas as organizações cooperativas. É importante salientar ainda, que as cooperativas competem no mercado com empresas mercantis, o diferencial encontra-se na qualidade, na produtividade e na gestão. A gestão de uma cooperativa, freqüentemente, parte dos pressupostos de que todas as suas características e normas de funcionamento já estão definidas pelos princípios cooperativistas ou pela legislação pertinente. Ao se tratar de uma cooperativa agroindustrial, notamos que os pressupostos partem da competitividade da organização, da incorporação de novas tecnologias e profissionalização, para atuarem em um mercado globalizado, onde as empresas do agronegócio buscam um espaço mercadológico cada vez maior.

1.1.4 Cooperativa *versus* empresa mercantil

Para ajudar na definição da forma que um empreendimento deve tomar e suas principais características, e com o intuito de apresentar as diferenças entre uma cooperativa e uma

empresa mercantil, Veiga e Fonseca (2001) estabelecem as diferenças apresentadas no quadro a seguir:

Sociedade cooperativa	Sociedade mercantil
É uma sociedade de pessoas que funciona democraticamente.	É uma sociedade de pessoas de capital que funciona hierarquicamente.
Mínimo de 20 pessoas.	Mínimo de 1 pessoa.
Seu objetivo principal é a prestação de serviços aos seus associados.	Seu objetivo principal é o lucro
O associado é sempre dono e usuário da sociedade.	Os sócios vendem seus produtos e serviços a uma massa de consumidores.
Cada associado tem direito a um voto nas assembleias gerais. As associações entre cooperados se dão em cima de propostas.	Cada ação ou quota corresponde a um voto nas assembleias. Aqui as associações se dão majoritariamente entre os que detêm mais capital na empresa.
O controle é democrático.	O controle é financeiro.
As cotas não podem ser transferidas a terceiros.	As ações ou quotas podem ser transferidas a terceiros
Afasta ou disciplina as ações dos intermediários.	São, muitas vezes, os próprios intermediários.
Os resultados retornam aos associados de forma proporcional às operações efetuadas com a cooperativa.	Dividendos retornam aos sócios proporcionalmente ao número de ações de cada um.
Aberta à participação de novos associados.	Pode limitar a quantidade de acionistas.
Defende preços justos.	Defende o maior preço possível.
Promove integração entre as cooperativas.	Promove concorrência entre as empresas.
O compromisso é educativo, social e econômico.	O compromisso é puramente econômico.
Nas assembleias gerais, o quorum é baseado no número de associados presentes.	Nas assembleias gerais, o quorum é baseado no capital presente.

Quadro 1: Diferença entre uma cooperativa e uma empresa mercantil

Fonte: Veiga e Fonseca (2001, p.77)

A principal diferença entre uma cooperativa e uma empresa comum é a forma de decidir sobre os fins da organização. Na empresa, quanto mais capital individual é investido, mais influência pessoal se tem sobre o que, como e quanto produzir. Na cooperativa, todos têm o mesmo poder, independente dos investimentos de cada um. Referindo-se às sociedades cooperativas e as sociedades de capitais Bernardo-Rocha (1999, p.13) salientou que:

Do ponto de vista do fator remunerado, por exemplo, sociedades de capitais e sociedades cooperativas são diferentes. Enquanto as primeiras remuneram um capital, as segundas remuneram uma matéria-prima, um trabalho, um bem ou um serviço final. Ao contrário das demais empresas, a cooperativa

não se estrutura visando a acumulação de capital. O capital é necessário à cooperativa assim como as demais empresas, entretanto, a finalidade primeira da cooperativa não é o capital, ou seja, o poder do produtor associado a uma cooperativa não emana do montante de capital que este produtor possui.

Vale ressaltar que o sucesso organizacional e econômico de todo ou qualquer tipo de cooperativa depende do envolvimento de todos os seus integrantes, da qualidade de sua gestão e dos recursos aplicados, o que torna a cooperativa tão competitiva quanto uma empresa comum. Silva (2004, p.179) lembra que:

Ainda que a cooperativa seja uma organização econômica, gerenciada através de uma outra lógica, que não a de mercado *versus* lucro, deve ser financeiramente auto-sustentável para permanecer no ambiente do mercado, sendo eficiente, eficaz e efetiva. Visam a oferecer produtos e serviços de acordo com o que outras empresas que seguem a lógica de mercado e da competitividade fazem. As cooperativas são organizações solidárias, mas ainda que preservem seus princípios e valores de solidariedade, utilizam técnicas de racionalização e instrumentos gerenciais, como planejamento e controle, também utilizados nas empresas do sistema capitalista.

Compreende-se que os participantes de uma cooperativa devem acompanhar continuamente o processo de gestão. Muitas organizações cooperativas que atentaram para a atuação gerencial dos gestores prosperaram e se transformaram em grandes empreendimentos, economicamente poderosos e eficientes, sendo organizações voltadas para o social, fundamentando-se em valores e princípios, e não podendo deixar de lado a viabilidade econômica e a sua inserção em um mercado cada dia mais globalizado. Assim, as cooperativas evoluíram como forma de solucionar os problemas ocasionados pela competitividade gerada pela modernidade.

O movimento cooperativo evoluiu muitas vezes impulsionado pelas transformações, pelos contratos e incertezas que a globalização acarreta, uma vez que a organização cooperativa também é um agente de transformação social, influenciando e sofrendo influências dos atores da sociedade. Referindo-se a este assunto, Junqueira e Trez (2004, p.1) afirmam que:

A globalização também contribuiu para aumentar os contrastes, as incertezas e o acirramento da competição na economia por um lado, e por outro, o domínio de oligopólios em muitos mercados, ocasionando a ausência de concorrência, a possibilidade de impor preços e produtos segundo os interesses de alguns grupos empresariais que se espalham pelo mundo.

Neste sentido, podemos afirmar que a globalização não é um fenômeno novo, assim como não é, o movimento cooperativista ao redor do mundo. Porém, a globalização é um fenômeno real, é um processo em andamento, ninguém a engendrou, possui uma propulsão própria, é resultado da competitividade mundial dos mercados, e que torna o mundo ainda mais competitivo, onde predominam as novas tecnologias da produção, da informação, das técnicas e da comunicação. Karkotli e Aragão (2004, p.13) argumentam que “as forças que movem à globalização estão presentes na produção, no comércio, no consumo, na tecnologia, na informação, em praticamente todos os segmentos da atividade humana contemporânea, influenciando na criação de novos hábitos e diferentes visões de mundo”. Para estes autores, a consequência imediata dos efeitos gerados pela globalização, vem sendo percebida através de manifestações concretas em que se alteram papéis das pessoas, empresas e até mesmo de países, influenciando a gestão das empresas a assumirem novos compromissos, que transcendem a ordem econômica, ampliando as suas obrigações na promoção do bem-estar da sociedade como um todo.

Enquanto a globalização promove o livre mercado, conseqüentemente aumentam a cada dia as disparidades de riqueza entre as classes sociais, as organizações cooperativas vêm se moldando, crescendo e buscando resolver muitos dos problemas criados pela globalização dos mercados. Mesmo atuando nesse ambiente competitivo, constituído de empresas que visam o lucro, contemplado pelas mais diversas práticas e convivendo com situações econômicas e sociais diferenciadas, as cooperativas procuram defender e preservar seus valores e princípios.

1.1.5 Os valores e os princípios cooperativos

Para não perder suas características próprias, o cooperativismo apóia-se nos valores básicos, que para Pinho (2004) são geralmente divididos em dois grupos: valores de identidade, conhecidos pela equidade, igualdade, justiça social, liberdade e democracia; e os valores de referência, conhecidos como princípios cooperativos – nascidos da experiência de Rochdale.

A este respeito Irion (1997, p.47) salienta que “os valores e os princípios, juntos com as idéias gerais, constituem a base doutrinária do cooperativismo. Os primeiros caracterizam-se por seu caráter abrangente e perene no tempo. Os segundos interpretam os primeiros e se adaptam ao tempo e lugar”. Compreende-se então, que os valores possuem uma escala superior na

hierarquia da doutrina cooperativista, uma vez que os princípios interpretam os valores e os transformam em ações.

1.1.5.1 Valores

Os valores, na visão das ciências sociais, são concepções do que é desejável e influem no comportamento coletivo. Os valores, enquanto padrões ou critérios para estabelecer o que deve ser considerado como desejável assentam as bases para a aceitação ou a rejeição de normas particulares (SCHNEIDER, 1999).

A solidariedade constitui a base da cooperação. Empreendimentos cooperativos exigem pessoas solidárias, dispostas a estabelecer vínculos entre si, baseando-se no apoio mútuo, no sentido recíproco de união e de responsabilidades conjuntas.

A liberdade preconizada no cooperativismo não se restringe ao direito de ingresso ou saída da cooperativa, diz respeito também, a liberdade de participar na escolha dos dirigentes, de definir os objetivos e as políticas da organização, de controlar a execução das decisões, sem interferência de poderes externos, especialmente do Estado (SCHNEIDER, 1999).

A democracia possui o significado de participação em todas as reuniões, do direito de opinião, da oportunidade do exercício das funções diretivas, do respeito ao direito das pessoas, ainda que divergentes, do direito ao voto e da adoção pelo quadro social de regras dentro dos preceitos estatutários e legais. Democracia pressupõe a manifestação da vontade coletiva.

A justiça social no cooperativismo se faz promovendo as pessoas, não só pela promoção econômica dos associados, mas também, pela promoção da educação, cultura, qualidade de vida, oportunidades de trabalho e de realização pessoal.

A equidade possui três vertentes: associativa, econômica e a social. A associativa estabelece deveres e direitos gerais e iguais para todos os sócios; a econômica preconiza a participação do associado nos negócios cooperativos e na sustentação da entidade; a social obriga dentro das limitações da cooperativa, assistir os associados de forma equânime, sem qualquer tipo de

discriminação (IRION, 1997). Reafirmando estes valores, as cooperativas se fortalecem e enfrentam os efeitos da globalização.

1.1.5.2 Princípios

Sabendo-se que a globalização contribuiu para aumentar os contrastes sociais provocados pelo capitalismo e pela redução da capacidade do Estado em atender as necessidades sociais básicas e que, a globalização e a revolução tecnológica potencializam uma nova forma de se conquistar o mercado, gerando uma maior concorrência entre as organizações, observa-se que os princípios cooperativos não são inflexíveis, por isso podem ser adaptados. Os que estão em vigência nos dias atuais, encontram-se ajustados à nova realidade social. Segundo Bernardo-Rocha (1999, p.15) “os princípios cooperativos foram sendo modificados tendo em vista, principalmente, a evolução do mercado num sentido cada vez mais competitivo”. Para Irion (1997, p.54) “os princípios cooperativistas não são dogmas e conseqüentemente são mutáveis, como o demonstram as revisões da ACI [...] a doutrina cooperativista necessita de criatividade e de adaptação ao longo do tempo e espaço, pois em cada época e em cada região as economias e as necessidades sociais são peculiares”. Segundo este autor, enquadrar os princípios cooperativos na categoria de dogmas impede sua adaptação ao meio social e a capacidade das cooperativas servirem às comunidades locais.

As cooperativas como quaisquer outros empreendimentos sofrem influências e determinações externas que exigem que elas se adaptem de várias maneiras à competição no mercado, aos consumidores, à legislação e tributação em vigor. Portanto, o cooperativismo vem se moldando de forma que se faça adaptar às atuais condições de mercado, no qual a competição se coloca como uma imposição circunstancial.

Ao incorporar os princípios, compreende-se que as cooperativas constituem-se em organizações apoiadas na solidariedade e no compromisso social. Os atuais princípios que regem o cooperativismo podem ser elencados da seguinte forma:

1º - Princípio da adesão voluntária e livre – É o princípio do tratamento indiscriminado. Desde o Congresso da ACI, em Viena (1930), optou-se pelo termo indiscriminação social, racial, política ou religiosa e de gênero, para ingresso na cooperativa. Nas palavras de Veiga e

Fonseca (2001, p.43) “este é um princípio democrático e garantido pela nossa Constituição que diz que ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado [...]”. Esse princípio estabelece que as cooperativas são organizações voluntárias, formadas pela iniciativa dos interessados, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, ao mesmo tempo em que se faz perfeitamente livre para deixá-la, sem prejuízo, ou em caso de adesão por cota-parte em dinheiro, ser ressarcida pelo investimento inicial.

2º - Princípio da gestão democrática pelos membros – As cooperativas são organizações, controladas pelos seus membros. Sendo assim, deve-se fazer valer esse princípio, para o controle e organização democrática das atividades, negócios e estrutura da cooperativa, com o propósito de que participem ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Através da gestão democrática dos membros, torna-se clara a distinção fundamental entre as cooperativas e as sociedades comerciais.

Nas empresas comerciais, o sócio é portador de múltiplos votos, com pesos proporcionais ao capital investido no empreendimento; nas cooperativas, esse princípio, garante o direito a um voto para homens e mulheres, podendo ser feita de maneira formal, quando nas assembleias gerais ordinárias e extraordinárias, bem como de maneira informal, pelas reuniões, pelos contatos pessoais, encontros e seminários. Sapovicis e Souza (2004) salientam que uma cooperativa realmente democrática existe quando os sócios participam ativamente da definição de suas políticas. Portanto, todos os associados têm igualdade de votos, independentemente da sua condição financeira (IRION, 1997; BORGES, 2001). Conforme Irion (1997, p.65-66) “A palavra democracia traz na sua raiz grega o prefixo *demo* que significa povo ou pessoas, portanto envolve gente e não pode se referir a um bem. Nas cooperativas as pessoas predominam e o capital não tem vontade. É por isso que só as cooperativas podem ser consideradas como entidades democráticas”. Para este autor, o princípio da gestão democrática pelos membros, incorpora o antigo princípio “uma pessoa – um voto” existe para expor a preocupação da ACI e dos cooperativistas, que a cooperativa realmente democrática existe, quando os sócios participam ativamente do estabelecimento de suas políticas e tomada de decisão.

3º - Princípio da participação econômica dos membros – Os cooperados contribuem de forma equitativa para o capital de suas cooperativas e controlam-no democraticamente (VEIGA e FONSECA, 2001; PINHO, 2004). Parte desse capital é propriedade comum das cooperativas. Usualmente, os sócios recebem juros limitados (se houver algum) sobre o capital, como condição da sociedade. O capital do sócio é restituível nos casos de demissão, exclusão ou eliminação, mas a devolução é obrigatoriamente imediata e se realiza após a primeira. Os sócios destinam as sobras aos seguintes propósitos: desenvolvimento das cooperativas, possibilitando a formação de reservas, retorno aos sócios na proporção de suas transações com a cooperativa e apoio a outras atividades que forem aprovadas pelos sócios (IRION, 1997).

4º - Princípio da autonomia e independência: as cooperativas são organizações autônomas de ajuda mútua controladas por seus membros. A Constituição Federal, no inciso XVIII do artigo 5º, garante este princípio “a criação de associações e, na forma da Lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada à interferência estatal em seu funcionamento”. A cooperativa, uma vez autônoma, tende a fazer valer o princípio, da participação democrática, cabendo apenas aos membros as decisões sobre o futuro e negócios da mesma, jamais a uma entidade que se aproxime, desejando ou não o controle de suas atividades (BORGES, 2001; PINHO, 2004). Segundo Irion (1997, p.177), pode-se compreender que “ser independente é rejeitar a submissão e que a independência é uma qualidade reativa em uma relação ao meio exterior [...]” é importante lembrar que o cooperativismo surgiu em reação aos problemas sociais gerados pelo capitalismo, demonstrando assim uma forma de autonomia. Portanto, argumenta-se que a autonomia é a capacidade de estabelecer as próprias leis, normas, regimes e garantir sua autosustentação.

5º - Princípio da educação, treinamento e formação: As cooperativas proporcionam educação e treinamento para os sócios, dirigentes eleitos, administradores e funcionários, de modo a contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento. Eles deverão informar o público em geral, particularmente os jovens e os líderes formadores de opinião, sobre a natureza e os benefícios da cooperação (RECH, 2000; VEIGA e FONSECA, 2001; CRÚZIO, 2000, BORGES, 2001; PINHO, 2004). Este princípio destaca a necessidade de se constituir uma reserva, a partir dos excedentes que a cooperativa obteve, destinando um percentual na promoção da educação e a formação dos seus membros (BORGES, 2001). Para atender este

princípio, cabe a cooperativa promover educação e formação técnica dos membros da cooperativa, de forma que contribua para a eficácia operacional e estimule o ensino do cooperativismo. Para tanto, toda cooperativa terá de aplicar pelo menos 5% das sobras líquidas do exercício financeiro em educação, assistência técnica e social dos seus cooperados, familiares e funcionários (VEIGA e FONSECA, 2001). Segundo Irion (1997, p.124):

O conceito de educação cooperativista nunca se limitou à exclusiva divulgação da doutrina cooperativista. [...] a ACI e a Lei, consideram a educação [...] no sentido amplo, compreendendo educação formal, treinamento, formação profissional e informação, cultura e conhecimento doutrinário. A **educação cooperativista** de caráter doutrinário é apenas um dos componentes do processo.

Este autor considera que, para elevar a cultura e a educação doutrinária, não basta a melhoria econômica dos associados nem a formação doutrinária, é preciso completá-la elevando o nível de conhecimento dos sócios, funcionários e inclusive familiares.

6º - Princípio da cooperação entre cooperativas: as cooperativas atendem seus sócios mais efetivamente e fortalecem o movimento cooperativo, trabalhando juntas através de estruturas locais, regionais e internacionais (VEIGA e FONSECA, 2001; PINHO, 2004). Irion (1997, p.133) destaca “na prática, a cooperação entre cooperativas evolui por três fases: a primeira de mútuo apoio, a segunda de trabalho conjunto e a terceira da criação de estruturas especializadas para complementar e suplementar a ação das cooperativas com a finalidade de melhor servir os sócios”. A integração entre as cooperativas tende a condução de uma cooperação interinstitucional, proporcionando-lhes a uma unidade maior, favorecendo a constante expansão do movimento cooperativo.

7º - Princípio da preocupação com a comunidade: as cooperativas trabalham pelo desenvolvimento sustentado de suas comunidades, através de políticas aprovadas por seus membros (VEIGA e FONSECA, 2001; PINHO, 2004). Nada mais apropriado, que a doutrina declare sua preocupação com a sociedade, colocando-a como princípio doutrinário, uma vez que o cooperativismo nasce em meio às crises sócio-econômicas do século XIX, e ao longo do tempo, demonstra que o movimento cooperativista se implanta e cresce para resolver situações adversas da população. Irion (1997, p.149) argumenta que:

O trabalho das cooperativas pelo desenvolvimento sustentado de suas comunidades é comprovado pelas repercussões econômicas que produzem e se constata como regra que em todos países, inclusive no Brasil, onde existe

maior concentração de cooperativas em relação à densidade da população, está a melhor distribuição de renda.

Mesmo que, no início as cooperativas estivessem voltadas exclusivamente para seu ambiente interno por serem instituições incipientes, apresentando pouco significado para a economia local, na medida em que ela se organiza, se expande e cresce em número de associados, amplia seus negócios e consolida sua estrutura, aumentando de importância. Dessa forma, o padrão econômico e social dos associados melhora, a cooperativa gera novos empregos, abre o mercado para a produção ou cria novas oportunidades de trabalho para os cooperados, atua como vetor de estímulo aos novos negócios de toda comunidade, beneficiando indiretamente os não-associados (IRION, 1997).

Em última instância, a cooperativa amadurece de tal forma, que os benefícios da cooperação transcendem o quadro de cooperados. Nesse momento, a cooperativa apresenta um relacionamento intercooperativo em nível local, nacional ou até mesmo internacional, apresenta uma preocupação maior com ecologia, com a educação da população, com a saúde, com a moradia. Sendo assim, preocupa-se com a qualidade de vida da comunidade. Complementando, Borges (2001, p. 135) esclarece que “a cooperativa que se funde em tal princípio deve privilegiar os membros das comunidades, dando-lhes a devida atenção e auxílio, através de políticas desenvolvidas pela cooperativa”. Nota-se que quando a cooperativa chega nesse estágio busca através de projetos sociais atender às necessidades da comunidade.

Os princípios cooperativos mostram que as organizações cooperativas, além de suas particularidades de entreajuda, possuem um compromisso com a comunidade, melhoram a qualidade de vida, e atuam como agentes de mudança humana, econômica e social. A condição humana e social no cooperativismo é colocada em primeiro plano. Assim, a cooperativa passa a ser um forte ator social, provedor do bem-estar social.

Portanto, organizações cooperativas assumem suas responsabilidades para com a sociedade, desenvolvendo programas de proteção ambiental, cultural e educacional. Desta forma desempenham um papel importante no desenvolvimento econômico e social de um país, através de suas ações responsáveis, visando o desenvolvimento da sociedade. O princípio da

educação, treinamento e formação e o princípio da preocupação com a comunidade, representam uma parte significativa da função social da cooperativa.

A evolução dos princípios cooperativistas compreende além das responsabilidades tradicionais outras responsabilidades bem mais amplas, a do bem-estar social do homem, quando assumem o princípio da comunidade, afirmando-se como provedora do bem comum. Isto é, apresenta-se com um novo e importante papel, que vai além dos limites da organização interna, atingindo com seus benefícios a comunidade e outras cooperativas.

Portanto, compreende-se que os princípios convergem no sentido de que as cooperativas tenham uma função social a cumprir com a sociedade, contemplando ações de gestão voltadas para ações de responsabilidade social. Possuindo assim, atribuições que as remetem a um comportamento socialmente responsável, de forma que, as decisões tomadas em cumprimento dos princípios, possam promover o bem-estar social, tanto para os cooperados e funcionários como também, para a comunidade.

Ao se reportar à responsabilidade social, pode-se dizer que, muito destaque tem sido dado às pesquisas recentes que tratam de gestão administrativa abordando as significativas mudanças no ambiente organizacional que levam a entidade ao reconhecimento social. A expansão da noção de responsabilidade social das empresas nos últimos anos tem levado pesquisadores, empresários, atores sociais em geral, a um interesse maior pela sua conceituação, implicando em investigações sobre as particularidades desse fenômeno, revendo os papéis dos principais atores responsáveis por respostas aos problemas sociais e ambientais.

1.2 RESPONSABILIDADE SOCIAL

Neste tópico, será tratados a origem da responsabilidade social empresarial e conceitos mencionados por autores que corroboram com o estudo em questão. Tendo como foco nesta parte a Responsabilidade Social, discutir-se-á suas relações com assuntos considerados fundamentais para entender a prática da Responsabilidade Social nas organizações, tais como: desenvolvimento sustentado; cidadania empresarial; ética empresarial; práticas filantrópicas e apoio à comunidade.

No âmbito da discussão que se realiza nesta pesquisa, os autores citados, ora se apropriam do termo Responsabilidade Social Empresarial, ora Responsabilidade Social Corporativa, não apresentando diferenças entre os termos. Sendo assim, abordaremos os termos como sinônimos, ou seja, a responsabilidade social se encontrará vinculada as organizações empresariais. Portanto, não entraremos na discussão sobre diferenças entre estes [termos], pois os autores discutem a perspectiva da responsabilidade social unicamente no contexto empresarial. Muito embora, o termo responsabilidade social pode estar também vinculado a uma abordagem psicológica, mas, no entanto, trataremos a responsabilidade social em uma perspectiva empresarial.

1.2.1 Responsabilidade Social – Origens e conceitos

A responsabilidade social vem se apresentando de forma bastante difundida no âmbito das organizações ao longo dos últimos cinquenta anos. O interesse dos administradores, pelo tema tem crescido substancialmente, e este também vem atraindo a atenção da sociedade como um todo. Segundo Pereira e Rezende Pinto (2004, p.154) “o marco no campo da responsabilidade social foi o lançamento nos Estados Unidos, em 1953, do livro *Responsability Of The Businessman*, de Howard R. Bowen”. Bowen (1957, p.14-15) foi quem primeiramente relacionou a responsabilidade social aos homens de negócios (empresários; administradores) referindo-se “as obrigações dos homens de negócios de adotar orientações, tomar decisões e seguir linhas de ação, que sejam compatíveis com os fins e valores de nossa sociedade”. Esse autor argumenta que a responsabilidade social dos homens de negócios só tem significação quando relacionadas com as metas ou valores que buscamos através de nosso sistema econômico. A proposta de Bowen era para que as ações dos administradores de empresas tivessem que ser voltadas aos objetivos e valores da sociedade, apresentava-se como uma proposta inversa – ao invés do empresário zelar pela riqueza e decidir co aplicá-la , ele deveria refletir objetivos e valores sociais e buscar promovê-los. Sendo assim a questão da responsabilidade social das empresas foi incorporada, muitas vezes, a contragosto, à realidade dos gestores (CURADO, 2003).

Desde então, a responsabilidade social vem sendo discutida e apresentada por muitos pesquisadores do assunto. Alves (2003) menciona que a divulgação e a popularização do

conceito ocorreram no início dos anos 60 (século XX) nos Estados Unidos da América, a partir do final da década de 60 na Europa e no final dos anos 70 e início dos anos 80 no Brasil, nesta década, o assunto ganha amplitude e passa a ser associado à ética empresarial. No caso brasileiro, é na segunda metade dos anos 90 que as empresas e a sociedade passam a perceber a responsabilidade social como um tema merecedor de maior atenção e que vem ganhando destaque nacional. Aligleri e Borinelli (2001) ressaltam que quando a responsabilidade social surgiu nos países industrializados, nos anos 50 e 60, o movimento orientava-se pela linha da filantropia, que consistia na participação das empresas em ações e projetos comunitários, envolvendo-se em questões sociais que beneficiavam a comunidade e que esta linha de pensamento está sendo cada vez mais adotada pelas empresas. Referindo-se a responsabilidade social, Passador, Canopf e Passador (2005, p.01) afirmam que:

Este é um tema que também vem sendo amplamente discutido por diversas áreas do conhecimento como a Educação, a Sociologia e a Administração, contudo percebe-se ainda muita divergência em relação a ele. Para alguns, ela representa a obrigação legal, para outros é vista como dever fiduciário, alguns a traduzem como prática social, como papel social e como função social e, ainda, os que a associam ao comportamento eticamente responsável ou a uma contribuição caridosa.

Responsabilidade Social não tem um conceito único, não tem um conceito final acabado, ainda é um conceito em construção. Ela abre muitas possibilidades para o desenvolvimento da sociedade, das organizações e das pessoas, mas deve ser vista dentro de um contexto mais amplo (FERREIRA e PASSADOR, 2002; PASSADOR, CANOPF e PASSADOR, 2005). A responsabilidade social empresarial é um tema bastante controverso, há várias abordagens sobre o assunto em questão, porém não há consenso de quais sejam as responsabilidades sociais de uma empresa (CAMPANHOL E BREDA, 2005). Souza, Carvalho e Xavier (2003, p. 02) contribuem ressaltando que a responsabilidade social “é um modelo de gestão organizacional no qual valores éticos e morais se fazem presentes e são os balizadores das ações dos membros das organizações com quem se relacionam”.

Portanto, a Responsabilidade Social vem recebendo muitos significados e interpretações, justamente por se defrontar com áreas limites da ética e da moral. Porém, não tem havido

muito consenso sobre o significado preciso da responsabilidade social, ou o grau de comprometimento da empresa com a sociedade, surgindo assim, vertentes de conhecimento, que suscitam em teorias e teóricos com conceituações diferentes (ALIGLERI e PREVIDELLI, 2001). Embora, a incorporação da responsabilidade social da empresa seja um fenômeno recente, sua evolução não deixa dúvidas de que é uma filosofia que vai penetrando a cultura organizacional, moldando a gestão empresarial independente de sua estrutura.

A incorporação do conceito de responsabilidade social pelas empresas torna possível o surgimento de uma nova visão, passando estas, a adotar um novo papel perante a sociedade. Neste sentido, Alves (2003, p.39) argumenta que:

A empresa passa a ser encarada como uma cidadã, um membro fundamental da sociedade dos homens, uma entidade social que se relaciona com todos os outros agentes socioeconômicos e, portanto, tem seus direitos e deveres que vão além das obrigações legais estabelecidas no campo jurídico formal.

Apesar de ser adotado há mais de três décadas, continua controverso, portanto, significa algo, mas nem sempre a mesma coisa para todos. Para alguns corresponde à idéia de responsabilidade ou obrigação legal; para outros, significa um comportamento responsável no sentido ético (OLIVEIRA, 2002a). Há também aqueles que consideram que a responsabilidade social de uma organização é gerar lucros para seus acionistas (FRIEDMAN, 1984).

Os defensores de Friedman acreditam que a missão da empresa é meramente econômica, devendo satisfazer unicamente os objetivos e as expectativas de lucro dos proprietários. Estes compreendem que as empresas geram empregos, disponibilizam bens e serviços e contribuem para o Estado, através de sua tributação.

Alguns autores compartilham da idéia de Friedman, onde o desempenho econômico é a primeira responsabilidade de uma empresa. Nota-se que esta conceituação vem recebendo cada vez menos importância pela sociedade e pelas empresas. Guimarães (2004b) observa que a atuação das empresas orientadas para a responsabilidade social empresarial não implica que a gestão empresarial abandone os seus objetivos econômicos e deixe de atender aos interesses de seus proprietários e acionistas, segundo essa autora, a responsabilidade social empresarial engloba a busca de soluções para problemas sociais e o empenho das empresas na melhoria da qualidade de vida. Ao tratarem da responsabilidade econômica da empresa, Aligleri e Previdelli (2001, p.767) afirmam que “o lucro não é apenas economicamente necessário, uma

vez que também possui uma importância ético-social”. Estes autores ressaltam que entender a responsabilidade social sob este enfoque restringe o número de empresas que podem estar comprometidas com a sociedade.

Uma empresa não pode buscar somente lucros, deve ter um compromisso maior com a sociedade, um compromisso como agente econômico e como agente social. De acordo com Campanhol e Breda (2005, p.01):

O mundo empresarial evoluiu. O modelo tradicional de empresa, com a velha aceção de propriedade dos acionistas e com a única função de obter lucros, já não satisfaz. A empresa não se resume no capital e, este, sozinho, é improdutivo. Sem os recursos da terra, sem a inteligência e sem o trabalho dos homens, o capital não produz riquezas, não atende às necessidades humanas, não gera avanços e não melhora a qualidade de vida.

Portanto, além de um agente econômico com a missão de produzir riqueza, a empresa é também um agente social, que tem por obrigação prestar contas à sociedade sobre seu desempenho social e ao mesmo tempo procurar se aproximar da comunidade, contemplando-a com projetos sociais, contribuindo para o desenvolvimento. Garay e Fossa (2001) afirmam que tem havido maior participação na construção de um novo modelo de sociedade, derivada de suas preocupações com o atual cenário. Além de produtores de bens e serviços o empresariado passou a promover o bem estar social de seus funcionários e da comunidade na qual se inserem.

Referindo-se a preocupação do empresariado para com a sociedade, Guimarães (1984, p. 215) contribui, comentando que:

O conceito de responsabilidade social da empresa se vincula à idéia de que as empresas, como os indivíduos, devem ser responsabilizadas por todas as conseqüências decorrentes de atitudes tomadas. Por isso, antes de adotar qualquer política seria fundamental uma análise profunda de todos os elementos envolvidos. A organização socialmente responsável se comportaria de maneira a proteger e melhorar a qualidade de vida da sociedade.

Para Guimarães (1984) o conceito de qualidade de vida é muito importante, pois constitui em um critério substancial para qualquer julgamento sobre o progresso e o desenvolvimento. Portanto, no sentido de colaborar com o desenvolvimento econômico e social, o Instituto

Ethos de Empresas e Responsabilidade social⁹ também contribui para a compreensão do tema, conceituando Responsabilidade Social como:

A responsabilidade social empresarial é uma forma de conduzir os negócios que torna a empresa parceira e co-responsável pelo desenvolvimento social. A empresa socialmente responsável é aquela que possui a capacidade de ouvir os interesses das diferentes partes (acionistas, funcionários, prestadores de serviço, fornecedores, consumidores, comunidade, governo e meio ambiente) e consegue incorporá-los ao planejamento de suas atividades, buscando atender às demandas de todos, não apenas dos acionistas ou proprietários (ETHOS, 2005).

Nota-se nesta conceituação que o Instituto Ethos apresenta duas dimensões de responsabilidade social: o público interno e o público externo. O que também se apresenta na afirmação de Aligleri e Borinelli (2001, p.3), para esses autores a responsabilidade social pode ser compreendida como “a atuação legítima e voluntária das empresas com a comunidade externa e interna na qual ela está inserida, ou seja, o envolvimento das empresas com atividade e ações que possam contribuir para manter ou aumentar o bem estar social” . A este assunto, Melo Neto e Froes (2002) salientam que a responsabilidade social interna focaliza os empregados e seus dependentes, sendo seu objetivo motivá-los para um desempenho ótimo, criar um ambiente agradável de trabalho e contribuir para o seu bem-estar. A responsabilidade social externa tem como foco a comunidade mais próxima da empresa ou o local onde ela está situada.

Para Heinski (2004) o exercício da responsabilidade social interna e externa requer uma mudança radical da organização e de todos os partícipes do processo. O que é compreendido por Melo Neto e Froes (1999) ao inferir que:

As ações de gestão interna de responsabilidade social interna compreendem os programas de contratação, seleção, treinamento, e manutenção de pessoal realizados pelas empresas em benefício de seus empregados, bem como os demais programas de benefícios voltados para a participação nos resultados e atendimentos aos dependentes [...] O exercício da responsabilidade social externa corresponde ao desenvolvimento de ações sociais empresariais que beneficiam a comunidade.

⁹ O Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social é uma organização não-governamental criada com a missão de mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa (ETHOS, 2005)

Estes autores compreendem como responsabilidade social interna os investimentos na qualificação dos empregados, podendo ser treinamento e capacitação e financiamento de cursos externos, regulares ou não, realizados por funcionários com vistas a sua maior qualificação profissional e obtenção de escolaridade mínima.

Portanto, a responsabilidade social empresarial diz respeito à tomada de decisão orientada eticamente, condicionada pela preocupação com o bem estar da coletividade, seu público interno e externo, comprometida em proteger e melhorar a qualidade de vida da sociedade, tendo as seguintes considerações: respeitar o interesse da população, preservar o meio ambiente e satisfazer exigências legais (GUIMARÃES, 1984; MELO NETO e FORES, 1999; FERREIRA e PASSADOR, 2002). Neste sentido, Zouain e Sauerbronn (2002, p.01) entendem responsabilidade social como “a atitude responsável da empresa para com a comunidade e meio ambiente na qual está inserida, para com funcionários e fornecedores, empresas terceirizadas e governos”. Para estes autores, uma empresa socialmente responsável demonstra coerência de valores e atitudes, incluindo os interesses da sociedade no processo de tomada de decisões.

Uma outra contribuição é apresentada por Dias e Duarte (apud Oliveira, 2002a, p.204), estes autores afirmam que:

Não existe um conceito único. Porém, pode-se destacar três aspectos comuns e que são a essência da doutrina da responsabilidade social: primeiro, a ampliação do alcance da responsabilidade da empresa, que não mais se limita aos interesses dos acionistas; segundo, a mudança na natureza das responsabilidades que ultrapassam o âmbito legal e envolvem as obrigações morais ditadas pela ética; terceiro, a adequação às demandas sociais mais atuantes e exigentes.

Compreende-se que nesse terceiro ponto, as empresas participam diretamente em ações que envolvam a comunidade, tais como doações/ patrocínios e investimentos em projetos sociais, com o objetivo de amenizar os problemas sociais inerentes ao processo da globalização, que afetam a comunidade onde a organização está inserida. Pode-se citar como questões mais críticas do momento, em quase todo o mundo, a miséria, a desnutrição, a pobreza (desigualdade de renda), a exclusão social, o analfabetismo, a baixa qualidade no ensino universitário, a baixa qualidade da educação básica, o déficit da previdência social, a queda na renda média do trabalhador, o alto número de crianças que trabalham, elevada taxa de

acidentes de trabalho, alta taxa de mortalidade infantil, aumento da violência contra a mulher, das crianças que vivem na rua e estão fora da escola, alto índice de idosos a procura de emprego, aumento do desemprego, a queda no nível de empregados formais, a fome no nordeste, o problema das drogas e alto índice de consumo de álcool entre jovens (MELO NETO e FROES, 2002).

Os problemas sociais crescem aceleradamente, porque o Estado está deixando de fornecer serviços básicos, deixa de atender diretamente o cidadão, passando a ter como principal função regular os mercados. Está em processo a implantação de uma nova ordem social. Com as desestatizações, o Estado está deixando de atender diretamente o cidadão como fornecedor de produtos e serviços, e até mesmo, serviços sociais (OLIVEIRA, 2002b). Junqueira (2001, p. 01) compreende que “a ação social busca um novo diferencial, compartilhado por setores governamentais e não governamentais, para combater a pobreza e a exclusão social”. Para Junqueira (2001), é necessário sair de uma lógica assistencialista, que permeava os programas sociais, para fortalecer a capacidade de pessoas e comunidades, como forma de satisfazer suas necessidades e constituírem uma vida com qualidade.

Devido a impossibilidade do estado em atender as demandas geradas pelo processo de globalização, está recaindo sobre as empresas uma grande pressão da sociedade por melhorias nas condições de vida de seus cidadãos (PASSADOR, CANOPF E PASSADOR, 2005). Sendo assim, na tentativa de respostas aos problemas sociais, criam-se novos campos de estudos, novas preocupações e novas práticas sociais. Compreende-se que responsabilidade social é o comprometimento de todos os agentes sociais (governos, empresas privadas, sociedade civil, igrejas, terceiro setor) com todos aqueles que com eles interagem (clientes, comunidades, fornecedores, funcionários, etc). No âmbito comunitário, essa responsabilidade traduz-se no patrocínio de ações concretas que tragam benefícios à sociedade e desenvolvam, criem ou recriem as condições necessárias para o desenvolvimento crescente da cidadania (LIMA, 2002).

As ações sociais que beneficiam a sociedade conduzem a organização a um agente social, neste sentido, Oliveira (2002a, p.205) conclui que: “a responsabilidade social é o objetivo social da empresa somado à sua atuação econômica. É a inserção da organização na sociedade como agente social e não somente econômico”. Para este autor, ter responsabilidade social

empresarial é a empresa que cumpre com seus deveres, busca seus direitos e divide com o Estado a função de promover o desenvolvimento da comunidade.

Alguns autores tratam a responsabilidade social como uma obrigação legal, relacionando-a aos negócios empresariais, outros a relacionam a uma mudança de comportamento, que se traduz na prática da ação social. Cardoso (2002, p.5) afirma que:

A expressão “responsabilidade social” suscita uma série de interpretações. Para alguns, representa a idéia de responsabilidade ou obrigação legal; para outros, é um dever fiduciário, que impõe às empresas padrões mais altos de comportamento que os do cidadão médio. Há os que a traduzem, de acordo com o avanço das discussões, como prática social, papel social e função social.

Referindo-se aos negócios empresariais, de curto e longo prazo, Grajew (2004, p.215) contribui, comentando que a responsabilidade social empresarial significa:

Uma gestão voltada para aperfeiçoar a qualidade das relações. Não é uma tarefa fácil nem linear. No entanto, ela não só é possível, como está ao nosso alcance. Para isso é preciso, antes de tudo, rever nossa visão de negócios de curto prazo, baseada na competitividade e nos lucros imediatos, e procurar desenvolver uma visão ampla, centrada na sustentabilidade dos negócios a longo prazo. Implica também em associar as metas empresariais com objetivos importantes para o conjunto da sociedade, como a eliminação da pobreza, a preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ambiental.

Este autor comenta ainda, que o bom desempenho empresarial não pode ser medido apenas no lucro, de nada vale um crescimento no PIB de 5% ao ano se isso for obtido à custa da perda do patrimônio ambiental, da dilapidação dos recursos naturais e do empobrecimento da população. Porém Grajew (2004) esclarece que a forma como a humanidade vem mantendo suas relações de produção e de consumo estão se mostrando insustentáveis tanto do ponto de vista social quanto ambiental. Karkotli e Aragão (2004, p.46) reforçam as palavras de Grajew ao comentar que “uma atuação organizacional com responsabilidade social pressupõe a necessidade e a urgência da participação no desenvolvimento com sustentabilidade, ou seja, se obrigar pelo desenvolvimento das dimensões econômica, social e do meio ambiente”. Portanto, observa-se que alguns pesquisadores compreendem a responsabilidade social diretamente imbricada ao desenvolvimento sustentável.

1.2.2 A responsabilidade social e o desenvolvimento sustentável

Durante os debates realizados em 1988, na Holanda, quando o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável – WBCSD, se reuniu para analisar a atuação das empresas no campo empresarial, emergiu um novo conceito de responsabilidade social. Este se tornou parte de um conceito mais amplo: o desenvolvimento sustentável (MELO NETO e FROES, 2002). Esses autores apresentam que, dentre as dimensões do desenvolvimento sustentável, a dimensão social é a mais delicada de todas, porque compreende os seguintes aspectos: os direitos humanos; os direitos dos empregados; os direitos dos consumidores; o envolvimento comunitário; a relação com fornecedores; o monitoramento e a avaliação de desempenho; e os direitos dos grupos de interesse.

Apresentam-se, como parte integrante do desenvolvimento sustentável, três dimensões: a dimensão social, a dimensão econômica e a ambiental. A responsabilidade social está inserida na dimensão social. O conceito de responsabilidade social adotado pelo WBCSD prega que:

A responsabilidade social corporativa é o comportamento permanente dos empresários de adotar um comportamento ético e contribuir para o desenvolvimento econômico, melhorando, simultaneamente, a qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo (FERNANDO (1999), apud MELO NETO e FROES, 2002, p.90).

A partir do WBCSD a gestão ambiental e a responsabilidade social se tornam para gestão organizacional, tão importante quanto à dimensão econômica. As organizações diante deste novo contexto necessitam partilhar do entendimento de que deve existir um objetivo comum entre desenvolvimento econômico, social e proteção ambiental, tanto para o presente como para as gerações futuras. Grajew (2004, p.214) complementa a questão da sustentabilidade como:

Essencial para a sobrevivência, constituindo-se na mola propulsora para a construção de um novo modelo de produção e de consumo, no qual as atividades econômicas possam contribuir para a solução de problemas sociais e ambientais. A sustentabilidade é o fio condutor para articular as dimensões local e global dentro de uma mesma lógica de desenvolvimento.

O desenvolvimento sustentável compreende a busca do atendimento as necessidades do presente sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras e ainda

promover o bem-estar social das gerações atual e futura. Os benefícios econômicos gerados pelas empresas têm um determinado custo para a sociedade. Ao desempenhar suas funções normais, as organizações utilizam recursos provenientes do meio onde estão inseridas, estes recursos são principalmente naturais, desta forma, contribuem para a extinção dos mesmos. Alguns órgãos governamentais ou não, inclusive a sociedade, tem cobrado das empresas uma atuação de forma que previna situações em que possa comprometer futuras gerações.

Procurando atuar de forma transparente, os administradores organizacionais se viram na obrigação de adotar mecanismos para que pudessem evidenciar as ações sociais, como forma de prestação de contas aos diversos atores sociais que não eram tão importantes e que no atual contexto sócio econômico, foram incluídos como partes interessadas, a comunidade, empregados, famílias de empregados e organizações não governamentais (Ongs). Uma forma de apresentar ou de prestar contas para com todas as partes interessadas é a elaboração do balanço social.

Referindo-se ao balanço social, Gonçalves (1984, p.233) observa que: “a contabilidade tradicional terá que ser completada por meio da apresentação de contas relacionadas com o social”. Sendo assim, registrar-se-á a contabilidade da organização tanto o desempenho financeiro como o desempenho social da mesma. Portanto, o balanço social é um instrumento utilizado pelas organizações para divulgar informações de cunho social e econômico. Para Bernardo, et all (2005) o Balanço Social também é conhecido como relatório de sustentabilidade ou relatório de responsabilidade social, é um demonstrativo elaborado anualmente pelas empresas para prestar contas das atividades e dos impactos econômicos, sociais e ambientais da organização.

O Balanço social é um documento publicado anualmente, reunindo um conjunto de informações sobre atividades desenvolvidas por uma organização, em promoção humana e social, dirigidas a seus empregados e à comunidade na qual está inserida. Nesse sentido é um instrumento valioso para medir o desempenho do exercício da responsabilidade social em seus empreendimentos (SUCUPIRA, 2001). Oliveira (2003c) infere que o balanço social deve conter informações qualitativa e quantitativa sobre como a empresa está desempenhando sua função social e ambiental na sociedade e sua relação com os diversos *stakeholders*.

No Brasil, o balanço social ganhou maior destaque e força a partir de 1997, quando o sociólogo Herbert de Souza, o "Betinho", lançou uma campanha pela divulgação voluntária do balanço social. Com o apoio e participação de lideranças empresariais, a campanha se destacou, tornando a prática mais disseminada (VENTURA, 2005; BERNARDO, et all, 2005).

O primeiro balanço social foi publicado no Brasil, no ano de 1984 pela Nitrofértil (Silva e Freire, 2001). Em meados de 1990, algumas empresas brasileiras passaram a publicar de forma voluntária o balanço social com o objetivo de divulgar a sociedade de suas ações sociais voltadas para os empregados como para a sociedade na qual está inserida e o meio ambiente. E apesar de ainda não existir uma legislação que obrigue a publicação deste demonstrativo social no Brasil, verifica-se que é crescente o número de empresas que o publicam de forma voluntária anualmente (BERNARDO, et all, 2005).

Contudo, aqui no Brasil não é obrigatória sua publicação, porém, em alguns países o balanço social é obrigatório, se constitui na divulgação de informações sociais desenvolvidas pelas entidades e como forma de conclamar a sociedade a participar mais ativamente em questões que envolvam aspectos sociais. Como exemplo pode-se citar a França como sendo o primeiro país do mundo a instituir uma força de lei que obrigasse as organizações elaborar e divulgar tal instrumento, disponibilizando informações sócio-ambientais de uma organização (SLOMSKI, REZENDE e ATHAYDE, 2003). Mesmo que no Brasil não tenha nenhum modelo de balanço social que seja de uso obrigatório, empresas de alguns setores específicos, são obrigadas a publicar esta demonstração, como é o caso das empresas de energia elétrica, por exigência da agência reguladora do setor (DAVID e OTT, 2003).

Ferreira e Passador (2002) comentam que no Brasil o balanço social tornou-se um instrumento de demonstração das empresas de forma facultativa, tendo por finalidade conferir com maior transparência as informações de caráter social que interessam aos sócios e aos acionistas e também aos empregados, fornecedores, investidores, parceiros e consumidores. Comentam ainda que, na França as empresas com mais de 300 funcionários são obrigadas a apresentar tal instrumento. Embora, não seja obrigatório em lei, o balanço social torna-se cada vez mais um instrumento de gestão das empresas.

Referindo-se a obrigatoriedade da publicação das ações sociais, Melo Neto e Froes (1999, p.125) afirmam que “o balanço social é a expressão mais evidente e inequívoca da cidadania empresarial”. Para eles a análise do balanço social demonstra principalmente o grau de cidadania empresarial das organizações, o que representa o seu nível de compromisso com a busca de soluções para os problemas sociais do país.

Portanto, o balanço social é um conjunto de informações econômicas e sociais que tem o objetivo de demonstrar a um número maior de usuários o desempenho econômico e financeiro da empresa e sua atuação social em benefício da sociedade (KARKOTLI e ARAGÃO, 2004), estas informações são apresentadas como forma de comprometer as organizações com a geração atual não esquecendo que esse compromisso se refletirá nas futuras gerações, o que pode ser compreendido pelo desenvolvimento sustentável.

1.2.3 Cidadania e responsabilidade social empresarial

Compreende-se por cidadão o indivíduo no gozo dos seus direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho dos seus deveres para com este (FERREIRA, 1975). Neste sentido, compreendemos cidadania como o uso por parte do cidadão, dos seus direitos individuais (civis), direitos esses garantidos pela Constituição Federal, que prerroga, que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações (tratamento igual) e que ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de Lei. Schommer (2000) ressalta que a cidadania pressupõe igualdade, mas não se limita à Lei. Assim, compreende-se por cidadania, os direitos na participação da organização da sociedade, desta forma, o indivíduo poderá em gozo dos seus direitos, participar da organização política do Estado, possuindo também obrigações para com a sociedade.

É notória a dualidade (relação entre direitos e deveres) que se apresenta sobre a reflexão a cerca do assunto abordado. Direitos e deveres não são atribuições apenas dos indivíduos (pessoas físicas). As organizações (pessoas jurídicas) também são possuidoras de direitos e deveres, uma vez que são consideradas organismos vivos. Vale ressaltar que os estudos reflexivos que abordam os direitos e deveres das organizações também tratam da cidadania, considerando a pessoa jurídica, dando origem ao termo cidadania empresarial.

Para Lima (2002) cidadania empresarial, entre outras coisas, diz respeito à atitude pró-ativa que as entidades privadas devem adotar diante dos diversos problemas que a comunidade na qual se inserem apresenta, agindo de forma transformadora e considerando-se como entes dotados de responsabilidade cívica. Para este autor a responsabilidade cívica é extensiva às organizações, quando estas possuem atitudes que visam solucionar problemas da comunidade. Junqueira (2001) contribui comentando que a cidadania significa participar na administração da cidade, realizando trabalhos em prol do bem comum, seja de iniciativa do governo ou de uma organização da própria sociedade.

Tratando do conceito de cidadania empresarial, Ashley, Coutinho e Tomei (2000) observam que alguns autores utilizam os termos responsabilidade social corporativa e cidadania empresarial meramente como sinônimos. Porém, afirmam que o aspecto mais ressaltado de cidadania empresarial tem sido o de investimento na comunidade através de projetos ou ações sociais com recursos transferidos por empresas. Mendonça e Gonçalves (2002) afirmam que os conceitos de responsabilidade social e cidadania empresarial têm sido usados com frequência pela mídia, governo, entidades, empresários e trabalhadores que recebendo pressão da sociedade por ações sociais que resultem em impactos à comunidade, procuram relacionar sua imagem a ações positivas. Ashley, Coutinho e Tomei (2000) concluem que “o conceito de cidadania empresarial para não ter sua prática limitada a projetos específicos, precisa ser desenvolvido num espectro mais amplo, permeando toda a organização, incorporando a performance social corporativa e tendo como pano de fundo o desenvolvimento sustentável”. Nota-se que os conceitos muitas vezes se fundem ou até mesmo se completam, isso se dá pelo fato dos estudos sobre responsabilidade social e cidadania empresarial serem muito recentes e que necessitam de reflexão a cerca deste campo de estudo.

Referindo-se a este assunto, Melo Neto e Froes (1999), consideram a cidadania empresarial como um conceito novo, que objetiva conferir uma nova imagem empresarial para aquelas empresas que se convertem em tradicionais investidoras em projetos sociais. Para estes autores, a cidadania empresarial corresponde ao exercício pleno da responsabilidade social pela empresa. Esta se torna cidadã quando contribui para o desenvolvimento da sociedade através de ações sociais direcionadas para suprir ou atenuar as principais carências dela em

termos de serviços e infra-estrutura de caráter social. Dessa forma, compreende-se por cidadania empresarial o compromisso das organizações para com a sociedade.

De acordo com Srour (1998, p.295) “a responsabilidade social remete, em síntese, à constituição de uma cidadania organizacional no âmbito interno da empresa e à implementação de direitos sociais no âmbito externo”. Vale ressaltar, que além das suas obrigações legais, as organizações consideradas cidadãs investem em projetos sociais, atendendo tanto o público interno (empregados e seus dependentes) criando um ambiente agradável de trabalho e contribuindo para o seu bem-estar, dando ênfase nas áreas de educação, salários e benefícios, bem como assistência médica, social e odontológica, quanto o público externo, tendo como foco principal a comunidade onde se insere, através de ações sociais voltadas principalmente para as áreas de educação, saúde, assistência social e ecológica. Melo Neto e Froes (2001) argumentam que o interesse da empresa por seus funcionários é apenas um dos indicadores da sua responsabilidade social interna. Nota-se que Srour (1998) e Melo Neto e Froes (2001) utilizam a expressão cidadania empresarial para destacar um conjunto de ações sociais nos âmbitos interno e externo. Assim, a cidadania empresarial pode ser entendida como uma relação de direitos e deveres entre a empresa e seu âmbito de relações e participações em sua comunidade.

Portanto, a empresa socialmente responsável torna-se cidadã porque dissemina novos valores que restauram a solidariedade social, a coesão social e o compromisso social com a equidade, a dignidade, a liberdade, a democracia e a melhoria da qualidade de vida de todos que vivem na sociedade (MELO NETO e FROES, 2001). Estes autores salientam ainda, que a cidadania é uma dimensão que não pode ser esquecida; a cidadania de cada funcionário, a cidadania coletiva e a promoção da cidadania pela empresa junto à sociedade e à comunidade. Porém, a empresa socialmente responsável além de suas relações de direitos e deveres, pressupõe um compromisso ético com os diversos agentes sociais que interage. Para tanto, se faz necessário uma breve discussão teórica sobre o assunto.

1.2.4 Ética e responsabilidade social empresarial

O surgimento da ética empresarial como campo de estudos está intimamente ligado à evolução do sistema econômico, assim como as mudanças por que passaram as sociedades industriais no último século (KLEITLON, 2004), foram várias as transformações provocadas pelo capitalismo, o que impulsionaram os estudos sobre a ética no âmbito corporativo.

A responsabilidade social corporativa é uma conduta que vai da ética nos negócios às relações desenvolvidas na comunidade. Portanto, a integridade é a base ética do comportamento da empresa socialmente responsável (MELO NETO e FROES, 2001). Para estes autores, a ética compreende a dimensão de maior amplitude, uma vez que não envolve a ética somente aplicada aos negócios (não lança mão de propaganda enganosa, vendas casadas e demais práticas de marketing desonesto), mas também em todo o ambiente organizacional. Nota-se que o exercício da responsabilidade social pressupõe a adoção de um comportamento ético pela organização. Jobim (2003) argumenta que a conversão de uma organização em uma empresa ética não pode ser tarefa de um só gestor, nem exclusividade de uma única área, deve ser um esforço hercúleo e incessante de todas as áreas, pois demanda de estruturação e constante acompanhamento.

Tratando do assunto, ética nas relações corporativas, Xavier e Souza (2004) consideram que responsabilidades éticas correspondem às atividades, práticas, políticas e comportamentos esperados ou proibidos, adotados pelos sujeitos, apesar de não especificados em Leis. Portanto, a dimensão ética ganhou tal importância que no âmbito corporativo é possível compreender a ética no exercício da responsabilidade social interna e no exercício da responsabilidade social externa, o que pode ser observado na seguinte afirmação:

O comportamento ético-empresarial baseia-se em 3 (três) vetores de atuação: aplicação dos princípios éticos a todos os relacionamentos que a empresa mantém com seu ambiente interno e externo; adoção dos valores éticos em todas as suas práticas gerenciais, comerciais e empresariais; e respeito à pessoa humana em todos os níveis de atuação (MELO NETO e FROES, 2001, p. 136).

Referindo-se a ética empresarial Karkotli e Aragão (2004, p.31) afirmam que: “a maioria dos conceitos de ética empresarial diz respeito às regras, padrões e princípios morais sobre o que é certo e errado em situações específicas das relações que ocorrem no ambiente empresarial”. Sendo assim, a ética empresarial compreende princípios e padrões que orientam o comportamento no mundo dos negócios, em conformidade com o conjunto de regras e

condutas aceitas pela sociedade ou comunidade do entorno organizacional. Passador, Canopf e Passador (2005, p.5-6) contribuem com o assunto, afirmando que:

A empresa ética, no sentido de empresa que atua com responsabilidade social, é vista como a resposta necessária do mundo corporativo às pressões do mundo dos negócios porque neutraliza as ameaças a sua sobrevivência, a seu crescimento e a sua perpetuação, corresponde aos imperativos legais, compatibiliza interesses privados e sociais, preserva as condições vitais de gerações futuras, valoriza a diversidade e dissemina valores.

A ética empresarial vem sendo percebida, de forma crescente, pelos diferentes públicos que interagem com a organização, exigindo cada vez mais, um comportamento na adoção de práticas gerenciais que atendam aos padrões e regras de conduta de responsabilidades éticas, morais e sociais. Para se debater sobre a ética empresarial é preciso compreendê-la no campo da ética aplicada. Visto que as empresas não são apenas entidades jurídicas. Elas são constituídas por indivíduos que tomam decisões, orientadas por normas e valores que lhes foram interiorizados. Ao se articular sobre empresa ética, fala-se, na verdade, em empresários e gestores éticos.

Referindo-se a ética, Vásquez (1995, p. 12-13) salienta que “a ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar à essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral [...] A ética é a ciência da moral, isto é, de uma esfera do comportamento humano”. Vásquez (1995) considera que a ética e a moral mantêm uma relação que não tinham em suas origens etimológicas. Uma vez que, a moral é compreendida por um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos em uma comunidade social. Portanto, pode-se compreender por moral o modo que um indivíduo se comporta em sociedade. Referindo-se a origem da palavra moral Vásquez (1995) afirma que a palavra moral vem do Latim *mos* ou *mores*, “costume” ou “costumes”, no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito, e a origem da palavra ética vem do Grego *Ethos*, que significa “modo de ser” ou “caráter” enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem. Assim, *ethos* e *mos*, “caráter” e “costume” assenta-se num modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas que é adquirido ou conquistado por hábito. Para Daineze (2004) é competência da moral estabelecer o que deve

ou não deve ser feito, à ética, cabe ocupar-se de uma reflexão sobre os princípios que fundamentam o comportamento moral.

Nesse sentido, a ética estuda os códigos de normas que regulam as relações e condutas dos agentes sociais. As responsabilidades éticas correspondem a valores que dizem respeito a crenças pessoais, sobre comportamento eticamente correto ou incorreto, tanto por parte do próprio indivíduo quanto com relação aos outros. Enquanto a moral pode ser vista como um conjunto de regras de comportamento, código de conduta que coletividades adotam, como a melhor forma de agir, quer sejam uma nação, uma categoria social, uma comunidade religiosa ou uma organização qualquer.

Sung e Silva (2002) contribuem para a compreensão do assunto aqui abordado, falando que nós somos seres morais e as comunidades humanas sempre criaram sistemas de valores e normas morais para possibilitar a convivência social. Porém, não bastam boas intenções, é necessário um controle sobre os efeitos não intencionais das nossas ações e o conhecimento de que o questionamento moral pressupõe um conflito entre o interesse particular e da coletividade. Deste emaranhado, surge à consciência ética, que é diferente de uma simples assimilação de valores e normas morais vigentes na sociedade. Portanto, a consciência ética surge com a “desconfiança” de que os valores morais da sociedade – ou os meus – encobrem algum interesse particular não confessável ou inconsciente que rompe com as próprias causas geradoras da moral. Desconfiança de que interesses imediatos e menores são colocados acima dos objetivos maiores, os interesses particulares acima do bem da coletividade.

Quando nos referimos à ética empresarial, somos conscientes da existência de valores, normas, padrões e princípios morais sobre o que é certo ou errado em situações específicas das relações que ocorrem no ambiente organizacional. Então, é necessário que a empresa adote uma postura ética como estratégica de negócios, uma vez que, sua forma honesta de agir já é esperada por todos aqueles com quem interage (*stakeholders*) e a comunidade. Desta forma, não é aceitável que a gestão empresarial coloque os interesses imediatos em detrimento das expectativas da coletividade. Veloso (2002, p.30) reforça, dizendo que: “responsabilidades éticas correspondem a atividades práticas, políticas e comportamentos esperados (no sentido positivo) ou proibidos (no sentido negativo) por membros da sociedade, apesar de não codificados em leis”. Esses comportamentos esperados envolvem uma série de

normas, padrões ou expectativas de comportamentos para atender os diversos públicos com os quais a empresa se relaciona, e os consideram legítimos.

Em última análise, empresas éticas seriam aquelas que subordinam suas atividades e estratégias a uma prévia reflexão ética e que agem de forma socialmente responsável. Ocorre que nem sempre as empresas se dedicam a esse tipo de reflexão e nem sempre adotam decisões maiores que estão em jogo (SROUR, 2003). Portanto, é preciso ficar claro que toda organização, sobretudo toda empresa capitalista, opera em ambiente extremamente hostil, no qual as contrapartes (*stakeholders*) procuram defender com afinco os próprios interesses corporativos, mas que suas ações estão sob vigília permanente de uma sociedade civil capaz de produzir retaliações extremamente onerosas, caso algum absurdo empresarial seja detectado (SROUR, 1994). Para esse autor, agir eticamente, converte-se em uma questão de bom senso e em estratégia de sobrevivência.

1.2.5 A responsabilidade social como práticas de filantropia

Dentre as atividades da dimensão social desenvolvida pelas organizações, encontra-se a filantropia. Karkotli e Aragão (2004, p.48) compreendem que a filantropia “tem como base os princípios da caridade e da custódia e amor à humanidade”. Pereira e Resende Pinto (2004, p.154) comentam que “de qualquer forma, vale ressaltar que a doutrina da responsabilidade social representa uma transformação na concepção da empresa e de seu papel na sociedade, uma vez que se funda numa nova visão da realidade econômica”. Porém, alguns empresários compreendem a Responsabilidade Social como práticas de doações (filantropia), dirigidas para comunidade externa, marcada pelo assistencialismo e pelo paternalismo. Porter e Kramer (2005, p.134-135) ao comentar sobre a filantropia corporativa, afirmam que:

A maioria das empresas sente-se na obrigação de fazer caridade. Poucas descobriram como fazê-la de forma eficaz [...] cada vez mais, a filantropia é usada como uma forma de relações públicas ou publicidade, promovendo a imagem ou a marca da empresa por meio de marketing social ou de patrocínios que gerem grande visibilidade.

Esses autores concordam que, hoje, a maioria das ações filantrópicas consiste em doar pequenas quantias em dinheiro a inúmeras causas cívicas de caráter local ou dar apoio

operacional a universidades filantrópicas de alcance nacional na expectativa de conquistar a simpatia de funcionários, de clientes e da comunidade local.

Para Oded Grajew (apud Melo Neto & Froes, 2002, p.79) “o conceito de responsabilidade social está se ampliando, passando da filantropia, que é a relação socialmente compromissada da empresa com a comunidade, para abranger todas as relações da empresa: com seus funcionários, clientes, fornecedores, acionistas, concorrentes, meio ambiente e organizações públicas e estatais”. Melo Neto & Froes (2001, p.28) comentam que: “A responsabilidade social é uma ação estratégica da empresa que busca retorno econômico social, institucional, tributário-fiscal. A filantropia não busca retorno algum, apenas o conforto pessoal e moral de quem a pratica”. Portanto, a responsabilidade social é uma maneira de procurar influenciar o administrador na tomada de decisões e ações que contribua para o bem-estar e os interesses da sociedade e da organização, comprometendo o empresário com a adoção de um comportamento que colabore com o desenvolvimento econômico e social.

1.2.6 A filantropia e o voluntariado

Uma das formas encontradas por muitas organizações para realizarem pratica de filantropia, como forma de minimizar os problemas sociais existentes, foi desenvolver programas de voluntariado. Comentamos anteriormente que Karkotli e Aragão (2004) compreendem filantropia como base dos princípios da caridade, o que também pode ser observado na fala de Silveira (2002) referindo-se ao voluntariado, para este autor o voluntariado de alguma forma procura atender necessidades primárias, tais como sobrevivência dos indivíduos, carências de moradia, de alimentação, do vestuário, etc. caracterizando esta ajuda como uma forma assistencialista de se resolver o problema, nos moldes da caridade. Portanto, muitos projetos que utilizam mão-de-obra de voluntários foram criados com o propósito de atender necessidades imediatas da sociedade.

No Brasil o voluntariado teve início no século XVII, com instituições de assistência a pessoas carentes e orientadas por fins filantrópicos. O voluntariado sempre teve seu conceito ligado a ações religiosas ou a questões relacionadas à área de saúde. Sendo assim, os movimentos religiosos foram os grandes difusores da filantropia pelo mundo, foram os primeiros a pregar a caridade e a doar-se ao próximo, buscando a elevação do ser através das boas ações, da

penitência, do assistencialismo, da benevolência e de outras formas de ações purificadoras (SILVEIRA, 2002). Para Sobel (2002) antigamente, o voluntário era visto como alguém desocupado que procurava uma atividade para preencher seu tempo. Agora, o voluntário é visto como um profissional, com todas as obrigações inerentes a uma ocupação regular e permanente. A única diferença entre o voluntário e o profissional é que este é pago para trabalhar, enquanto o voluntário não é remunerado. Teodósio (2002a) argumenta que os voluntários buscam remuneração não material, almejam uma satisfação espiritual, afetiva, política, ideológica ou mesmo de realização profissional.

Sem remuneração pela sua ação social, o voluntário exerce de alguma forma sua cidadania, por estar contribuindo com a sociedade, oferecendo seu tempo disponível com o intuito de transformar nossa sociedade. Neste sentido, Souza (2002, p.317) ressalta que: “ser voluntário é um ato de consciência cívica e um exercício de cidadania, legitimado pela sociedade e reconhecido pelo Estado, e que se consolida como ferramenta importante para a construção de uma sociedade mais justa e solidária”. Enquanto que Lins (2002) afirma que o voluntário é um agente de transformação, e por se comprometer com a mudança, é o primeiro a mudar (rompe o muro do egoísmo e da solidão, resolve ser útil e produtivo), depois alcança a comunidade ou as pessoas com quem o voluntário constrói uma nova realidade e finalmente acontece à mudança da sociedade, que se contamina com os valores das ações voluntárias e tem oportunidades de se rever, e de se repactuar.

Referindo-se as transformações provocadas através de programas de voluntários, Souza (2002, p. 320) comenta ainda que “o trabalho voluntário auxilia no desenvolvimento de comunidades auto-sustentáveis e saudáveis, na luta por segurança, justiça e oportunidade para todos, ou seja, o trabalho voluntário é fundamental para a construção de uma sociedade justa e mais solidária”. Para esta mesma autora, o voluntário é um fenômeno social que tem crescido muito nos últimos anos, provocando mudanças importantes no desenvolvimento social do Brasil, uma vez que, o crescimento e a consolidação do voluntariado no Brasil implicam na participação direta do indivíduo como agente transformador da sociedade e refletem uma preocupação da sociedade civil em contribuir para o aperfeiçoamento das relações sociais.

No entanto, as ações assistencialistas, tais como a filantropia, não resolvem os problemas imediatos, apenas amenizam, Silveira (2002) afirma que o assistencialismo por sua vez, não

pode resolver os problemas existentes, referentes às necessidades imediatas das pessoas, são necessários programas que tenham por objetivos, buscar algo além das questões básicas de sobrevivência, não fornecendo necessariamente algo material, mas conhecimento, apoio, buscando a promoção da auto-sustentação das pessoas enfocadas.

Portanto, sendo a filantropia uma ação compromissada da empresa para com a sociedade, a empresa e seus voluntários, também são beneficiários da ação voluntária, o que pode ser observado nas palavras de Perez (2002, p.258), ao comentar sobre o trabalho voluntário:

Além dos benefícios diretos da ação dos voluntários, os funcionários sentem-se satisfeitos por estarem ajudando a comunidade, ficam felizes com a empresa em que trabalham por ter incentivado tal prática e acima de tudo por valorizá-la. Nesse sentido, há relatos de empresas que registraram aumento na produtividade de seus funcionários após a implantação do voluntariado.

Teodósio (2002b) compactua da idéia de Perez (2002) quando diz que projetos de voluntariado envolvendo empregados podem se constituir em fontes de mudança organizacional na empresa privada, resultando em um aumento de produtividade e competitividade.

Portanto, é inegável que muitos programas de voluntários atuam de forma assistencialista, não resolvendo o problema social existente. Mas, parafraseando Melo Neto e Froes, a ação de filantropia é salutar e pode se caracterizar em um primeiro passo para a responsabilidade social. Por outro lado, os voluntários ficam satisfeitos e motivados em doar seu tempo em proveito de uma ação social, ao participar de um projeto ou programa de voluntariado e ainda, a empresa melhora seu clima organizacional, conseqüentemente, resulta em um aumento de produtividade e de qualidade.

1.2.7 A responsabilidade social e o apoio à comunidade

Ao assumirem a responsabilidade social, as organizações procuram desenvolver programas sociais, tais como: programas de voluntários, serviços à comunidade, proteção ambiental, defesa do consumidor, assistência médica, programas de condutas no tratamento de funcionários (melhorias de condições do trabalho), programas educacionais e culturais e

ainda, visam o desenvolvimento local. Observa-se, porém, que muitos programas sociais, empreendidos por empresas, buscam o desenvolvimento humano e social e não apenas o desenvolvimento econômico, afirmando-se como propagadora e garantidora do bem-comum, com tendência em direção à cidadania corporativa. O importante é considerar que o fato das organizações adotarem ações consideradas socialmente responsáveis, além de reverter estas ações em vantagens competitivas, passa a produzirem diferenciais positivos para seus funcionários e clientes, e ainda, produzem ganhos para as comunidades nos quais essas empresas estão inseridas. Rizzi (2002, p. 188) afirma que:

No Brasil, ainda se confunde responsabilidade social com investimento que a empresa faz na comunidade. Há empresas que desenvolvem ações na comunidade, investem na educação informal, mas desconhecem o grau de escolaridade de seus próprios empregados, ou a situação educacional dos filhos de seus empregados, e até mesmo a escolaridade dos fornecedores e dos filhos deste ou a de seus clientes.

Concluindo sua afirmação, Rizzi (2002) afirma ainda, que a responsabilidade social de uma organização vai muito além do local em que ela está instalada, não constituindo em uma atividade distinta dos negócios, mas em uma nova forma de gestão empresarial, sendo visada como uma iniciativa própria e não compulsória.

Muitas vezes a responsabilidade é traduzida em iniciativas de apoio à comunidade, Lima (2002, p.116) relata que:

A palavra apoio tem, entre outros, os seguintes significados: sustentáculo, base, proteção, auxílio, patrocínio, favorecimento, suporte. A análise de apoio das corporações de fins econômicos à comunidade circunscreve um conjunto de ações e atitudes que viabilizam a melhoria da qualidade de vida dos integrantes da comunidade onde tais organizações estão inseridas, partindo, inicialmente, do âmbito local e podendo tomar amplitudes e abrangências progressivamente maiores.

Para Lima (2002), o apoio das empresas à comunidade pode se concretizar no respeito e proteção ao meio ambiente; em investimentos nas áreas de educação, saúde e lazer; na produção de atividades que incentivem e auxiliem a erradicação da pobreza, miséria e violência; no apoio a projetos sociais em andamento e na colaboração para a criação de mecanismos de auto-sustentabilidade desses projetos.

No Brasil, quando se discute o apoio das empresas brasileiras à comunidade, apresentam-se duas formas básicas, a primeira é representada pelas empresas assistencialistas ou que fazem doações filantrópicas, onde o apoio ocorre de forma descomprometida ou pontual. A segunda forma é compreendida pelas empresas cidadãs ou pró-ativas, que ampliam e completam seu papel de agente econômico e se transformam em agentes sociais por disponibilizarem os mesmos recursos usados em seus negócios, para transformarem a sociedade e desenvolverem o bem comum (GUIMARÃES, 2004).

Um outro aspecto interessante a ser considerado com relação à responsabilidade social e ao apoio das empresas à comunidade é a forma pela qual os investimentos em projetos sociais se iniciam. Segundo Lima (2002) as empresas promovem ações sociais que tenham o potencial de lhes trazer alguma espécie de benefício concreto, e se determinadas necessidades da comunidade não evidenciarem essa promessa em si, isto é, desde que haja um retorno para a empresa patrocinadora, não somente em dinheiro, mas também para a imagem da empresa, provavelmente o projeto será abandonado pela iniciativa privada. Esse descompromisso com a sociedade que as entidades privadas muitas vezes apresentam, se faz, pelo fato das empresas não serem as maiores responsáveis pelo desenvolvimento e progresso da sociedade, e ainda, não terem a obrigatoriedade em cumpri-los. Mas, a forma com que as empresas realizam programas sociais, vem sendo questionada, uma vez que, a maneira com que a responsabilidade social é compreendida, não garante que as organizações são cumpridoras do seu papel social. Ventura (2003) compreende a responsabilidade social como uma forma das organizações prestarem conta com a sociedade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos. Esta contribuição pode-se concretizar através de projetos sociais, o que acarretaria em compromissos mais sérios para com a comunidade. Tomei (1984, p.192) afirma que: “a empresa mais sensível às necessidades da comunidade terá como resultado uma comunidade melhor, onde será mais fácil à própria gerência dos negócios”. É perceptível nesta afirmação que o compromisso com a qualidade de vida gera um processo de melhoria social, acarretando em um melhor ambiente para a atuação empresarial.

1.3 AS ORGANIZAÇÕES COOPERATIVAS E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

Nota-se, que as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado de suas comunidades atendendo um de seus princípios, que por sua vez, está intimamente relacionado com a afirmação de Grajew (2004), segundo o qual a sustentabilidade é essencial para a

sobrevivência das empresas. Irion (1997) comenta que a busca das cooperativas para com o desenvolvimento sustentado, é comprovado pelas suas repercussões econômicas. Sendo assim, as cooperativas possuem valores e princípios que as direcionam ao desenvolvimento sustentado. Quando Grajew (2004) menciona que a sustentabilidade é o fio condutor para articular as dimensões local e global dentro de uma mesma lógica de desenvolvimento, pode-se dizer que esta idéia é compactuada por Irion, quando se refere às cooperativas. Irion (1997) salienta que na interação com a comunidade, se compreende o relacionamento intercooperativo em nível local, nacional e internacional e que é nesta fase de interação com a comunidade que o movimento cooperativo amadurece e toma consciência de que, se integra a economia social, necessitando, ainda, fazer com que os benefícios da cooperação transcendam o quadro de cooperados.

Segundo Irion (1997), ao assumir uma preocupação com a sociedade, na fase de integração com a comunidade, encontra-se o apogeu da função social da cooperativa, atuando diretamente no bem-estar social da comunidade. Pode-se compreender que nesta fase evolutiva de uma cooperativa, ela envolve-se com a comunidade, comprometendo-se com o desenvolvimento de projetos que beneficiem a comunidade local ou regional. Nota-se que, para Lima (2002), a responsabilidade social é o comprometimento de todos os agentes sociais, com todos os que com eles se interagem e considera também, a responsabilidade social como apoio das empresas à comunidade, com investimentos em projetos sociais permanentes. Grajew (2004) opina sobre este assunto, ao comentar que a responsabilidade social implica também em associar as metas empresariais com os objetivos importantes para o conjunto da sociedade.

Referindo-se a responsabilidade social e a evolução do cooperativismo Barroso (2003, p.482) considera que:

Uma vez que as cooperativas vêm desempenhando importante papel no ataque aos problemas criados por mudanças nas economias ao redor do mundo, a responsabilidade social empresarial [...] pode ser uma resposta moderna aos tumultos econômicos e sociais criados pela globalização. Ela não vem para substituir o movimento cooperativista, mas vem, na verdade, tanto para apresentar novas abordagens às cooperativas para melhorar a sua responsabilidade para com seus membros, quanto ser uma opção às empresas de capital, para também lutarem contra os problemas criados pela globalização. [...] O modelo cooperativo ofereceu uma solução para alguns aspectos de mudanças econômicas e sociais no passado e pode continuar a atuar neste papel no presente, ainda que haja um sentimento de que é necessária uma resposta mais forte, face à realidade presente. As práticas de

alguns indivíduos, empresas, governos e organizações não-governamentais para ganhos pessoais ou empresariais não são sustentáveis no longo prazo. [...] o elemento de responsabilidade social – a responsabilidade da organização não somente com seus membros/acionistas, mas também com todos os seus *stakeholders* – poderia ajudar a eliminar alguns desses problemas.

Para este autor, a responsabilidade social empresarial para com a comunidade não é algo novo para as cooperativas, de fato, elas foram criadas, acima de tudo, para resolver algumas reclamações e problemas comuns de um grupo de pessoas; sempre foram baseadas na comunidade que as criou. Pode-se dizer que, muitas cooperativas apresentam-se como exemplos de organizações que cumprem o seu papel social. Normalmente, além de cumprir com seus princípios, assumem um papel responsável com a comunidade onde estão inseridas, de forma compromissada, ampliando e completando o seu papel de agente social, melhorando a qualidade de vida das pessoas. Através de projetos permanentes, buscam transformar a sociedade, procurando o bem comum de toda a comunidade e a sua sustentabilidade.

A responsabilidade social comunitária contribui para o fortalecimento do comportamento cidadão e da cultura democrática interna, criando com isso uma atmosfera propícia ao desenvolvimento das pessoas e da corporação. Para Lima (2002), o apoio das empresas com a comunidade pode se concretizar em investimentos nas áreas de educação. Veiga e Fonseca (2002) afirmam que as cooperativas proporcionam educação e treinamento para os sócios, dirigentes eleitos, administradores e funcionários, de modo a contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento, ao cumprir com seus princípios. Enquanto, Irion (1997) diz que o conceito de educação cooperativista nunca se limitou à exclusiva divulgação da doutrina cooperativista. Este autor considera que, para elevar a cultura e a educação doutrinária do cooperativismo é preciso completá-la elevando o nível de conhecimento dos sócios, funcionários e inclusive familiares. Portanto, a preocupação das empresas socialmente responsáveis, com a educação, possui compromissos que podem ser considerados semelhantes aos princípios cooperativos, aparentemente, diferenciados pela educação cooperativista de puro caráter doutrinário.

Por outro lado, conforme a afirmação de Veiga e Fonseca (2001) as cooperativas devem investir pelo menos 5% de suas sobras líquidas do exercício financeiro, em função de se atender o princípio da educação treinamento e formação. Sendo o investimento em educação

obrigatório para as cooperativas e os investimentos em educação proporcionados por projetos de responsabilidade social, como uma ação livre e voluntária por parte das organizações.

Poderia então, esta ação ser compreendida como uma ação não voluntária, podendo se caracterizar como atendimento ao princípio cooperativista e não se configurando em uma ação de responsabilidade social? Porém, no atual contexto econômico, o que se percebe é que as cooperativas podem não apresentar valores significantes de sobras líquidas do exercício, e que os investimentos em educação ultrapassem o percentual de 5%, neste caso o assunto volta a ser compreendido como anteriormente descrito, como compromissos de responsabilidade social sendo semelhantes aos princípios cooperativos.

Outro fato a ser observado, no que se refere à questão do cooperativismo e da responsabilidade social, encontra-se pautado na questão ética. Para o Instituto Ethos a responsabilidade social é uma forma de se conduzir os negócios de forma ética, Pinho (2004) corrobora com esta afirmação e comenta ainda que a ética é à base da responsabilidade social e se expressa por meio dos princípios e valores adotados pela organização. Para esta autora, não há responsabilidade social sem ética nos negócios, apresentando-se aí a coerência entre o discurso e a ação.

Nota-se, que a ética, a responsabilidade social e os valores, estão compreendidos nas organizações que se apresentam como socialmente responsáveis. No caso de uma cooperativa, os valores estabelecem o que é aceitável e desejável, influenciando o comportamento coletivo da organização cooperativa e em outra organização não cooperativa, os valores devem representar o que é aceitável e desejável para os stakeholders e que esse comportamento, tanto em uma cooperativa como de outra organização, deverá ser alicerçado pela ética nos relacionamentos.

Sendo assim, neste contexto, a questão que permeia esta pesquisa apresenta-se da seguinte forma: as ações resultantes de projetos de Responsabilidade Social, desenvolvidas por cooperativas podem ser consideradas como ações de responsabilidade social ou esta especificidade está em consonância com os princípios cooperativos, não se configurando em um trabalho de responsabilidade social?

2. METODOLOGIA

2.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

Trata-se de um estudo inserido nos métodos qualitativos de investigação. Triviños (1995) comenta que a pesquisa qualitativa pode ser entendida como atividades de investigação que podem ser denominadas específicas por um lado, e por outro, pode ser caracterizada por traços comuns. Assim, o pesquisador possui o objetivo de atingir uma interpretação da realidade. Este mesmo autor ressalta que a pesquisa qualitativa tem suas origens na antropologia e na sociologia, uma vez que pesquisadores destas áreas perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo.

Para Chizzotti (2003, p.78) a pesquisa qualitativa “é uma designação que abriga correntes de pesquisa muito diferentes”. Tal autor considera que este tipo de pesquisa fundamenta-se em pressupostos contrários ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas diferentes dos estudos experimentais. Deslandes, Neto e Gomes (1994, p.22) contribuem afirmando que “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas”. Nota-se nesta afirmação que a pesquisa qualitativa trabalha com a subjetividade dos sujeitos e a exploração do universo de significados das relações e ações humanas. Richardson (1999, p.79-80) observa que: “as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares”. Chizzotti (2003, p.79) ressalta ainda que: “a abordagem qualitativa parte do fundamento que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Triviños (1995) infere ainda que, na pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica, os pesquisadores não se preocupam nem subsidiariamente das causas, nem das conseqüências da existência dos fenômenos sociais, mas das características deles, já que sua função principal é descrever.

Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo por se tentar compreender detalhadamente os significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados,

buscando compreender e analisar a realidade apresentada através das entrevistas, discutindo o assunto responsabilidade social e cooperativismo, apoiando-se na revisão de literatura e nas observações não participantes, com o propósito de revelar condições de análise sobre as ações resultantes do Programa de Responsabilidade Social da Cocamar.

Triviños (1995) salienta que a pesquisa qualitativa com apoio na fenomenologia é essencialmente descritiva. Portanto, percebe-se a necessidade da descrição das características do fenômeno, assim, o pesquisador utilizou a pesquisa descritiva, uma vez que, esta pesquisa expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Referindo-se às pesquisas descritivas, Gil (2002, p.42) afirma que:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Um estudo descritivo que tem por objetivo aprofundar a descrição de uma determinada realidade denomina-se estudo de caso (TRIVIÑOS, 1995). Triviños (1995) salienta que no estudo de caso os resultados são válidos só para o caso que se estuda, não podendo generalizar o resultado atingido. Para Yin (2001) o estudo de caso contribui de forma inigualável para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, permitindo uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real, tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos.

Porém, no estudo de caso se leva em consideração a compreensão como um todo, do assunto investigado, sendo sua função, a explicação assistemática dos fatos que ocorreram no contexto social. Segundo Yin (2001, p.32) “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Triviños (1995, p.134) salienta que “no estudo de caso qualitativo, onde nem as hipóteses nem os esquemas de inquirição estão aprioristicamente estabelecidos, a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda no assunto”. Portanto, pode-se considerar o Estudo de Caso como um marco de referências de complexas condições

socioculturais que envolvem uma situação, podendo retratar uma realidade ou revelar uma multiplicidade de aspectos presentes em uma dada situação.

2.2 COLETA DOS DADOS

Como técnica de investigação qualitativa empregada na coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com questões formuladas previamente e de acordo com o surgimento dos fatos durante o processo de investigação, pretendendo-se obter do respondente o que ele considera como aspecto relevante do problema em questão.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, a entrevista é compreendida como um dos principais meios que o pesquisador utiliza para realizar a coleta dos dados. Referindo-se à entrevista Bauer e Gaskell (2002, p.73) afirmam que:

Toda pesquisa com entrevistados é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca, não apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas.

Conforme estes autores, tanto o entrevistador quanto o entrevistado estão, de maneira diferente, envolvidos na produção de conhecimento. May (2004, p.145) argumenta que “as entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas”. Para tanto foi necessário para o pesquisador, atender à dinâmica das entrevistas, na sua condução e na análise dos relatos.

Na condução da entrevista semi-estruturada o pesquisador procurou controlar a situação, predeterminando perguntas. Triviños (1995, p.146) compreende a entrevista semi-estruturada como: “aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Assim, foi necessário que o informante relatasse espontaneamente suas experiências dentro do foco principal colocado pelo entrevistador.

Para este estudo, a entrevista semi-estruturada foi preparada com o propósito de se conhecer os benefícios (ações sociais) gerados pelo Projeto Cocamar Social e a sua consonância com os princípios cooperativos. Para contribuir com os resultados, as entrevistas foram gravadas durante a sua realização. Triviños (1995, p.148) observa que: “se a entrevista gravada é acompanhada de anotações gerais sobre atitudes ou comportamentos do entrevistado, pode contribuir melhor ainda aos esclarecimentos que persegue o cientista”. Para se realizar as entrevistas desta pesquisa, foi marcado antecipadamente o local e o horário específico.

Referindo-se ao número de respondentes, Minayo (1996, p.102) esclarece que: “numa pesquisa qualitativa o critério não é numérico”. Pode-se considerar que uma amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões. Portanto, a coleta das informações foi realizada de acordo com as categorias e os critérios de escolha de candidatos apresentados logo a seguir.

Para atingir o objetivo desta pesquisa, foi entrevistado o gestor do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, com o propósito de se conhecer os seus idealizadores, os motivos que levaram a sua criação, quais os benefícios gerados para a cooperativa, como são desenvolvidas as ações sociais e com que regularidade. Com estas informações foi possível compreender o compromisso da cooperativa para com a responsabilidade social desenvolvida pelo Projeto Cocamar Social, compreender o que os gestores do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar esperam como retorno dos investimentos no Projeto, e ainda, perceber se as ações sociais são de caráter permanente.

Foram entrevistados, também, funcionários que atuam diretamente na gestão do Projeto Cocamar Social e que trabalham na cooperativa há mais de cinco anos. Pretendeu-se com esse critério, escolher entrevistados que conheçam a cooperativa e o Projeto Cocamar Social, com o propósito de obter relatos a respeito dos benefícios gerados, sobre a regularidade das ações sociais e sobre o retorno que o projeto proporciona à cooperativa. O relato dessa categoria de entrevistados proporcionou uma melhor compreensão a respeito do compromisso da cooperativa com o Projeto Cocamar Social.

Sabendo-se que, para o desenvolvimento do Projeto Cocamar Social os gestores contam com o apoio de voluntários para o desenvolvimento dos programas que compõem o projeto,

percebeu-se a necessidade de se entrevistar os voluntários do mesmo. Para tanto, se fez necessário que os voluntários entrevistados, tivessem um vínculo com a cooperativa por mais de cinco anos e sejam voluntários no Programa por mais de três anos. Esse critério de escolha foi importante, pelo fato desta categoria de entrevistados conhecer a organização cooperativa e o projeto de responsabilidade social por ela desenvolvido. Os entrevistados dessa categoria apresentaram os motivos que os levaram a participar do projeto como voluntários, se existe alguma obrigatoriedade em participar e sua visão sobre a importância do projeto na cooperativa. Estes entrevistados proporcionaram, informações relevantes à pesquisa sobre a responsabilidade social da cooperativa para com os voluntários e a forma como os voluntários proporcionam benefícios à comunidade.

Fez-se necessário também, entrevistar a assistente social do projeto, com o intento de se conhecer os benefícios proporcionados pelo projeto de responsabilidade social da cooperativa. Os relatos contribuíram para a compreensão do alcance das ações consideradas de responsabilidade social.

Para se compreender mais detalhadamente as ações sociais geradas, foi de fundamental importância entrevistar os beneficiários do projeto. Estes são representados pelos colaboradores (funcionários), pelos membros da comunidade local e pelos representantes das entidades assistenciais.

Os sujeitos envolvidos na coleta de dados da pesquisa foram constituídos por colaboradores com mais de cinco anos de vínculo empregatício com a cooperativa e que, tenha usufruído benefícios do projeto. Esse critério foi adotado por se entender que os funcionários com mais tempo de serviço tendem a conhecer melhor a organização cooperativa e o Projeto. As informações oriundas dos relatos dos funcionários beneficiados forneceram subsídios para se conhecer os benefícios produzidos.

Os beneficiários representantes da comunidade que participaram da pesquisa se caracterizaram por serem moradores da comunidade local por mais de cinco anos, e usufruírem os benefícios há mais de um ano e não possuírem vínculo empregatício com a cooperativa. Sendo assim, eles foram capazes de apresentar informações sobre os benefícios oferecidos à comunidade local.

Os representantes das entidades assistenciais beneficiadas pelo Projeto Cocamar Social, que contribuíram para esta pesquisa, são cadastrados no Projeto de Responsabilidade social da Cocamar há mais de dois anos e representam esta entidade há mais de cinco anos. Esse critério se fez necessário para se compreender as atividades do projeto e os benefícios gerados. Este critério foi importante por que os entrevistados precisam conhecer tanto a organização que representa quanto o projeto da cooperativa, constituindo-se em uma fonte confiável de informações, possibilitando assim, informações sobre os benefícios gerados pelo Projeto Cocamar Social e a espontaneidade das doações, sem que haja alguma obrigatoriedade de retorno para a cooperativa.

2.3 PRÉ-TESTE

Foi realizado um pré-teste, com o propósito de se obter uma prévia para verificar possíveis dificuldades ou deficiências do roteiro de entrevista já estruturado, buscando-se revisar e direcionar aspectos da investigação. Richardson (1999, p. 202) lembra que “o pré-teste não deve ser entendido apenas como uma revisão do instrumento, mas como um teste do processo de coleta e tratamento dos dados”. Para tanto, o pré-teste foi aplicado em sujeitos que possuem as mesmas características dos entrevistados que compõem a pesquisa. Richardson (1999) lembra ainda, que “o pré-teste serve para treinar e analisar os problemas apresentados pelos entrevistadores”. Sendo assim, durante a aplicação do pré-teste, os entrevistados contribuíram comentando as dificuldades encontradas. Desse modo, o pesquisador se preparou para possíveis dificuldades durante a aplicação das entrevistas.

2.4 TRATAMENTO DOS DADOS

A transformação dos dados coletados em resultados de pesquisa envolve a utilização de determinados procedimentos para tornar possível sua análise por parte do pesquisador. Sendo assim, nesta pesquisa, as entrevistas semi-estruturadas, se tornaram a base do trabalho interpretativo e de análise. Uma vez feita a coletas dos dados através das entrevistas, o primeiro passo foi transcrevê-las e desenvolver uma leitura minuciosa e exaustiva. Gaskell (2002, p.71) explica que “a fim de analisar um *corpus* de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, é essencial quase que viver e sonhar as entrevistas – ser capaz de lembrar cada ambiente entrevistado, e os temas-chave

de cada entrevista”. Um outro ponto que esse autor menciona, é que, em uma pesquisa qualitativa, a análise dos dados pode ocorrer de acordo com as similaridades nas respostas, pois, ocorre, durante as entrevistas, uma sobreposição das falas, devido principalmente ao número limitado de versões da realidade.

2.4.1 Análise do discurso

No âmbito deste trabalho o processo de análise dos dados foi realizado pela técnica de análise de discurso. Isso porque a análise de discurso possibilita entender o *corpus* de entrevista num contexto de produção social dos sentidos, o que não seria possível, por exemplo, como mostra Godoi (2005), na análise de conteúdo. Na visão desta autora, a análise de conteúdo trabalha com um universo mais quantitativo, numa perspectiva informacional, colocando o discurso com um conjunto de referências lexicométricas, reduzindo o fenômeno da linguagem a categorias simplificadas. Por esse motivo, tendo como intuito deslocar o processo de análise, neste trabalho, para um contexto mais qualitativo, fez-se necessário desenvolvê-la a partir da análise de discurso.

Esse deslocamento, antes mesmo de ser uma escolha aleatória, deve-se as próprias características desta pesquisa. Para Stablein (2001) as pesquisas de cunho mais qualitativo visam descobrir e comunicar uma realidade organizacional na maneira como ela é vivenciada pelos vários atores envolvidos, compatível com as intenções nesta dissertação.

Retomando as discussões sobre análise de discurso, vale salientar a infinidades de tipos de análise de discurso que, na discussão de Godoi (2005), chega a abranger cerca de trinta e quatro tipos. Apesar de uma linha heterogênea e complexa de análise, essas modalidades possuem aspectos similares, o que possibilita caracterizá-las como análise de discurso. Com essa constatação, a intenção primordial é conduzir o processo de análise de discurso, nesta dissertação, para uma linha de interpretação social, sem deixar de lado as considerações de autores que, poder-se-ia dizer, possuem suas discussões mais próximas a outros paradigmas sobre análise de discurso.

Para tanto, o discurso será compreendido, no âmbito deste trabalho, como construções ideológicas e sociais contidas no texto (enquanto materialização da fala), o que possibilita visualizar, no *corpus* de entrevistas, a produção de sentidos, das práticas de responsabilidade

social realizadas pela Cocamar, na visão dos atores que estão envolvidos nela. Essa perspectiva referente ao discurso tem como foco principal o processo de construção social da realidade (BERGER E LUCKMANN, 1998), pois a produção dos sentidos ocorre num contexto histórico-social, que visa à existência de peculiaridades individuais (história), assim como estão atreladas a uma visão compartilhada (social).

Sendo assim, para Orlandi (2003) o termo discurso, etimologicamente, tem a idéia de curso, percurso e movimento, o que implica na análise de discurso um trabalho simbólico de construção e compreensão do sentido expresso pelo texto. Por meio da análise de discurso é possível ultrapassar o cerco das palavras e encontrar, em outros sistemas de análises, a química que forma os diversos sentidos das representações sociais no organismo social. Ela possibilita a descrição e análise da dimensão representativa, ou seja, estruturação dos signos, dos objetos, dos processos ou fenômenos inter-relacionados à formação e apreensão do conhecimento humano e conseqüentemente à construção social da realidade (MANHÃES e ARRUDA, 2006)

O objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto, tendo por finalidade explicar como um texto produz sentido (ORLANDI, 2004). Portanto, a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. Porém, o trabalho do analista não se limita à descrição, mesmo porque, a descrição tem que ser interpretada. Assim sendo, a finalidade não é descrever nem interpretar, mas compreender (ORLANDI, 2001).

Porém, a função do analista é compreender os significados e produzir sentidos, Orlandi (2001) considera o trabalho do analista em grande parte, o de situar (compreender) - e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido. Para esta autora, a questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação. Orlandi (2001) compreende ainda, que a análise de discurso veio pra ocupar uma necessidade teórica de se reconhecer à impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão, significando que a interpretação é posta em questão pela análise de discurso.

Tratando de um contexto, os discursos são definidos socialmente e temporalmente, a partir de uma origem comum. O contexto pode se referir a uma instituição ou comunidade. Análise do discurso procura contextualizar elementos em redes sociais, que podem ser determinados socialmente por regras e rituais. Sendo o discurso uma construção social, a visão de mundo dos sujeitos são reflexos do contexto histórico-social em que eles se relacionam, representado pelo mundo da vida cotidiana. Para Berger e Luckmann (1998) a vida cotidiana se apresenta como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que se forma um mundo coerente.

O mundo da vida cotidiana não é somente tomado como uma realidade certa pelos membros da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que caracteriza suas vidas, mas é também um mundo que se origina do ato de os indivíduos se comunicarem por meio da linguagem, demonstrando seus pensamentos e afirmando-os em suas ações como reais. Logo, o fundamento de apreensão de conhecimento na vida cotidiana designa objetivações de processos e significações subjetivas, graças às quais constrói a realidade social (MANHÃES, e ARRUDA, 2006).

Berger e Luckmann (1998) comentam que o mundo da vida cotidiana é estruturado espacial e temporariamente. Para estes autores, a temporalidade é uma propriedade intrínseca da consciência e o mundo da vida cotidiana tem seu próprio padrão do tempo, que é acessível intersubjetivamente. As palavras de Berger e Luckmann (1998) fundamentam a afirmação de Manhães e Arruda (2006) quando mencionaram que:

A aquisição de conhecimento na vida diária de cada membro da sociedade estrutura-se em termos de conveniências. Os seus interesses e os grupos em que o agente social interage permitem um cruzamento entre as diversas conveniências - o que, conseqüentemente, favorece a diversificação de significados e uma pluralidade de conhecimento.

A diversificação de significados e pluralidade de conhecimentos estão diretamente relacionados à propriedade intrínseca da consciência e do mundo da vida cotidiana que os sujeitos se apresentam. Sendo assim, o conhecimento é socialmente distribuído e diferentemente apropriado por diversos indivíduos e tipos de indivíduos. Para Manhães e Arruda (2006) isso contribui para a ampliação dos sistemas de signos e suas múltiplas representações, com seus significados culturais e sociais, sendo a vida cotidiana, sobretudo a vida *com* a linguagem verbal e por meio dela pode-se compreender, de modo mais amplo, a realidade social e cultural em que se vive.

Sendo o discurso uma construção social, considerado em seu contexto histórico-social, para ser analisado e compreendido, na intenção de se produzir sentidos, compreende-se que o analista do discurso procura analisar as construções ideológicas presentes num texto. Para Orlandi (2001), os sentidos são afetados pelo jogo da interpretação de acordo com o dispositivo teórico e os sujeitos são submetidos ao acaso e ao jogo, mas também a memória e à regra. Face à imprevisibilidade da relação do sujeito aos sentidos, toda formação social tem formas de controle e interpretação institucionalmente (mais ou menos) desenvolvidas que são historicamente determinadas.

Para se analisar a vida cotidiana dos sujeitos, em uma pesquisa, se deve levar em conta o seu caráter intrínseco. Sobre esse assunto, Berger e Luckmann (1998) mencionam que, o mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Para esses autores a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretativa pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. Portanto, compreende-se que a vida cotidiana é moldada por ideologias, passiva de análise e compreensão.

Por fim, vale ressaltar, de acordo com Orlandi (2001), que o gesto do analista é determinado pelo dispositivo teórico enquanto que o gesto do sujeito por um dispositivo ideológico. A posição construída pelo analista visa não refletir essa ilusão, mas ao contrário trabalhá-la, levar em conta questão da alteridade, tornando visível o modo como a ideologia opera. O que se espera, é que dispositivo teórico do analista, produza um deslocamento que permita que este trabalhe as fronteiras das diferentes formações discursivas. Por esse motivo a análise do discurso trabalha no entremeio à interpretação, como mostra Orlandi (2003), pois o respaldo que o analista tem durante esse processo é, consubstancialmente, extraído das discussões teóricas, aqui elucidadas sobre a rubrica da responsabilidade social e dos princípios cooperativistas, procurando evidenciar os sentidos expressos na visão dos diversos atores envolvidos no projeto de responsabilidade social.

2.5 VALIDADE E CONFIABILIDADE DO TRABALHO

Tratando-se da confiabilidade do trabalho, deve-se observar o dispositivo do analista, Orlandi (2003) diz que a interpretação aparece em dois momentos da análise. Em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito. Em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação.

Conforme mencionado anteriormente, o discurso foi compreendido, no âmbito deste trabalho, como construções ideológicas e sociais, com o propósito de visualizar, no *corpus* de entrevistas, a produção de sentidos, das práticas de responsabilidade social realizadas pela Cocamar, na visão dos atores que estão envolvidos com ela. Compreendendo que, a produção dos sentidos ocorre num contexto histórico-social, que visa à existência de peculiaridades individuais (história), assim como estão atreladas a uma visão compartilhada (social).

Tanto a historicidade individual quanto a visão compartilhada se efetiva num processo de construção social da realidade, onde um grupo de indivíduos compartilham de determinada realidade, que nesse caso é o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, assim como são passíveis de constituir peculiaridades a partir do momento que sofrem interferências de outros grupos, contextos e situações (BERGER e LUCKMANN, 1984). É nesta situação que as visões sobre determinado contexto ou instituição possuem uma riqueza inigualável ao mesmo tempo em que as versões sobre essa realidade são limitadas. É com a existência do limiar nas versões de um determinado contexto ou instituição que é possível, em comparação com a abordagem quantitativa, conduzir esse trabalho para a discussão sobre a validade e confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Vale salientar que na tradição qualitativa muitos autores, como por exemplo Minayo (1996), dão menos importância para esse tipo de discussão, que pouco contribui no processo de investigação dessa modalidade de pesquisa. Por outro lado, autores como May (2004) e Gaskel e Bauer (2000) acreditam que ser necessário obter instrumentos que possibilite ao leitor ou pesquisador maior confiabilidade e validade nos dados da pesquisa.

Sendo assim, quando se trabalha com a análise do discurso a intenção primordial não é descobrir ou explorar a existência da veracidade no que o sujeito de pesquisa diz, mas entender como são construídos os sentidos sobre determinado contexto ou instituição. Isso permite duas coisas: primeiro que as visões, dependendo do contexto onde o sujeito se situa, possuem particularidades, sendo necessário, no âmbito deste trabalho, a apresentação individual das falas dos entrevistados; segundo que apesar da variação as representações sobre determinada realidade, quando compartilhada pelo grupo, possuem limitadas versões, o que nos permite construir blocos de visões durante o processo de apresentação dos dados. Foi com essas últimas considerações que foram realizadas no processo de convergências e divergências nas falas dos entrevistados.

Poderia-se dizer ainda que tal processo se compara ao método de triangulação de dados, na perspectiva exposta por Triviños (1987, p. 138) quando diz que “a técnica de triangulação de dados tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”. A triangulação visa uma intersecção de vários processos que vão desde aqueles centrados no sujeito, até aqueles produzidos pela estrutura sócio-econômica na qual os sujeitos estão inseridos. Por esse motivo, ao invés de desvelar a verdade de poucos sujeitos através dos documentos que a Cocamar dispõe sobre o Projeto – mesmo porque esse processo contribui pouco para resolver o problema de pesquisa aqui proposto – foi observado esse processo pela visão, tanto daqueles que estão diretamente ligados ao projeto, quanto daqueles que recebem seus benefícios. É nesse contexto que a triangulação se efetiva, pois a intenção foi vislumbrar as convergências e divergências na visão dos vários autores, se aproximando das considerações de Alencar (2000) sobre o uso de várias fontes de dados originários em um mesmo estudo como técnica de triangulação. Os atores que participaram desta pesquisa estão representados pelos funcionários que participam na gestão do Projeto (gestores e funcionários voluntários) e pelos beneficiários, compreendidos pelos funcionários, membros da comunidade e os representantes das entidades assistenciais beneficiadas.

2.6 RECORTE EMPÍRICO

COCAMAR – Cooperativa Agroindustrial

A unidade empírica deste estudo é a Cocamar - Cooperativa Agroindustrial, que fica localizada na região Noroeste do Estado do Paraná, com sede na cidade de Maringá. A história da Cocamar se iniciou em março de 1963, quando foi fundada por produtores rurais em resposta à necessidade de contarem com uma entidade cooperativista no município, uma vez que, até então, atuavam isoladamente, enfrentando dificuldades na comercialização de seus produtos, representados na época, basicamente, pelo café. (JARDIM JÚNIOR, 2002). A cooperativa foi denominada inicialmente, Cooperativa de Cafeicultores de Maringá Ltda, surgindo com a sigla “COCAM” (sigla que jamais foi utilizada). A sigla Cocamar foi oficializada pelos cooperados em 1965 (COCAMAR, 2003).

Em 1979, em assembléia, os associados aprovaram o projeto de industrialização da cooperativa, objetivando inicialmente a instalação de uma indústria de processamento de soja, cujas atividades foram iniciadas no mesmo ano. Em 1983 a Cooperativa implantou a indústria de fios de algodão, uma vez que o Paraná, nesta época, era o maior produtor nacional de algodão e não contava com nenhuma indústria do gênero. No Ano de 1984, a Cooperativa passa a ter nova denominação social, COCAMAR – Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá Ltda., uma vez que os produtores de café eram minoria entre os associados, e o produto base de sustentação passou a ser a soja, neste mesmo ano, foi implantada a refinaria de óleos vegetais (JARDIM JÚNIOR, 2002; COCAMAR, 2003).

No ano de 1985, a Cooperativa iniciou as atividades da indústria de fios de algodão. No início dos anos 90, o parque industrial da cooperativa era composto por uma indústria de fios de algodão, uma indústria de fios de seda, uma indústria de extração de óleos vegetais, uma refinaria Envase de óleos vegetais e uma torrefadora de café (JARDIM JÚNIOR, 2002).

Em 1993, a Cocamar comprou a extinta Cooperativa Coamto, situada no município de São Tomé, região de Cianorte PR, passando a investir em uma nova atividade, a produção de álcool, instalando uma destilaria neste município. Em maio de 1994 a Cocamar colocou em funcionamento a fábrica de suco concentrado de laranja, em Paranavaí, PR (a primeira do

Estado do Paraná). No final dos anos noventa, a Cocamar decidiu priorizar o mercado de varejo, lançando novos produtos e estabelecendo estratégias para disputar cada vez mais a preferência dos consumidores (COCAMAR, 2003).

Em 1992, durante a realização de uma assembléia geral extraordinária, foi aprovado a mudança na denominação da Cooperativa, que passou a ser Cocamar Cooperativa Agro Industrial, em vez de Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá Ltda. A alteração foi necessária, uma vez que o uso do “Limitada (Ltda)” causava impedimentos, haja vista que a sociedade cooperativa já é uma característica societária. Em 2003, a Cooperativa ampliou o seu parque industrial, criando três novas unidades para a fabricação de sucos de frutas, sucos com proteína de soja, maioneses, atomatados e molhos. Neste mesmo ano, O instituto Tecnológico do Paraná (Tecpar) concluiu o processo de auditoria na Cocamar, recomendando a certificação do sistema de gestão da qualidade baseado no ISO 9001:2000 para os setores de refino de óleos vegetais, envase de óleos vegetais e álcool, torrefação de café e comercialização de produtos de varejo, produção e comercialização de fios de seda (COCAMAR, 2003).

Atualmente, formada por aproximadamente 6.600 (seis mil e seiscentos) cooperados, 2.200 (dois e duzentos) funcionários e 35 (trinta e cinco) unidades (entrepasto). Contudo, a Cooperativa procura trabalhar intensivamente para o estabelecimento de novos mercados e produtos.

3 RESPONSABILIDADE SOCIAL NA COCAMAR

Um aspecto de fundamental importância para a Cocamar é a responsabilidade social, uma vez que vem desenvolvendo um projeto de responsabilidade social, constituído de programas voltados para o desenvolvimento profissional de seus funcionários e para a comunidade.

Os motivos que levaram o pesquisador na escolha desta organização, para a realização do estudo empírico, encontra-se definido em dois fatores relevantes: primeiro esta entidade desenvolve um Projeto de Responsabilidade Social e o outro fator relevante é que se trata de uma organização cooperativa. Portanto, contatos foram feitos previamente com o responsável pelo Projeto de Responsabilidade Social, com intuito de obter informações e autorização para a realização da pesquisa.

3.1 PROJETO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL - COCAMAR SOCIAL

O Projeto de Responsabilidade Social da cooperativa denominado Cocamar Social, compreende vários programas que são desenvolvidos de forma permanente pelos gestores e voluntários do Projeto Cocamar Social, e encontram-se apresentados a seguir:

3.1.1 Programas do Projeto

3.1.1.1 Programa de Voluntariado – criado em 2001, este programa visa o envolvimento dos empregados com as ações sociais promovidas pela cooperativa em benefício da comunidade e também do quadro de colaboradores (funcionários) quando identificada a necessidade. Este programa se realiza através de cinco oficinas de integração, para tanto, a cooperativa incentiva o voluntariado para auxílio de entidades assistenciais e religiosas, todas cadastradas na cooperativa. A Cocamar disponibiliza o local para as reuniões das oficinas, espaço para o desenvolvimento das atividades e estrutura para o registro e controle das ações. Toda a organização necessária para o desenvolvimento das ações fica por conta de uma área específica dentro da cooperativa que também orienta e habilita os coordenadores das oficinas.

As oficinas do programa de voluntariado são: oficina do material escolar (jan-mar), oficina do agasalho (abr-jun), oficina do brinquedo (jul-set), oficina da fatura (out-dez) e a oficina do

desenvolvimento humano (o ano todo). Este programa encaminha suas arrecadações para entidades assistenciais, cadastradas na cooperativa, constituindo-se nos beneficiários deste projeto, que por sua vez são indicados pelos voluntários¹⁰ da Cocamar.

Oficina de material escolar – Nesta oficina os voluntários elaboram uma lista de materiais escolares para os níveis: primários, fundamental e médio. A partir desta lista é realizada a tomada de preços nas livrarias, com o objetivo de encontrar os melhores preços. É feita uma divulgação com a intenção de arrecadar através de doações o valor para adquirir os kits. Esta oficina se realiza no período entre janeiro a março de cada ano.

Oficina do agasalho - Os voluntários da Oficina do Agasalho arrecadam roupas e calçados nos meses de abril, maio e junho. O material coletado é separado, consertado e limpo. As roupas e os sapatos são encaminhados para a doação quando estiverem embalados com a identificação de gênero e de tamanho.

Oficina do brinquedo – Nesta oficina os voluntários responsáveis coletam brinquedos nos meses de julho, agosto e setembro, os quais são consertados (caso necessário) e embalados antes de serem encaminhados às entidades assistenciais cadastradas.

Oficina da fartura – Os voluntários coletam alimentos não-perecíveis e também doações em dinheiro. O valor arrecadado é transformado em itens para composição de cestas a serem doadas.

Oficina do desenvolvimento humano – nesta oficina os voluntários se reúnem para discutir sobre alternativas de geração de renda para entidades assistenciais e organiza eventos com a finalidade de suprir necessidades trazidas pelos voluntários.

3.1.1.2 Programa Centro de Estudos Cocamar – Iniciou suas atividades em 1990 e desde que foi implantado pela cooperativa, já passaram mais de 1200 alunos entre colaboradores, dependentes, cooperados e membros da comunidade local. As aulas são ministradas no complexo industrial da cooperativa em Maringá, em horários diferenciados. A Cocamar firmou parceria com a Secretaria Estadual de Educação do Paraná, através do PEJA –

¹⁰ Os voluntários da Cocamar são: os colaboradores (funcionários), cooperados e seus familiares, clientes e entidades.

Programa de Educação de Jovens e Adultos. A cooperativa realiza a contratação dos professores, oferece o material didático, disponibiliza o espaço físico e não há custos para os participantes. Sua área de abrangência encontra-se restrita nas dependências da Cocamar em Maringá. Neste programa, os beneficiários são representados pelos membros da comunidade local e por colaboradores.

O Centro de Estudos Cocamar disponibiliza também aulas de idiomas (inglês e espanhol), visando ampliar o conhecimento das pessoas ligadas a cooperativa, criando condições que facilitem o acesso a cursos de línguas, estando sempre atenta em disponibilizar os serviços em dias e horários que contribuam para a participação de um número maior de pessoas. Para realização deste curso é cobrada uma taxa simbólica de participação.

3.1.1.3 Programa Suco Justo – A administração deste programa fica a cargo da ARPROCLAN – Associação Rural dos Produtores e Colhedores de Laranja do Noroeste do Paraná, composta por produtores de laranja, a indústria de laranja e o sindicato dos trabalhadores rurais. Este programa foi viabilizado pela FLO Fairtrade Labelling Organization International – uma certificadora com sede em Bonn na Alemanha que trabalha dentro da filosofia de mercado solidário, o qual desenvolve um comércio que objetiva pagar um preço justo a toda cadeia produtiva. São várias as atividades desenvolvidas por este programa, dentre elas pode-se destacar: café da manhã para os colhedores; saneamento básico; viabilização de cursos informativos e profissionalizantes; alfabetização de adultos; atendimento odontológico aos colhedores; atendimento oftalmológico; doações de cestas básicas, etc. Este programa abrange os municípios de Alto Paraná, Paranavaí, Presidente Castelo Branco, Guairacá e São João do Caiuá. Os beneficiários deste projeto são compreendidos nesta pesquisa pelos colhedores de laranja das regiões citadas.

3.1.1.4 Programa Cultura e Lazer - este programa desenvolve atividades culturais e esportivas, compreendendo o coral adulto, o coral infantil e a escolinha de futebol. O coral adulto é composto por cinquenta integrantes voluntários, a cooperativa oferece maestro, músicos, transporte e alimentação nas apresentações em Maringá e Região. Os beneficiários são compostos pelos funcionários e cooperados voluntários.

O coral infantil é composto por quarenta e cinco crianças, desenvolve suas atividades em parceria com Lar Escola da Criança de Maringá, sendo as crianças do Lar que compõem o coral, os beneficiários do programa.

A escolinha de futebol compreende uma atividade realizada na Associação Cocamar – Maringá, desde 1990. Os jogadores dessa escolinha são os meninos de 7 a 14 anos, filhos de colaboradores, associados e moradores da comunidade local. Compreendemos como beneficiários deste programa os filhos dos colaboradores e os moradores da comunidade local, uma vez que, seus filhos utilizam as estruturas (quadras de futebol) da Cocamar.

3.1.1.5 Programa Vivo Melhor - este programa é subdividido em dois grupos: Atendimento social (Concessão de recursos financeiros; Melhoria das instalações físicas das casas dos colaboradores; Recuperação de escolas) e atividades complementares e geradoras de renda (Cozinha Experimental).

3.1.1.5.1 Atendimento Social – compreende uma triagem e identificação de necessidades dos funcionários (colaboradores) realizada por uma assistente social. A concessão de recursos financeiros é realizada pela associação da cooperativa, para colaboradores que comprovem a necessidade de empréstimo, oferecendo-lhes pequenas quantias com condições facilitadas de pagamento. Melhoria das instalações físicas das casas dos colaboradores, esta atividade se realiza através da força do trabalho voluntário e de campanhas (doações e coletas), prove ações de mutirões que possam melhorar as condições de moradia de alguns colaboradores. Recuperação de escolas, voluntários da cooperativa colaboram através deste programa na recuperação de escolas da rede pública de ensino. Os voluntários oferecem seu profissionalismo e o tempo para a execução das tarefas, a cooperativa oferece o material necessário, máquinas, ferramentas, transporte, alimentação etc.

3.1.1.5.2 Atividades Complementares e Geradoras de Renda - Cozinha Experimental – As atividades deste programa são desenvolvidas na Associação Cocamar em Maringá, uma nutricionista ministra um curso de culinária, com o propósito de estimular o uso da soja no preparo das receitas. O curso também aborda a questão da educação alimentar, estimulando o empreendedorismo capaz de promover ações que viabilizem a captação de recursos. Cada

curso tem duração de 8 horas e as turmas são compostas por 20 participantes, membros das entidades assistenciais cadastradas no Projeto.

Para realizar esta pesquisa, foi necessário conhecer o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, envolvendo alguns programas, com o intuito de compreender as ações sociais realizadas através do Projeto. Dentre os vários programas que compõem o Projeto foram escolhidos: o Programa de Voluntariado, o Programa Centro de Estudos Cocamar - CES e o Programa Vivo Melhor, para este último, especificamente a Cozinha Experimental.

O Programa de Voluntariado foi escolhido por ser considerado o maior programa que compõe o projeto, envolvendo quatro gestores (funcionários da cooperativa), uma assistente social, aproximadamente 300 voluntários e 220 entidades assistenciais.

O Programa Centro de Estudos Cocamar foi selecionado para compor o presente estudo por se tratar do programa mais antigo da cooperativa e que já beneficiou mais de 1200 alunos e foi escolhido, ainda, pelo fato de proporcionar a aprendizagem e conclusão do ensino fundamental e médio dos colaboradores e membros da comunidade local, promovendo assim, o desenvolvimento de seus beneficiários.

O Programa Cozinha experimental fez parte da pesquisa, por se tratar de uma atividade que oferece informações sobre a educação alimentar (conhecimento nutricional), importante para o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis. Sendo, estas informações oferecidas aos membros das entidades assistenciais cadastradas no Projeto Cocamar Social, para que se tornem multiplicadores das informações, podendo ser consideradas pelos gestores do Projeto, atividades geradoras de emprego e renda.

4 RESPONSABILIDADE SOCIAL NA VISÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS

Nesta parte da pesquisa realizou-se a discussão das entrevistas, com o propósito de apresentar a visão que cada entrevistado possui sobre o Programa de Responsabilidade Social desenvolvido pela Cocamar. Portanto, com a intenção de aprofundar, num segundo momento, a análise das entrevistas, congregou-se os sujeitos de pesquisa em dois grupos de atores. O primeiro envolve os gestores e funcionários voluntários, ou seja, aqueles que contribuem diretamente para o desenvolvimento do projeto. O segundo grupo abrange os sujeitos beneficiários, ou melhor, aqueles que são favorecidos de alguma forma pelo Projeto de Responsabilidade Social desenvolvido pela Cocamar.

Para tanto, essa primeira empreitada visa basicamente apresentar os aspectos discutidos em cada entrevista, trazendo de forma particular a fala dos sujeitos da pesquisa, para, num segundo momento, vislumbrar as divergências e convergências entre a visão dos atores. Portanto, a primeira entrevista discutida é a do gestor do projeto e concluiu-se esse percurso com as entrevistas dos sujeitos ligados às entidades beneficiadas.

4.1 SOBRE A COMPREENSÃO DO CONJUNTO DOS ATORES

Nesta parte da pesquisa, faremos uma discussão à cerca das entrevistas dos atores envolvidos com a gestão do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, com o propósito de se caracterizar a visão destes participantes envolvidos com o Projeto, sobre as ações de responsabilidade social da Cocamar. Para se obter uma melhor compreensão, os voluntários encontram-se classificados aqui, por contribuir diretamente com desenvolvimento do Projeto, oferecendo seu tempo em prol dos objetivos do programa de voluntariado.

A entrevista com o Gestor teve por objetivo conhecer particularidades do projeto de responsabilidade social. Para tanto, em um primeiro momento procurou-se compreender o papel da organização cooperativa no que se refere às questões sociais e, em um segundo momento, buscou-se entender, na perspectiva do gestor, o funcionamento dos programas selecionados para esta pesquisa (Voluntariado, Centro de Estudos e Cozinha experimental). Assim sendo, na concepção do gestor a ação social da cooperativa está intimamente

relacionada com a questão econômica, uma vez que sua existência depende dos resultados econômicos:

A cooperativa foi criada objetivando naturalmente trabalhar em prol dos seus associados, ou seja, buscar resultados para os associados que são seus acionistas, são os proprietários da cooperativa e naturalmente a área social tem nesse trabalho, digamos econômico, uma importância no que diz respeito à preocupação que sempre houve tanto da cooperativa, administração, como dos seus associados em relação à comunidade na qual está inserida. Então o econômico é o objetivo da cooperativa existir, mas num paralelo sempre há ou sempre houve durante todos os anos da sua existência e continuará havendo uma preocupação muito forte com a responsabilidade social (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Apesar da preocupação com o desempenho econômico, esta organização possui um compromisso com o campo social e uma forte relação com a comunidade em que se insere, que na concepção do entrevistado é o que motivou o desenvolvimento de um projeto de responsabilidade social:

Apesar de ter sido criada com objetivos econômicos, sempre houve uma preocupação com relação à comunidade mais carente, com relação ao social. Diante disso, a direção da empresa entendeu que era de fundamental importância criarmos uma área que assumisse a responsabilidade pelos desenvolvimentos dos projetos sociais que a cooperativa entende que são importantes para a comunidade na qual ela está inserida (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O gestor comenta que a partir de 2002 houve a criação de um departamento que passou a gerenciar todos os projetos sociais que estavam sendo desenvolvidos nas mais diversas áreas, com o propósito de se obter um mínimo de controle sobre os recursos necessários para manter esses programas.

Todo esse aparato nasce com a intenção da cooperativa de atender não só os seus associados e colaboradores, mas também a comunidade do seu entorno. Para o entrevistado essa não seria a principal responsabilidade da cooperativa, mas a cooperativa realiza esse papel por considerar que o social é importante:

O motivo mais importante de termos desenvolvido e implantado esse projeto de responsabilidade social é justamente atender na medida do possível e dentro das condições que a empresa possui, é tentar minimizar as

necessidades que a comunidade carente tem. Então, se a gente pensar esse é o papel da cooperativa, eu digo que não é esse o papel da cooperativa, o papel principal da cooperativa, é o seu lado econômico, mas sem deixar de considerar o lado social que é importante. E nós, como empresa, como organização, nos sentimos na obrigação de dia após dia, nos conscientizarmos de que nós temos responsabilidades sim, com toda a comunidade, não só com nossos associados ou com nossos colaboradores, mas também com a comunidade de nosso entorno (relato de entrevista, pesquisa de campo).

É nesse contexto de discussão da importância do social para a cooperativa que o entrevistado passou a salientar os benefícios gerados aos *stakeholders*, sendo estes compreendidos pelos funcionários, membros da comunidade local, cooperados, voluntários, dentre outros. Com relação à comunidade local o entrevistado enfatiza que desde que surgiu o Projeto de Responsabilidade Social a cooperativa vem trabalhando em campanhas de arrecadação de alimentos, agasalhos, brinquedos e materiais escolares, com o intuito de suprir algumas necessidades das comunidades mais carentes.

Alem da comunidade local, o gestor apresenta alguns benefícios para os funcionários da cooperativa. Esses benefícios demonstram o empenho da cooperativa para com seu público interno, atentando à legislação trabalhista e alguns benefícios sociais, visando o bem estar dos funcionários:

Para os colaboradores a Cocamar, evidentemente, tem trabalhado ao longo dos anos, para cumprir uma política salarial adequada e compatível com nossa região. Tem procurado oferecer assistência médica, através de convênios para os colaboradores, no sentido de possibilitar uma melhor negociação. No que se refere a planos de saúde, temos conseguido para alguns colaboradores, com uma condição um pouco menor, convênios que venham baratear os custos com consultas, com exames, com farmácias e assim por diante (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando de benefícios, o gestor comenta sobre a importância do voluntariado para o projeto. Expõe que apesar do auxílio ou ajuda do voluntário na concepção dos projetos, não há a remuneração financeira, mas uma “remuneração” em termos de satisfação e auto-estima. Idéia esta que condiz com as expectativas de ser voluntário:

Ser voluntário é você oferecer recursos ou serviços de forma gratuita, sem pensar em ser compensado por isso, entendo que ser voluntário é isso, quer dizer, se eu puder participar de uma atividade, num domingo, num sábado,

ou mesmo à noite, ou fora do meu expediente, eu me disponho a ir participar e ajudar, isso é ser voluntário [...]. A satisfação, eu acho que é o maior presente que uma organização como a nossa, pode disponibilizar. A satisfação você não passa, você não melhora ela, você apenas oportuniza para as pessoas, para que elas venham e realizem o seu trabalho voluntário e fiquem satisfeitas. Eu acho que o benefício é exatamente esse, a satisfação é uma das coisas, melhorar a auto-estima eu acho que é outra coisa. Sentir-se útil, no sentido de dizer, eu posso fazer aquilo, eu ajudei a fazer aquilo. Então não há da nossa parte, nenhuma outra forma, vamos dizer assim, de remuneração ou mesmo de pagamentos de serviços extraordinários, nós não fazemos isso, os nossos voluntários sabem que o que eles ganham: a satisfação e a auto-estima (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Todo esse empenho da cooperativa referente à questão social, no sentido de dirimir os problemas sociais da região em que se inseri, proporciona benefícios à própria cooperativa. Na concepção do gestor esses benefícios estão intimamente relacionados a uma preocupação por parte da cooperativa em vincular seu nome, por possuir uma estreita afinidade com o social, como uma organização preocupada com as condições sociais da sociedade:

A gente tem inclusive, o nome da empresa elevado na nossa região, de que nós somos uma empresa, que estamos preocupados, que nós procuramos melhorar as condições da comunidade. Um exemplo que eu posso te falar, é um trabalho de recuperação de escolas públicas do Estado. Recuperamos, quatro escolas nos últimos dois anos, onde os voluntários desenvolvem esse trabalho e a cooperativa participa com materiais, infra-estrutura, máquinas, veículos e, evidentemente, fornecendo alimentação regada a sucos, e assim por diante, esse é um trabalho bonito e os voluntários sabem que o que eles estão fazendo lá é para o bem daquela comunidade, inclusive lá está o seu filho, está seu sobrinho, que vão usufruir dessas melhorias que são oferecidas. A empresa fazendo a sua parte e eles fazendo a parte que lhes cabem, que é a mão-de-obra especializada para cada atividade desenvolvida lá (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Dentro dessa discussão dos benefícios gerados pelo Projeto de Responsabilidade Social e dos investimentos da cooperativa na viabilização desse projeto, algo nessa discussão ainda estava obscuro, o conceito de responsabilidade social na concepção do gestor. Mesmo acreditando existir essa obscuridade, a visão do gestor corrobora com os pressupostos que ele exaltou durante a entrevista, ou seja, dizendo que a responsabilidade social tem, por finalidade, por exemplo, dirimir as desigualdades sociais em uma comunidade:

Eu acho que a responsabilidade social é sentir-se útil para a comunidade, é entender que o que nós recebemos da vida, grande parte das pessoas não tiveram essas oportunidades ou não puderam receber por um motivo ou por outro, é que nós, como seres humanos, temos a obrigação de compartilhar

isso que a vida nos concedeu e entendo que com a nossa ajuda a gente vai conseguir com que haja um maior equilíbrio nessa diferença gritante que existe entre as pessoas que vivem na mesma cidade, no mesmo Estado ou no mesmo País. Responsável é acima de tudo estar sensibilizado de que nós não devemos conduzir nossa vida de forma única, nós temos sim, que compartilhar das coisas boas que nós temos com as demais pessoas e procurar melhorar cada vez mais as condições das pessoas que estão mais próximas da gente. Acho que isso é responsabilidade social, é você procurar se doar, transmitir aquilo que você pode, destinar aquilo que lhe é possível, para que outras pessoas tenham as mesmas oportunidades que eu tive, por exemplo. Ser responsável é isso, a responsabilidade pela sociedade começa com cada um fazendo um pouquinho e a gente evidentemente começa a reequilibrar esse desequilíbrio gritante que existe (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao abordar o conceito de responsabilidade social, o gestor observa que não devemos conduzir nossa vida de forma única, devemos melhorar as condições das pessoas. Nota-se na fala do gestor uma proximidade da responsabilidade social com os princípios cooperativistas. Apesar disso, o gestor apresenta a sua percepção sobre a responsabilidade social dentro de uma cooperativa, uma vez que a organização cooperativa possui pressupostos básicos da ação social:

Eu trabalho há 25 anos aqui na Cocamar, praticamente toda minha vida profissional foi aqui dentro e dentro do cooperativismo a gente vislumbra isso, vê isso, essa necessidade, a palavra cooperação, por exemplo, é uma coisa muito forte. Cooperar não significa estar doando sempre ou oferecendo sempre ou tentando resolver os problemas sempre, cooperar é dizer o seguinte, existem caminhos e eu posso te oferecer alternativas e você pode também caminhar, trilhar esta oportunidade que existe aí.[...] Então, eu acho isso, acho que o cooperativismo por si só propicia para a comunidade como um todo alternativas viáveis para o crescimento econômico, social e cuidado com o meio ambiente (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Como foi abordado na discussão teórica o conceito de responsabilidade social congrega ainda, questões como: ética empresarial, cidadania empresarial, filantropia e o balanço social. Para o gestor a ética empresarial relaciona-se com o público interno, com as obrigações legais e com a comunidade, no sentido de possuir uma postura “verdadeira” perante a sociedade, conforme sua exposição:

Ser ético é ser verdadeiro, primeira coisa, muitas vezes as pessoas dizem que ser ético é só fazer as coisas que agradam as outras pessoas, não é isso, eu acho que a ética primeiramente é ser verdadeiro, se você pode você faz, se você não pode, você tem que dizer que não pode. Ser verdadeiro, o que quer dizer, por exemplo, se você se dispõe a ser um empresário você tem que

saber quais os seus direitos e suas obrigações como empresário, então a ética é isso, primeira coisa é conhecer. Eu não posso como cidadão dizer que não sabia disso por isso que eu fiz errado. Se você não sabia você tem que pedir ajuda pra alguém, então o que é ser um empresário ético? Primeiro é dar um tratamento digno pra quem trabalha pra você. Pagando todos os seus direitos, pagando o melhor possível, não só as obrigações legais, mas aquilo que evidentemente a empresa pode disponibilizar. Segundo, cumprir com suas obrigações tributárias, trabalhistas, impostos, acho que a ética é isso, se você não pode cumprir com o que a lei estabelece que não seja um empresário. Terceiro, eu imagino que é sempre estar preocupado com a comunidade. Você não pode só se preocupar em pagar os salários para os seus funcionários, recolher os encargos sociais e impostos e aí você dizer o seguinte agora sou eu que vou cuidar do restante você tem que levar em consideração que você está dentro de uma comunidade, que você está gerando recursos e que naturalmente você tem que pensar como empresário, como organização, você é responsável sim por essa comunidade, aí entra a questão de ética e pensar o que eu posso fazer por essa comunidade eu faço, o que eu não posso eu não faço, é dizer o seguinte: este ano que eu posso fazer pela comunidade é isso, o ano que vem evidentemente se eu puder melhorar eu vou melhorar, mas não fica nenhum compromisso nenhuma obrigação. Ética acima de tudo é não contar histórias, é ser verdadeiro, ser autêntico é dizer realmente aquilo que você pode fazer e porque você está fazendo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Quando o gestor se refere aos direitos e obrigações do empresário, este de alguma forma apresenta a sua percepção de cidadania empresarial, que por sua vez, faz uma abordagem relatando que a organização é influenciada pela sociedade, através dos direitos e obrigações legais a serem cumpridos:

Cidadania empresarial é um pouco disso tudo que a gente já falou, é a empresa olhar para seus negócios e não deixar considerar que ela está inserida em uma sociedade, que ela está inserida em uma região, que ela está no seu dia a dia sentindo todos os efeitos gerados por essa comunidade, efeitos positivos e negativos, possuindo direitos e deveres [...]. Eu acredito que cidadania é isso, é você cumprir com aquilo que a sociedade através do legislativo incumbiu ou te colocou como sendo bom cidadão aquele que cumpre com as obrigações, aquele que gera empregos e paga impostos, estou falando do empresário evidentemente (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando ainda, de obrigações legais, o gestor enfatiza a importância do balanço social, que por sua vez sabe-se que este não possui tal obrigação perante a legislação brasileira, mas que, em sua concepção, este relatório de informações sociais é importante, uma vez que, visa informar os *stakeholders* sobre os investimentos no campo social:

A Cocamar não publica o balanço social, nós evidentemente temos a intenção de publicar um dia o balanço social, mas ainda entendemos que a publicação do balanço social não é prioridade pra nós. Embora eu entenda que o balanço social é um veículo de comunicação, um meio de comunicação que você pode chegar à comunidade, aos seus fornecedores, aos seus clientes e dizer pra eles que você realmente trabalha nesse sentido e você abre a possibilidade para que esse público manter relações comerciais com você. [...] Então o balanço tem essa importância, dizer que a empresa que eu trabalho, a Cocamar no caso, desenvolve projetos sociais e naturalmente ela vai começar a conversar com seus parceiros pra que haja uma contaminação saudável desse trabalho (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao comentar da importância do balanço social para com a divulgação das ações consideradas de responsabilidade social, o gestor refere-se aos projetos que são administrados e desenvolvidos pela cooperativa. Dentre estes, encontram-se o da Escola, da Cozinha Experimental e o do Voluntariado. É notório, que este último programa, pode ser compreendido por ações que visam atender a comunidade, suprimindo apenas as necessidades emergenciais, consideradas estas, ações filantrópicas. A esse respeito o gestor relata a sua preocupação em minimizar os problemas sociais mais emergentes que a comunidade possui:

Filantropia é justamente aquela condição de procurar minimizar os problemas mais urgentes, mais emergentes que a comunidade tem, por exemplo, campanhas de arrecadação eu entendo que é filantropia, que muita gente diz que isso não é uma coisa que vai resolver o problema da comunidade, claro que não vai. A gente sabe que isso não vai resolver a situação. Mas, se isso também não for feito a situação pode ficar muito pior do que já está, então eu digo que filantropia é um imediatismo, é socorrer as pessoas que estão com carência, tanto com alimentação, como na saúde e até na educação (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Abordando mais detalhadamente os programas inseridos nesta pesquisa, o entrevistado faz algumas observações sobre o programa de voluntariado e relata a sua percepção sobre o que é ser voluntário, apresentando três indicativos, sendo o primeiro compreendido pela doação do tempo disponível da pessoa, o segundo compreendido pela participação das pessoas nos eventos sociais como forma de demonstrar sua contribuição e por último, o gestor apresenta os patrocinadores de eventos sociais, aqueles que doam dinheiro ou sede a infra-estrutura:

Quando nós falamos em voluntários, nós precisamos primeiro nominar ou definir o que entendemos por voluntários [...] Quanto é que você se torna voluntário? Quando nós organizamos um evento na associação dos funcionários com o objetivo de angariar recursos para destinar as entidades

assistenciais, então nós contamos com voluntários que vão lá no dia ou no dia anterior e doa o seu tempo para que a gente consiga fazer ou oferecer um evento digno do nosso nome [...]. Segundo indicativo de ser voluntário é aquele colaborador, ou associado da cooperativa ou mesmo pessoas da comunidade que estando sensibilizados pela causa, vem no evento, adquire um convite, participa desse evento e naturalmente nós entendemos que é um voluntário [...]. Voluntários de outra forma são muitas vezes os patrocinadores que participam de determinado evento, doando determinados mantimentos ou veículos para transportar ou infra-estrutura de uma forma geral, muitas vezes a gente consegue alguns subsídios (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado menciona os benefícios que a cooperativa oferece aos voluntários, após a concretização de uma etapa do programa, realizada em prol de se angariar os recursos que serão distribuídos às entidades assistenciais, que se encontram cadastradas junto ao Projeto de Responsabilidade Social. Fica evidente em sua fala que os voluntários não recebem nenhuma remuneração pela sua ação voluntária:

Na verdade o que nós oferecemos para as pessoas, toda vez que nós desenvolvemos uma atividade, quer fazendo arrecadação ou promovendo um almoço, um jantar na associação, as pessoas que se envolvem isso nós temos por hábito em uma outra oportunidade oferecer um jantar de agradecimento, nós não remuneramos o voluntário, nós não trocamos o trabalho dele por recursos financeiros e a cooperativa também não paga o horário extraordinário, se ele vier aqui em um sábado fazer um trabalho voluntário à cooperativa não remunera, então o que nós oferecemos? Periodicamente, oferecemos uma atividade de lazer dentro da associação onde a cooperativa oferece um almoço regado a bebidas ou um jantar ou alguma coisa nesse sentido, na parte social pra eles. Então o nosso voluntário não é remunerado, ele não recebe por esse trabalho que ele faz (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando-se de entidades assistenciais, o gestor ressalta a importância do cadastro junto à cooperativa, para que estas sejam beneficiárias do Projeto e apresenta algumas condições necessárias, dentre elas o devido registro como entidade beneficente:

Nós temos um cadastro das entidades assistenciais na cooperativa, para a entidade ser cadastrada aqui conosco e começar a receber benefícios, ela tem primeiro que trazer à documentação, o estatuto social, a ata de eleição da diretoria, dizer à atividade que ela desenvolve, falar do número de pessoas que ela assiste e após esse relato de quem administra a entidade, nós encaminhamos a uma assistente social, só depois disso que nós fazemos o cadastro da entidade (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Uma vez cadastrada a entidade na cooperativa, especificamente para receber o benefício gerado pelo projeto de responsabilidade social, algumas condições são apresentadas, como critérios ou prioridades. Essas prioridades se fazem necessárias para a triagem dos produtos arrecadados na campanha. Uma prioridade importante nesse processo é atender as entidades que atendam as pessoas internadas em asilos, casas de repouso, etc. o que se observa no relato a seguir:

Se nós estamos desenvolvendo uma campanha de arrecadação de alimentos vamos direcionar os alimentos para as entidades que atende a pessoas internas. Esse é o primeiro ponto, por exemplo, asilos, entidades que cuidam de pessoas portadoras de necessidades especiais, pessoas com dependência química, e assim por diante, então internos dessas entidades, aí, evidentemente, depois de a gente atender essas entidades que tem uma prioridade maior, nós encaminhamos tudo que excede para outras entidades de cunho religioso e mesmo filantrópico (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Outro programa contemplado pelo projeto de responsabilidade social e abordado nesta entrevista foi Centro de Estudos - CEs. Conforme o entrevistado, o Centro de Estudos é mantido pela cooperativa a mais de quinze anos, este foi criado com o propósito de alfabetizar os colaboradores, melhorando assim, sua condição social. Foi observado que, logo que o Projeto de Responsabilidade social foi criado, o Centro de Estudos da Cooperativa se transformou em um programa, fazendo parte do mesmo:

Primeiro nós temos que dizer que o CEs, já funciona na empresa há quatorze ou quinze anos. Qual foi o objetivo de instituímos isso, desta data pra cá, nós sabíamos qual era o perfil do nosso colaborador, sabíamos que um grande número de colaboradores nossos na época eram mal alfabetizados, mal tinham alfabetização e alguns poucos naturalmente não tinham nem alfabetização, então nós sentimos a necessidade de melhorar essa condição de grau de escolaridade, [...] Esse trabalho tem sido feito e naturalmente a gente tem tido muitas alegrias em relação ao número de pessoas que saíram daquela condição pacífica e tranquila, de achar que a vida já estava resolvida e que hoje a gente encontra aí nos corredores e dizem que realmente foi muito importante ter estudado, que cabeça se abriu, que a visão hoje é outra e que tem mais perspectiva em relação ao futuro, isso é gratificante, isso é importante porque nós mesmos temos muitas vezes que provar pra gente mesmo que a vida tem solução (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Visando atender os funcionários, a cooperativa criou horários flexíveis, que no entender do gestor, não é admissível a impossibilidade de se estudar por falta de disponibilidade de tempo. Compromissada com a educação, a cooperativa possibilitou turnos diferenciados:

Os horários são flexíveis, nós temos três horários, o horário da manhã, o da tarde e temos o horário da noite. O que não podemos admitir em hipótese alguma é que haja a impossibilidade para estudar. Os três horários são suficientes para atender o colaborador em qualquer turno que ele esteja desenvolvendo a suas atividade profissional (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O benefício gerado por este programa foi estendido à comunidade local, que no entender do gestor, a cooperativa procura mantém suas portas abertas, proporcionando ao seu entorno uma oportunidade de melhorar o nível educacional:

Os membros da comunidade podem participar. O nosso entorno, aqui no caso, nós divulgamos e os nossos colaboradores são os porta-vozes, as portas estão abertas para comunidade aqui e naturalmente que não vamos pegar quem mora longe, do outro lado da cidade, porque têm outros locais da cidade que oferecem isso, mas quem está no entorno é bem vindo e nós realmente esperamos que haja uma participação maior (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando, ainda, dos benefícios que o programa proporciona, o gestor infere que o objetivo principal é elevar o nível cultural dos colaboradores (funcionários). Para ele, o funcionário passa a ter uma nova visão de mundo, mudando sua condição social e conseqüentemente a própria cooperativa reconhecerá seu valor, proporcionando em alguns casos um melhor salário através de uma promoção. Na fala do gestor, o grau de escolaridade é fundamental e conta pontos para que a pessoa tenha um indicativo de crescimento dentro da organização cooperativa:

Eu vejo grandes vantagens, por exemplo, uma pessoa que não consegue fazer leituras de um jornal, no momento que ele consegue melhorar esse quesito, vamos dizer assim, ele passa a ter uma visão do mundo totalmente diferente. Uma pessoa que mal escreve e começa a escrever melhor ela tem condições de passar a exigir e passar a cobrar e ser um cidadão com um nível melhor. [...] Mas, não basta você falar que você está fazendo O CEs, não basta o seu chefe ficar sabendo que você está fazendo o CEs, você não tem que estar fazendo o CEs pra ter uma promoção no seu emprego, você não tem que estar fazendo o CEs para melhorar o seu salário dentro da empresa, não é esse o objetivo maior. O objetivo maior é você melhorar a sua condição cultural e o seu grau de escolaridade, a questão salarial e de cargos dentro da empresa é uma conseqüência. O grau de escolaridade, nós não temos nenhuma dúvida de que ele é fundamental, e ele conta pontos para que a pessoa tenha um indicativo de crescer dentro da cooperativa (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A cooperativa também é beneficiada pelo programa de voluntariado, o entrevistado afirma que o funcionário com um nível educacional maior possui conseqüentemente uma facilidade maior de trabalhar e produzir com qualidade:

Para a cooperativa da mesma forma a gente vê só benefício, porque uma pessoa com grau de escolaridade melhor é uma pessoa que vai poder trabalhar em uma máquina ou em um equipamento de forma mais clara, sabendo o que ela está fazendo, conseguindo montar relatórios, desenvolvendo um trabalho com mais qualidade. A empresa aposta nisso e vê com bons olhos, portanto a educação está em paralelo com toda atividade profissional e a empresa entende que quanto maior for o grau de escolaridade melhor será o trabalho desempenhado pelo colaborador (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Nesta entrevista, foi abordado também o programa da cozinha experimental. Ao tratar deste programa, o entrevistado comentou sobre a importância da soja na nossa alimentação, e que o objetivo encontra-se em ensinar os funcionários, membros da comunidade local e membros de entidades assistenciais a elaborar diversos pratos com a leguminosa soja, proporcionando uma alimentação mais rica em proteínas e conseqüentemente, criando novos hábitos alimentares:

Nós sempre entendemos que a soja pode e deve ser uma leguminosa para ser introduzida nos hábitos alimentares do brasileiro e como é que ela vai ser introduzida se ela já está aqui no Brasil a mais de quarenta anos e se em 40 anos ela foi muito pouco utilizada. Nós sabemos que a colônia japonesa utiliza bastante a soja, mas os brasileiros de uma forma geral têm uma restrição inclusive, puseram vários tabus, a forma de preparar soja, do cheiro e do gosto, hoje existem técnicas de preparo que a soja passa ser um alimento como qual outro, como é o arroz, como é o feijão e como é carne. [...] o curso é realizado de forma totalmente gratuita e evidentemente a gente passou a estender, o curso para os associados, cônjuges e pessoas interessadas da comunidade. Então o que é isso, a idéia é divulgar a importância da soja e ela tem um custo muito mais baixo que o feijão e arroz. [...] Nós entendemos que é importante e devemos incentivar, primeiro que é um produto que a cooperativa trabalha, segundo que é um alimento que tem em abundância no Brasil inteiro, fácil de produzir, custo baixo e com qualidades excepcionais (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O programa da cozinha experimental apresenta alguns benefícios, que na visão do gestor, disseminar o uso da soja na alimentação é maior benefício gerado. Com esse propósito, a cooperativa procura atender as entidades assistenciais, a comunidade local, os associados e cooperados:

O que a cooperativa espera, por exemplo, das 220 entidades, a maioria delas mandou um ou dois ou três representantes, então esperamos que a entidade passe a trabalhar e oferecer para seus internos a soja como uma opção como boa alimentação, aí nós já achamos que o universo se torna bastante abrangente e você passa a ter uma população que vai consumir a soja e que naturalmente vai falar bem da soja, passa a disseminar a importância que é o benefício que nós achamos importantes. E esperamos que as pessoas que vem e faz o curso que sejam multiplicadoras disso, o objetivo é exatamente esse, é vir aqui aprender e se tornar multiplicador, essa é a grande virtude do programa cozinhando com soja (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A respeito do apoio prestado pela cooperativa as entidades assistenciais, no sentido de se propagar à alimentação com o uso da soja, o gestor comenta que a cooperativa proporciona o apoio inicial e que não doa alimentos, apenas possibilita o conhecimento na preparação dos pratos e informa os participantes do curso sobre a importância da soja na alimentação. O entrevistado relata que o próprio produtor rural poderia estar ajudando e doando soja para as entidades, e que isso não acontece pelo fato da comunidade não conhecer o preparo deste alimento:

O fato de você oferecer o curso e entregar o material didático é um começo para que elas tenham condições de realizar esse trabalho. Nós temos consciência de que a comunidade ao ajudar as entidades assistenciais, eu falo o poder público a iniciativa privada, porque as pessoas doam arroz, feijão, farinha, óleo. As pessoas não doam soja porque não temos o hábito de consumir a soja. O que a gente quer é despertar nas pessoas o hábito de consumir e aí entra a questão do produtor rural mesmo, se ele quer doar ou com certeza ele gostaria de doar uma saca ou duas de soja para entidade lá do município onde ele está, agora não tem ninguém lá dentro que saiba desenvolver ou cozinhar a soja, então a idéia foi essa, antes de fazer doação com soja, primeiro foi ensinar a cozinhar com soja, pra depois a própria entidade passar a pedir para as pessoas que fazem a doação tradicional que passe a doar a soja em vez de outros produtos (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O gestor vai mais longe, inclui no seu comentário a importância do poder público local conhecer o trabalho da Cooperativa e o uso da soja na alimentação, comenta que as entidades assistenciais não recebem soja das entidades governamentais devido ao costume tradicional e falta de hábito. Entretanto, a cooperativa não procura viabilizar outra forma de assistência para as entidades beneficiadas, através de contatos e apoio de outras organizações ou da prefeitura municipal, de modo que se viabilize a geração de renda, dando uma continuidade ao Programa Cozinha Experimental:

O poder público também tem suas tradições, só pra você ter uma idéia, oferece o leite de vaca ou de arroz, mas não tem o hábito de oferecer nem o extrato da soja que é o leite de soja e que tem muitos benefícios em relação da lactose e as prefeituras não tem o hábito de oferecer. A gente imagina, que o prefeito ou a autoridade municipal que cuida da área, secretário, sabedor que é desse trabalho que a cooperativa desenvolve, deveria se sensibilizar, e sensibilizar as pessoas que administram as entidades assistenciais. Nós temos políticos, temos profissionais liberais, temos juizes, temos promotores, temos o prefeito, temos todas as autoridades que formam a comunidade, então essa sensibilização tem o condão de dizer para pessoas de que é possível a gente conseguir uma alimentação melhorada (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Vários são os aspectos importantes dessa entrevista, pode-se observar de acordo com os relatos do gestor que, a cooperativa foi criada para buscar resultados para os associados que são seus cooperados. Mas que, segundo o entrevistado, sempre houve uma preocupação da cooperativa em relação à comunidade onde está inserida. Apesar de ter sido criada com objetivos econômicos, a direção da organização Cocamar, percebeu a importância de se criar um departamento que se responsabilizasse por projetos sociais. Portanto, o Projeto foi criado com o propósito de atender ao público interno e externo, uma vez que a cooperativa considera importante a questão social.

O gestor apresenta também, a sua percepção sobre responsabilidade social, que para ele se relaciona com o fato de dirimir as desigualdades sociais em uma comunidade. A ética também foi abordada em sua fala, relacionando-a ao público interno como obrigações legais e a comunidade no sentido de possuir uma postura verdadeira perante a sociedade.

O gestor ressalta ainda, alguns benefícios gerados pelos programas considerados nessa pesquisa, tanto para o público interno como o externo, e menciona, em sua fala, a importância dos voluntários e o empenho da cooperativa no sentido de dirimir os problemas sociais da região. Dentre os benefícios gerados pelo Projeto, o gestor apresenta o investimento na educação, como forma de procurar elevar o nível cultural dos colaboradores, e salienta que o grau de escolaridade é um importante indicativo para o desenvolvimento da cooperativa e dos funcionários que almejam cargos mais elevados.

Com essa exposição chegamos ao término da apresentação da entrevista do gestor do projeto. A partir deste ponto será abordada a entrevista com o auxiliar do gestor, que teve o propósito

de complementar as discussões realizadas pelo gestor, bem como enriquecer as discussões que visão responder nossa questão de pesquisa.

A entrevista com o auxiliar do gestor teve por propósito obter relatos a respeito do projeto de responsabilidade social, para uma melhor compreensão dos programas abordados nesta pesquisa. Procuramos em um primeiro momento conhecer a percepção do entrevistado a cerca do assunto de responsabilidade social, posteriormente buscamos conhecer, de acordo com a perspectiva do entrevistado os programas contemplados nesta pesquisa e finalmente conhecer a concepção do entrevistado sobre filantropia, ética empresarial e a relação do cooperativismo com a responsabilidade social.

O entrevistado apresentou sua compreensão sobre a questão da responsabilidade social, relatou que a cooperativa possui um comprometimento com seu público interno e externo. Neste sentido, a organização procura compreender as necessidades da comunidade e participando de forma ética e pró-ativa na solução destes:

Eu entendo que há um comprometimento da Cocamar com a adoção desse comportamento perante a sociedade, ela se preocupa com o seu público interno e com a comunidade também, assim, a cooperativa pratica suas ações dentro da responsabilidade social. [...] Pra mim, seria exatamente um comportamento ético de participar dos problemas da comunidade, de tentar ir além de pagar o salário para o colaborador e achar que isso é tudo. Com a responsabilidade social, a cooperativa vai tentar compreender as necessidades da comunidade, ela faz o atendimento às entidades assistenciais e o público interno que necessita às vezes de uma assistente social mais freqüente (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comenta sobre a importância do projeto de responsabilidade social para a cooperativa, e que as ações praticadas pela cooperativa resulta no fortalecimento da marca “Cocamar” e na satisfação pessoal do funcionário em participar de um projeto social, e que, conseqüentemente isto traria bons resultados para a própria cooperativa:

É muito importante porque isso acaba influenciando o seu nome, acaba elevando o seu nome, economicamente também falando, não posso separar as coisas. O fato da Cocamar praticar algumas ações sociais já tem elevado seu nome. A marca Cocamar é lembrada também: “A Cocamar pratica ação social”. Isso tem dado a Cocamar uma injeção, elevou a marca da Cocamar, hoje já é conhecida por que também, além de produzir, ela também pratica ação social, eu acho isso importante para a cooperativa. [...] acredito que

muito desses programas que nós desenvolvemos hoje proporciona uma satisfação pessoal ao colaborador, fazendo parte de uma empresa ética, deixar aberto para a participação das ações como voluntário e o fato de trabalhar e se doar para o outro promove uma satisfação pessoal do trabalhador ele produz melhor ele se sente melhor, é uma satisfação pessoal do próprio trabalhador, então isso só traz benefícios também para a Cocamar (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Comentando sobre os benefícios gerados, o entrevistado, relatou que a cooperativa desenvolve programas sociais durante todo o ano e que considera o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar permanente, possuindo atividades o ano todo:

Nós temos o Projeto Cocamar Social que é dividido em vários programas e esses programas acabam atendendo o ano todo. Nós temos o primeiro projeto que é o projeto de voluntariado que atende através das oficinas. São quatro oficinas, nós começamos lá na oficina de material escolar, a oficina de agasalhos.[...] Depois nós temos a oficina do brinquedo que acaba atendendo as crianças carentes. Nós temos ainda a oficina da fartura que é no final do ano [...]. Esse é o programa do voluntariado. Depois nós temos o programa do CES, o programa cultura e lazer, que possui dois corais, que se apresenta levando o nome da Cocamar. Temos também a escolinha de futebol que atende as crianças, então nosso programa acaba atendendo o ano todo. O ano todo nós temos atividades, sendo um projeto permanente, um projeto que não para (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Especificamente tratando do programa de voluntário, o entrevistado comentou sobre a importância da participação dos funcionários nas campanhas de arrecadação de alimentos, agasalhos, materiais escolares e brinquedos. Falou que os voluntários são convidados a participar de forma voluntária e espontânea:

Nós consideramos voluntário todo aquele que participa direta ou indiretamente nas promoções que a gente faz para angariar fundos para cobrir para dar suporte a essas campanhas. Voluntário não é só aquele que vem no dia e coloca uma camiseta e vai servir que vai arrumar mesa e vai recepcionar, é todo aquele que compra, aquele que divulga, todas as pessoas que direta ou indiretamente participam das promoções são considerados voluntários por nós. [...] Alguns se oferecem, porque gostam de trabalho voluntário, já tem toda uma história de doações, antes a Cocamar já fazia isso nas entidades assistenciais, temos voluntários que independente de ter aqui na Cocamar, já se doam em uma outra entidade da cidade, participam das igrejas. Mas aqui dentro quando a gente necessita a gente convida. Então eles doam o seu tempo para participar das ações (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao comentar sobre a espontaneidade da participação dos voluntários, mencionou que o voluntário também tem benefícios e que na opinião dela seria a própria satisfação de poder estar participando de um trabalho voluntário. Mencionou também, que se necessário parte da arrecadação pode ser destinada ao público interno, conseqüentemente o próprio voluntário poderia ser beneficiário:

O benefício seria a própria satisfação dele, ele se sente bem, ele produz melhor, ele trabalha melhor, da a impressão que ele é mais feliz, por estar se doando, pra fazer este trabalho em prol da comunidade ou da pessoa mais necessitada. [...] Nós atendemos também, se for necessário, se o colaborador recorrer ao nosso trabalho assistencial, a gente visita e se percebe que ele necessita, a gente atende o público interno também e depois encaminhamos para as entidades assistenciais (relato de entrevista, pesquisa de campo).

É notório que as arrecadações são destinadas principalmente para o público externo, atendido especificamente, pelo programa de voluntariado através das comunidades assistenciais. O entrevistado demonstra no próximo relato a seriedade e o compromisso da cooperativa a respeito do cadastramento das entidades beneficiadas pelo Projeto de responsabilidade social.

Nós procuramos atender as entidades que tem um registro no Conselho Municipal de Assistência Social. Nós realizamos uma visita com a assistente social, verificamos qual é o foco da entidade, o que ela faz, quantas pessoas ela atende e com que frequência ela atende essas pessoas. E através disso, a gente faz o cadastramento pra que ela participe das campanhas, ela só pode participar depois de cadastrada e depois de reconhecida por nós do departamento social (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Uma vez que estamos tratando do público interno e do público externo, vamos nos referir agora ao Programa Escola Cocamar - CEs. O entrevistado procurou apresentar o objetivo da criação CEs e quais são os benefícios gerados para o público interno e para o público externo, e como benefício ele apresenta a melhoria da qualidade de vida de quem investe na educação:

O objetivo da criação do programa Centro de Estudos Cocamar foi estimular o nosso colaborador a voltar estudar. Então é uma parceria com o CEBEJA, que é do Governo Federal. A Cocamar oferece toda infra-estrutura, oferece sala, materiais, apostilas, o pagamento dos professores, cafezinho. Tudo para que o colaborador volte a estudar, para que ele tenha uma melhoria de vida, concluindo o segundo grau, ter uma perspectiva de mudar de cargo, de angariar novos caminhos, não só aqui dentro da Cocamar, mas também fora, um trabalho melhor, sair do chão de fábrica, até fazer uma faculdade quem sabe. Ele é estimulado a voltar estudar pra tentar melhorar a qualidade de vida dele (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Foi comentado também, que a Cooperativa procura disponibilizar as vagas do CEs para os colaboradores e seus dependentes, não possuindo exigências ou imposições para a participação de membros da comunidade, mas, o espaço físico seria um fator limitante:

Não é bem uma exigência, digamos que seria um controle, nós liberamos vagas pra colaboradores e seus dependentes, associados e dependentes. Não abrimos pra comunidade por absoluta falta de condições de espaço físico, nós não temos um espaço pra atender tanta gente. Nós temos algumas salas de aulas e não temos somente aulas de primeiro e segundo graus, nós temos a de idiomas também. Nós não temos um espaço tão grande assim, portanto as turmas são limitadas e não conseguimos atender a toda comunidade (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que não beneficia a comunidade externa, procurando atender a comunidade interna. Mas, informou que as pessoas que prestam serviços para a Cooperativa e que não são colaboradores, são atendidas pelo CEs. Assim sendo, o Projeto de Responsabilidade Social proporciona oportunidades para membros da comunidade:

Se analisar estas pessoas nós atendemos a comunidade também, os que prestam serviços para Cocamar, também são atendidos pelo CEs. Temos prestadores de serviços terceirizados que estão todos os dias aqui com a gente, estes possuem os mesmos benefícios que os colaboradores da cooperativa. Os benefícios são estendidos para os trabalhadores terceirizados, como exemplo os que trabalham na copa, limpeza e jardinagem, na realidade eles não deixam de ser membros da comunidade. [...] Temos alguns que participam, e pertencem ao nosso quadro de alunos. Só que fora o colaborador da Cocamar e o prestador de serviços, nós não teríamos condições de atender a comunidade, porque seria muita gente (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Comentando sobre o Programa CEs e por este se encontrar inserido em uma organização cooperativa, o entrevistado afirmou que no Centro de Estudos não se divulga o cooperativismo, uma vez que o programa escolar encontra-se restrito ao programa educacional do governo federal:

O CEs, segue rigorosamente o programa do governo federal com relação a conclusão do primeiro e segundo grau. Esta divulgação é realizada através de treinamentos e desenvolvimentos oferecidos pelo RH, a medida em que se contrata novos funcionários são realizados treinamentos com o propósito de se divulgar o cooperativismo, na ambientação, no primeiro contato com a cooperativa, já se prepara o funcionário pra saber o que é a cooperativa. . Portanto não se divulga o cooperativismo na Escola Cocamar. Na escola o tema é restrito as matérias mesmo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A respeito do Programa Vivo Melhor, que contempla a Cozinha Experimental, o entrevistado apresentou alguns benefícios. Para a cooperativa, o motivo inicial de se criar este programa foi gerar renda através da preparação de alimentos com soja. Percebendo a necessidade de informar à comunidade sobre a importância da alimentação a base de soja, este programa foi estendido para entidades assistenciais:

A princípio a Cocamar queria divulgar a importância da soja na alimentação [...] tivemos a idéia de fazer a aqui dentro, até porque nós queríamos que isso fosse uma complementação de renda, que as pessoas aprendessem a cozinhar com soja e fizesse disso uma fonte de uma segunda renda pra que pudesse aumentar seu orçamento familiar. Então a primeira perspectiva foi fazer uma geração de renda através do cozinha experimental que está dentro do projeto vivo melhor. Assim, vimos a necessidade de estender esse programa pra comunidade e recebemos várias entidades assistenciais (que atendem idosos, crianças, portadores de deficiências) que precisam ter uma alimentação mais nutritiva. Então a gente começou a trazer as pessoas das entidades para que fizessem aqui o curso, conhecesse e soubesse lidar com a soja na cozinha e isso se ampliou. [...] Na realidade essa geração de renda, quando a gente criou esse projeto era mais para o colaborador. O colaborador que ganha aqui um salário de chão de fábrica, que de repente ele tem que ter outra atividade pra aumentar o orçamento familiar. Em princípio nós pensamos no colaborador e não na entidade. Se pudesse mandar aqui uma filha ou a esposa ou ele mesmo em um período em que ele tivesse ocioso, pra que ele pudesse vir aqui aprender. Ele pode até criar, ser criativo começar a produzir pratos. Divulgar isso e vender, então seria a intenção de se divulgar a culinária com a soja (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Comentando sobre a propagação da informação, a entrevistada relatou que a cooperativa possui uma preocupação muito grande com a continuidade do programa Cozinhando com Soja. A cooperativa gera a informação sobre o alimento e como a soja deve ser preparada, portanto, a cooperativa não doa esse alimento à comunidade, uma vez que, são muitas entidades assistenciais cadastradas, não sendo possível a atender a todas elas, de forma igualitária. Para a entrevistada a Cocamar não possui a responsabilidade e nem o compromisso de doar a soja, porque não teria como fazê-lo, e ainda, não orienta os representantes as entidades assistenciais para que eles consigam tal alimento, ou mesmo, não entra em contato com a prefeitura ou outras entidades locais com o propósito de viabilizar a aquisição da soja:

Não, esse trabalho de nós irmos fazer os contatos pra angariar essas doações, não. Nós deixamos isso a cargo da entidade. Os membros das entidades são orientados aqui, esse curso é inteiramente grátis, mas eles têm que buscarem os seus recursos. Eles reclamam às vezes e solicitam as doações à

cooperativa, mas a Cocamar tem sete mil donos, não podemos doar soja pra todas as entidades, porque todas são tratadas iguais, o que se faz pra uma tem que se fazer pra todas (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao comentar sobre a responsabilidade da cooperativa perante as entidades assistenciais, junto a comunidade ou até mesmo perante o seu público interno, o entrevistado fez uma relação sobre o cooperativismo e a responsabilidade social. Para o entrevistado, a cooperativa possui uma responsabilidade quando se preocupa com o desenvolvimento das pessoas e com a qualidade de vida dos indivíduos em sociedade e que isso tem gerado alguns benefícios, tanto para o voluntário, como para os associados e colaboradores, sem deixar de considerar a comunidade onde organização está inserida:

Na realidade ser cooperativa já é responsabilidade, um grupo que se reuni pra desenvolver suas atividades em conjunto. O próprio fato da atividade cooperativa já gera muita coisa boa porque tudo é feito em conjunto. Então a responsabilidade social veio bem a calhar porque a gente faz as ações pensando no desenvolvimento do ser humano, na melhoria da qualidade de vida. A ampliação das ações da Cocamar tem trazido muita coisa boa, a olhos vistos, tanto para o voluntário como para os associados e os colaboradores. A gente tem intenção de ampliar e estudar outras formas de estar colaborando com as pessoas e direcionar as pessoas para uma vida melhor, melhoria de vida pra comunidade e para o colaborador (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Uma vez que os princípios cooperativos visam à qualidade de vida dos indivíduos e que a responsabilidade social empresarial possui também um compromisso com o desenvolvimento social. O entrevistado comentou que a cooperativa está começando e fazendo sua parte sem esperar ajuda do governo federal ou municipal e que os resultados já estão aparecendo:

A responsabilidade social é um assunto novo, a gente acha que fez pouco, mas se você for analisar os programas, já fizemos muito, por que não existe uma receita de bolo, agente está gatinhando ainda, mas já caminhamos um pouco. A Cocamar está fazendo a parte dela, não espera pelo governo federal, estadual ou municipal. Faz a parte dela, independente do que os outros possam estar fazendo e isso é muito importante para Cocamar, enaltece o nome, gera uma satisfação pessoal, porque estamos trabalhando em prol de uma comunidade carente, como a que a gente tem (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao se referir à comunidade carente, foi abordado o assunto filantropia, o entrevistado mencionou que a cooperativa sempre fez doações e que no começo doava seus produtos,

como forma de atender a pedidos isolados. Analisando essa forma de assistir a comunidade, foi decidido pela diretoria criar um departamento de responsabilidade social, para o entrevistado a Cooperativa atendia a comunidade de forma filantrópica, mas hoje, a cooperativa desenvolve um projeto permanente de responsabilidade social que atende o público interno e o externo:

No início, a gente pode até entender como filantropia o que a Cocamar fazia antes da criação do departamento social e até porque o departamento acabou sendo criado em função destes atendimentos pequenos de doações. A diretoria da Cocamar viu a necessidade da criação do departamento, porque todos os dias nós tínhamos um pedido de óleo, um pedido de consulta, um pedido de cesta básica, enfim, coisas se pediam aqui e todos os pedidos chegava na diretoria. A Cocamar não tem um dono só, ela tem sete mil donos, tem que dar conta de tudo na assembléia. Por isso, viu a necessidade de criar um departamento com recurso próprio para fazer estas doações e não ficar fazendo uns pedidos isolados, então unificamos o departamento pra atender a necessidade da comunidade e o público interno também, porque nós temos muitos pedidos aqui, muitas necessidades internas de colaboradores nossos e as entidades também e a comunidade do entorno, que pedi socorro constantemente e assim a gente fez filantropia em vez de responsabilidade social. E a gente ampliou isso e hoje virou um departamento de responsabilidade social.

Sendo assim, o entrevistado apresentou sua percepção sobre filantropia e procurou diferenciar a filantropia da responsabilidade social. Para ele, com a criação do Projeto de Responsabilidade Social a cooperativa procurou atender a comunidade de forma global e permanente, não se configurando em filantropia que para ele seria atender somente quando solicitado:

Fazendo responsabilidade social o departamento se programou pra atender a comunidade de uma forma global [...] Então, não é filantropia é um programa que atende todas as épocas do ano, que atende a necessidade daquela época, é permanente, não é uma coisa isolada, não é atender quando solicitado, já é uma coisa previamente estabelecida, então eu vejo essa diferença (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando de responsabilidade social, uma questão muito importante seria a ética empresarial, a ética dos gestores, a ética dos funcionários. Questionado, o entrevistado apresentou sua percepção sobre o assunto, focando a ética dentro de um projeto de responsabilidade social. Para ele a ética é princípio de tudo e que caminha junto com todas as responsabilidades da cooperativa:

A ética caminha junto, é muito importante, de nada adiantaria a Cocamar construir uma coisa e não atender o outro lado que seria cumprir com suas obrigações. Então, a Cocamar é uma empresa ética a partir do momento em que ela cumpre com suas obrigações trabalhistas, ela paga seus salários em dia, cumpri com os benefícios, atente a legislação trabalhista, atende a legislação do meio ambiente, nós temos também a responsabilidade ambiental [...] Essa preocupação com o meio ambiente, com a sociedade, com a comunidade, é uma conduta ética, na minha opinião de nada adiantaria ela construir um nome zelando por esse lado e de repente esquecer o outro e ser penalizada por algumas coisas. Então a ética caminha lado a lado com a responsabilidade social, é muito importante à empresa ser ética antes de implantar a responsabilidade social (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Observamos que, nessa entrevista o auxiliar do gestor do projeto de responsabilidade social da Cocamar apresentou sua compreensão sobre a responsabilidade social, mencionando que seria um comportamento ético, tanto em relação ao público interno quanto ao externo, participando mais pró ativamente da comunidade onde se inseri, com o propósito de procurar compreender e atender suas necessidades. Para esse entrevistado, a ética e a responsabilidade social caminham juntas, mas que a organização deve procurar ser ética antes de implantar um programa de responsabilidade social. Segundo o respondente, o projeto de responsabilidade da cooperativa é permanente por desenvolver atividades o ano todo. Para tanto, conta com a colaboração de vários funcionários e que esses colaboradores não são remunerados pelas atividades voluntárias e que o benefício obtido seria a satisfação pessoal em poder estar doando seu tempo em prol de sua comunidade.

O entrevistado se referiu também, ao CEs e a Cozinha Experimental, segundo ele, o primeiro foi criado para melhorar a qualidade de vida do funcionários e que os membros da comunidade que prestam serviços para a organização cooperativa Cocamar também são beneficiados, podendo estudar no CEs. Relatou que a Cozinha Experimental foi implantada para gerar renda para os colaboradores e disseminar a importância da soja na alimentação para a comunidade. Sendo assim, a cooperativa gera a informação, mas não doa a soja. Finalizando, o entrevistado fez uma relação da responsabilidade social com cooperativismo, mencionou que, ambos se preocupam com o desenvolvimento das pessoas e com a qualidade de vida dos indivíduos na sociedade.

Tratando da responsabilidade social na visão dos atores envolvidos, se fez necessário entrevistar a assistente social da organização cooperativa, portanto, os relatos a seguir

apresentam informações relevantes para atingir os objetivos propostos. A entrevista com a assistente social da Cocamar teve por intento conhecer os benefícios proporcionados pelo projeto de responsabilidade social da cooperativa. A entrevistada apresentou sua compreensão sobre a questão da responsabilidade social, comentou sobre a responsabilidade social interna e externa, considerando os funcionários e familiares como público interno e compromisso com o público externo representado pela comunidade:

A responsabilidade social se divide em externa e interna – A responsabilidade social interna é voltada para funcionários e familiares, onde você busca projetos junto à qualidade de vida, projetos sociais voltados pra que os funcionários tenham algum benefício fora o que a empresa oferece. A responsabilidade social externa que é voltada pra comunidade é uma forma de você devolver a comunidade o que ela tem feito, ou seja, a comunidade compra o produto da Cocamar e você devolve em ações sociais que beneficie a comunidade. A Cocamar têm vários projetos sociais voltados pra comunidade. Isso é de fundamental importância, por que empresa não funciona só com os funcionários, ela precisa trabalhar com a comunidade porque ela está inserida dentro da comunidade, dentro de uma região (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao tratar sobre a responsabilidade social interna e externa, a entrevistada abordou o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar e comentou sobre sua importância para a cooperativa e para os funcionários:

Por ser um projeto inovador, para a cooperativa é importante ter responsabilidade social, é uma forma de mostrar para os funcionários a importância que a Cocamar está tendo com eles. [...] E os funcionários Também tem satisfação de trabalhar em uma empresa socialmente responsável. Se sentem honrados em saber que a cooperativa tem essa visão de prestar trabalhos voluntários, de pensar na comunidade como um todo de poder ver o que a cooperativa tem feito pela comunidade. [...] O reconhecimento, tanto da comunidade externa quanto dos funcionários (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada comentou que a Cocamar desenvolve os programas que compõem o Projeto de responsabilidade Social durante todo o ano, referindo-se aos programas contemplados nesta pesquisa: o centro de estudos, a cozinha experimental e o programa de voluntariado:

Normalmente se tem uma data prevista, se tem um cronograma. As atividades são exercidas de forma anual, a gente faz projeções anuais (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Na percepção da entrevistada os funcionários da cooperativa reconhecem o trabalho realizado pela mesma, procuraram apoiar a Cocamar com trabalho voluntário e a entrevistada acredita que mesmo que a cooperativa desenvolva um projeto de responsabilidade social, seus colaboradores não conseguem compreender a importância da responsabilidade social desenvolvida pela cooperativa:

Eu acho que por enquanto não, até por ser um departamento novo. É um projeto piloto e não está muito bem estruturado. Os funcionários ainda não têm essa visão, pra que servem responsabilidade social, eles sabem o que acontece, mas não sabem a dimensão da importância disto (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Após comentar sobre a importância da responsabilidade social desenvolvida pela cooperativa, a entrevistada apresentou sua perspectiva referente à função social da cooperativa. Conforme a assistente social, o cooperativismo apresenta uma vertente social e sua função social se estabelece através dos princípios cooperativistas:

A função social da cooperativa está estabelecida nos sete princípios, todos relacionados com a promoção integral do ser humano, o cooperativismo deixa bem claro a sua vertente social. As ações de responsabilidade social não são esporádicas e não têm como objetivo fazer marketing (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada fez uma relação entre responsabilidade social e cooperativismo, apresentando que as cooperativas investem em programas sociais, referindo-se a responsabilidade social e para ela estes programas procuram promover o desenvolvimento sustentado, e que a filosofia do cooperativismo diz respeito à solidariedade, mútua e equilíbrio social. Nota-se, em seu relato que: investir no desenvolvimento sustentado, na educação, na responsabilidade para com a comunidade, pode estar relacionados aos princípios cooperativistas e sua menção a respeito de cidadania, solidariedade e ajuda mútua, referem-se aos valores do cooperativismo:

Percebe-se o quanto às cooperativas estão investindo em programas sociais que promovam o desenvolvimento sustentável, considerando itens como desenvolvimento do meio ambiente, educação, cidadania e responsabilidade com a comunidade. Entende-se que os princípios e pensamentos da filosofia cooperativista apontam para a solidariedade e ajuda mútua e a busca do equilíbrio social (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada apresentou na entrevista, sua percepção sobre alguns aspectos relevantes para a pesquisa em questão. A entrevistada mencionou sobre a importância da responsabilidade social para a cooperativa e para os funcionários; citou ainda que este projeto é desenvolvido o ano todo e que os funcionários reconhecem esse trabalho, procurando apoiar a cooperativa, mas que estes não conseguem compreender a importância da responsabilidade social desenvolvida pela cooperativa.

Com esse percurso, chegamos ao término de apresentação da entrevista com a assistente social. A seguir, apresentaremos a visão dos dois funcionários voluntários do Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa Cocamar, selecionados para compor e enriquecer a pesquisa.

O gestor responsável pelo projeto de Responsabilidade Social da Cocamar conta com o apoio de voluntários no desenvolvimento do mesmo. Sendo assim, esses sujeitos também fizeram parte desta pesquisa, pois as intenções foram: conhecer os motivos que os levaram a participar do projeto como voluntários, se existe alguma obrigatoriedade em participar, sua opinião sobre a importância do projeto para a cooperativa e sua percepção sobre o assunto responsabilidade social. Os entrevistados desta categoria proporcionaram à pesquisa, informações relevantes sobre a responsabilidade social da cooperativa. As informações oriundas dos relatos dos funcionários beneficiados forneceram subsídios para se conhecer os benefícios produzidos.

O primeiro entrevistado voluntário, apresentou sua percepção sobre responsabilidade social e, para ele, a organização cooperativa já possuiu uma função social, a de gerar emprego e riqueza para a região e que a responsabilidade social de uma cooperativa é muito mais que isso, é procurar desenvolver a sociedade:

Toda empresa já tem a sua função social, gerar emprego, gerar riqueza para a região e a responsabilidade social é quando ela vai além de gerar emprego e gerar riqueza, é quando ela começa a olhar a sociedade e começa a criar meios para a sociedade se desenvolver, então não é só ajudar as pessoas carentes, mas proporcionar meios para essa comunidade crescer e entender que ela pode gerar auxílio na sua renda familiar e no seu trabalho. Então essa é a responsabilidade social da empresa, não só ajudar as pessoas carentes, mas fazer com que essas pessoas cresçam profissionalmente (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Dentro desse contexto de importância, o entrevistado comenta que a Cocamar se preocupa com a responsabilidade social e, por esse motivo, criou um departamento para congregiar todos os programas que se destinam ao apoio à comunidade:

É de suma importância à responsabilidade social, a cooperativa já é um órgão que trabalha muito com a responsabilidade social, a própria cooperativa em si já é isso, e a Cocamar vai além disso, a cooperativa já tem um departamento para se trabalhar com a responsabilidade social, dentro desse departamento tem vários programas, vários meios de se chegar a essa responsabilidade social para com a comunidade, então ela se preocupa muito com isso (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando do projeto de responsabilidade social da cooperativa, o entrevistado comentou sobre a regularidade dos programas desenvolvidos pela Cocamar e afirmou que alguns programas são permanentes e se apresentam durante todo o ano enquanto outros possuem uma data determinada:

Alguns programas se realizam o ano todo, por exemplo, o programa de voluntariado possui quatro modalidades que se desenvolvem o ano todo, o Centro de Estudos é constante, sempre o CEs está lá dentro da cooperativa pra todas as pessoas que quiserem participar, este é um programa contínuo, [...]. Têm outros programas, mais esporádicos, como é o da cozinha experimental. Este não é tão constante como o CEs e o Voluntariado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A respeito do Programa de Voluntários, o entrevistado relatou que se arrecadam alimentos, agasalhos, brinquedos e materiais escolares, e que essa arrecadação é destinada a que público externo. Mas, se algum funcionário necessitar a cooperativa, através do Programa, procura atender:

Esse é para o público externo, mas dentro do público interno nós trabalhamos da seguinte forma, quando a pessoa tem uma necessidade de alguma coisa nós encaminhamos esse funcionário para a responsabilidade social e lá eles ajudam essa pessoa conforme achar necessário. Eles vão à casa da pessoa, acompanha a família e vê qual a necessidade dela e então tem o benefício nesse sentido. Mas a arrecadação em si é destinada para as entidades (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Quando mencionou o público externo, o voluntário se referiu às entidades assistenciais que são cadastradas na cooperativa e que recebem os benefícios. Segundo ele, estas entidades são compreendidas por asilos e outras que cuidam de pessoas doentes ou necessitadas, mas o

entrevistado não sabe qual o critério adotado para receber os benefícios, ou seja, as roupas e alimentos:

Asilos, entidades que cuidam de pessoas doentes, pessoas que tem necessidades, mendigos. A cooperativa tem toda uma gama de entidades registradas dentro da Cocamar e ela atende de acordo com a necessidade da entidade, porque ela também vai visitar a entidade e vê a necessidade da entidade e é passado o benefício. [...] Qualquer entidade pode fazer parte do programa da Cocamar, mas os critérios eu não conheço bem, porque tem um coordenador do projeto, mas eu acredito que ele vai visitar a entidade, avaliar a necessidade dessa entidade e à medida que ele achar que essa entidade esta dentro das características que a Cocamar pede, ela está dentro programa. [...] Elas recebem roupas e alimentos e distribui isso para o público que ela está cuidando, para a comunidade, para as pessoas que estão cadastradas (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Sabendo da importância dos voluntários para o desenvolvimento do projeto de responsabilidade social, foi abordado o assunto sobre a convocação para ser voluntário e se existe alguma obrigatoriedade em participar do programa como voluntário. Como resposta, o entrevistado que é voluntário do Projeto de Responsabilidade Social, afirmou que não existe nenhuma imposição por parte da Cooperativa para que os funcionários participem do programa de voluntários e, para ele, o trabalho de voluntário é interessante e agradável por integrar as pessoas:

Nós divulgamos o trabalho e as pessoas, naquele dia, se estão de folga se oferecem pra ir e passam o dia lá trabalhando e se alimentam lá. Além do trabalho que você faz tem uma outra vantagem, você passa um dia bastante agradável junto às pessoas, que é a integração, é bastante interessante esse trabalho de voluntariado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Falando do trabalho de voluntariado e do ambiente agradável proporcionado pela ação voluntária prestada, o entrevistado, comentou que os voluntários são vistos de forma diferenciada dentro da cooperativa e no caso de uma promoção essa questão é levada em conta, apresentando-se como um benefício para o voluntário:

O benefício é que eles são vistos pela cooperativa com outros olhos, quer dizer são pessoas que estão preocupadas além do seu trabalho, além de tratar da sua família, estão preocupados com a sociedade. Então dentro da cooperativa, a cooperativa enxerga essas pessoas de uma outra forma, não que elas vão beneficiar melhor essas pessoas. Mas, por exemplo, uma promoção ou alguma coisa que essa pessoa pode crescer dentro da

cooperativa, é levada em conta a questão do voluntariado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando de benefícios, foi comentado também sobre o benefício gerado para a organização cooperativa. Para o entrevistado o voluntário é uma peça fundamental, uma vez que, colabora para a cooperativa com ações voluntárias, a cooperativa procura divulgar esse trabalho fortalecendo a sua imagem perante a sociedade:

A cooperativa, ela tem o trabalho de voluntário, tem todo o trabalho de marketing, você sabe que empresa nenhuma vai fazer o trabalho de voluntariado sem nenhuma coisa em troca, isso é uma coisa lógica, então o trabalhador que é voluntário colabora muito com a empresa. Porque ela faz o trabalho e divulga na sociedade, a sociedade fica sabendo disso, então sociedade passa a valorizar mais a empresa. Neste caso, a sociedade está valorizando mais a cooperativa, é só ela enxergar que a cooperativa está fazendo alguma coisa sociedade, então o voluntário é peça fundamental. Por que sem os voluntários ela não conseguiria fazer esse trabalho de responsabilidade social (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O voluntário comentou que os funcionários da cooperativa possuem um conhecimento sobre a responsabilidade social desempenhada pela organização cooperativa, mas que não é um conhecimento muito amplo. Eles conhecem a responsabilidade social desenvolvida, porque a Cooperativa divulga os programas como forma de motivar a participação dos funcionários e assim eles acabam conhecendo o trabalho da Cocamar:

Tem, não diria assim conhecimentos de grande porte, mas todos eles sabem, porque todos os programas são divulgados, os funcionários são motivados a participarem, a chefia geral da Cocamar trabalha em cima destes programas, ela orienta as pessoas, falam sobre os programas. De um modo geral elas tem conhecimento de todos os programas e inclusive participam. Não só tem conhecimento, como demonstram bastante vontade em participar, isso que é bastante interessante (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ele, o voluntário, faz uma relação da responsabilidade social com o cooperativismo, afirmando que a organização cooperativa possui sua função social, preocupando-se com os cooperados e com a sociedade. Comentou que, as cooperativas atuam mais com responsabilidade social do que outros tipos de organizações:

A cooperativa já possui uma função social diferente das outras empresas, porque já visa os pequenos produtores e visa agregar valor a estes produtores. O cooperativismo visa também à sociedade, isso é um

diferencial para o cooperativismo e, além disso, ele trabalha muito o lado social das pessoas. [...] Então, o cooperativismo e a responsabilidade social estão totalmente interligados um com o outro. Eu vejo que as cooperativas, não só a Cocamar, mas as cooperativas do Brasil inteiro, estão contribuindo bem mais para a responsabilidade social do que as outras empresas. Porque ela contribui com o pequeno produtor e isso é bastante importante (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Comentou ainda que, a Cocamar possui uma responsabilidade social muito ampla e que é muito importante porque beneficia toda a região, gerando emprego e renda. Para o voluntário, o projeto de responsabilidade social da cooperativa beneficia a sociedade de Maringá e que ele se sente muito bem em estar participando e motivando ainda, se um dia sair da cooperativa vai querer participar de alguma forma:

O projeto de responsabilidade social da Cocamar é uma coisa de grande importância para a nossa região, porque além da cooperativa estar proporcionando renda, proporcionando emprego na região, proporciona aí uma série de fatores que beneficiam a sociedade da nossa região, porque todos os valores gerados dentro da nossa sociedade ficam por aqui. Não é aquela empresa que produz, pega o seu produto e leva embora e não gera dinheiro dentro da região. A Cocamar faz com que se gera riqueza para a nossa região, então essa é a grande importância da cooperativa pra toda a região de Maringá. [...] Então, eu vejo hoje, o Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar como de grande valia para Maringá e região. Eu faço parte e me sinto muito bem em fazer parte desse programa, gosto e motivo outras pessoas, tenho levado outras pessoas. Eu me sinto bem em participar do programa, se hoje eu sair da Cocamar eu vou continuar fazendo parte de alguma responsabilidade social, seja de qualquer forma, pode ser igreja, mas eu quero contribuir. Eu faço parte e vou sempre continuar a fazer parte de alguma coisa pra ajudar a sociedade (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Com esta exposição chegamos ao término de apresentação da entrevista com o primeiro voluntário, ficando a cargo, a partir deste ponto, apresentar a entrevista com o segundo voluntário.

O segundo entrevistado voluntário comentou como se sentia sendo voluntário de um projeto de responsabilidade social na organização em que trabalha. Para ele é uma forma de se realizar, de melhorar a auto-estima por ajudar a desenvolver uma ação social, e que a cooperativa, através de seu projeto, dá uma oportunidade muito grande para seus colaboradores praticar a ação social:

Eu me sinto muito lisonjeado, realizado, até porque todo ser humano tem dentro de si essa necessidade de realização, no sentido de atitude social. Individualmente muitas pessoas fazem e a gente faz e aqui na cooperativa a gente tem esse empurrão, digamos assim, essa oportunidade de praticar uma ação social, então isso é muito gratificante, justamente quando se vê realizar e depois você vê o resultado, tendência disso que é muito grandiosa para aquelas pessoas beneficiadas, deixa a gente satisfeito, muito tranquilo no sentido de alto estima, bem realizado no sentido de que a empresa em que a gente trabalha, ou seja, ela pratica isso, ele induz o colaborador a isso, a ação social, então deixa a gente muito realizado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Para o entrevistado, o motivo que o levou a participar desse projeto foi poder ajudar as pessoas de uma comunidade e que fazer algo de bom para as pessoas é uma oportunidade valiosa. Na percepção desse entrevistado, ser voluntário contribui para uma sociedade melhor:

Como eu estava comentando, no meu entender, todo ser humano tem essa vontade, essa necessidade de dar um pouco de si pra alguém, esse seja a comunidade, uma entidade, tendo a contrapartida da cooperativa a resposta é sim, sem dúvida alguma, porque é uma oportunidade muito valiosa da gente estar fazendo algo de bom pra outras pessoas [...] eu comentei nos últimos dias, com um amigo, que se a comunidade em si, vestisse a camisa, se aliasse mais e ignorasse um pouco a simples ação do governo e tivesse mais atitudes, a sociedade seria muito melhor em todo mundo com certeza (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que o projeto de responsabilidade social também é importante para a comunidade, uma vez que o Estado não consegue suprir as necessidades básicas da comunidade:

Sem dúvida alguma, muito importante porque as ações do governo como a gente sabe não é suficiente, fica aquém do que é necessário, e esperar de quem, a comunidade espera de alguém, de uma ação voluntária nesse sentido. Quando surge uma ação assim a comunidade fica muito satisfeita (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Na percepção do entrevistado, praticar ação social é importante para a cooperativa, visto que estas ações são divulgadas de forma positiva:

Nos dias de hoje, a empresa que pensa grande, pensa de uma forma globalizada, tem que praticar uma ação social. Além de ações ambientais a ação social é muito grandiosa porque isso conta muito ponto, digamos assim, para a empresa, para a cooperativa, isso é muito importante com certeza, isso

se transforma em um marketing e por ai afora, os efeitos positivos vão se multiplicando (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que possui informações sobre os princípios cooperativistas e de responsabilidade social, relatou que o princípio da preocupação com a comunidade possui o mesmo fundamento que a responsabilidade social:

A gente tem informações sobre os princípios cooperativos. Um tem algo haver um com o outro, as ações paralelamente tem o mesmo fundamento, tem o mesmo sentido. [...] Em alguns pontos são, ou seja, partem do mesmo fundamento, o destino final nem sempre é o mesmo, mas o fundamento parte de um ponto de vista X, eu penso assim (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que trabalhou no projeto como voluntário e que não recebeu nenhum benefício oferecido pela cooperativa e para ele, todos participaram pela simples intenção de colaborar com o projeto e com a comunidade:

Não houve benefício para nenhum voluntário, para nenhum colaborador, uma gama de trabalhadores participou [...], mas todos de maneira voluntária, com a intenção própria em participar (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O voluntário afirmou em sua entrevista que não houve nenhum benefício e nem imposição por parte dos administradores da cooperativa para que os funcionários fossem voluntários do projeto. O que acontece geralmente se apresenta a relevância para a comunidade de forma que as pessoas se conscientizem da importância e sejam voluntárias:

Não, de maneira alguma, até porque a cooperativa não tem esse ponto de vista, de impor nada, nada é imposto. Apenas é colocada assim, de forma que a pessoa fique conscientizada da importância que isso tem para a comunidade, pra si próprio, para a cooperativa, e a partir daí cada pessoa voluntariamente participa sem nenhuma pressão (relato de entrevista, pesquisa de campo).

É com essa discussão de que não há uma imposição dos administradores da cooperativa em fazer com que os funcionários sejam voluntários que chegamos ao término da entrevista com o segundo voluntário. Ambos os voluntários expõem com orgulho seu papel perante as ações

de responsabilidade social que a cooperativa exerce, da mesma forma em que colocam a satisfação pessoal e a auto-realização que ambos tem em ser voluntário e poder ajudar o próximo:

Sendo assim, concluímos também um primeiro percurso, que destinou a apresentação dos sujeitos envolvidos diretamente com o processo de gestão do projeto. A partir deste ponto apresentaremos aquele que de alguma forma recebem os benefícios deste projeto de Responsabilidade Social.

Os próximos entrevistados, compõem outro grupo de atores, os dois entrevistados a seguir representam os funcionários beneficiados através do Centro de Estudo da Cooperativa Cocamar. Os relatos destes se tornam muito importantes para nossa pesquisa, visto que sua visão como beneficiário pode ser diferente da visão dos funcionários que trabalham na gestão do Projeto de Responsabilidade Social.

O primeiro entrevistado beneficiário do Centro de Estudos - CEs, relatou a sua percepção sobre responsabilidade social, comentando que a organização que trabalha com responsabilidade social está voltada para toda a região onde se insere, procurando o bem estar de todos independente de ser cooperado ou de trabalhar na cooperativa:

Eu analiso que responsabilidade social é pensada assim, ela não pensa só em volta dela, ela abrange também a região. A Cocamar tem trinta e duas unidades e abrange oitenta e poucos municípios. [...] responsabilidade social é cumprir com o bem estar, mesmo das pessoas que não trabalham na cooperativa, ou melhor, não possui o vínculo cooperativista, mas que vive envolta dela, isso chega a abranger quem trabalha diretamente na cooperativa bem como o indireto, Não abrange simplesmente os cooperados e funcionários (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando da preocupação da cooperativa com o bem estar dos cooperados, funcionários e da comunidade, o entrevistado falou sobre função social da cooperativa e mencionou que deve se

preocupar com a sustentabilidade da sociedade evitando com isso não prejudicar o meio ambiente. Portanto, para ele a função social é:

A cooperativa se preocupa tanto com o meio ambiente e com a sustentabilidade das atividades. Essa preocupação com o homem do campo pra que ele possa sobreviver de suas atividades sem prejudicar o meio ambiente, ou fazer com que a sociedade participe (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Após se referir à função social da cooperativa para com a sociedade o entrevistado abordou a função social para com os funcionários, para ele a cooperativa se preocupa com o desenvolvimento do indivíduo, oferecendo condições para que ele se desenvolva intelectualmente:

Para os funcionários, considero que em comparação com as outras cooperativas, a Cocamar está indo além dos princípios. Porque, dar oportunidade para estudar é uma coisa, mas compartilhar com você e se preocupar com o seu intelecto, independente se ela vai ter você como funcionários ou não é outra coisa. Ela simplesmente quer o desenvolvimento social (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Portanto, o cooperado mencionou que conhece o projeto de responsabilidade social da Cocamar e relatou que este projeto é importante tanto para o público interno como para o externo:

Eu conheço o projeto de responsabilidade Social da Cocamar. Este projeto é muito bom, favorece os funcionários, os cooperados e até mesmo terceiros, que são as entidades (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Referindo-se especificamente aos benefícios gerados para os funcionários, o entrevistado mencionou que foi beneficiado por ter estudado no Centro de Estudos da Cocamar e que a cooperativa lhe proporcionou horários flexíveis, dando-lhe condições para estudar:

Por exemplo, eu como funcionário, me favoreceu, para concluir o primeiro e o segundo grau e hoje eu estou na faculdade. Porque eu fui aluno do CEs. Ela me abriu esta porta se não eu não teria conseguido. [...] Eu fiz o primeiro grau e o segundo grau. Foi tudo realizado no CEs. Foi a Cooperativa que me oportunizou, e até os horários, ela me favoreceu pra ter condições de estudar.[...] Por exemplo: mesmo quando eu saía as cinco e meia e as aulas

começavam as quatro, a cooperativa me dava à oportunidade de sair às quatro horas (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado beneficiado falou que acha importante a cooperativa manter um projeto social voltado para os seus funcionários e que a escola dentro da cooperativa é importante porque o funcionário sai de seu turno de trabalho e não precisa se deslocar, perdendo tempo, ele tem a oportunidade ali mesmo, no próprio local:

Eu acho, porque nem sempre você tem o tempo que você demora pra chegar em casa, por exemplo, você sair do serviço e chegar em casa e depois ir para a escola. De repente esse trajeto lhe toma muito tempo. Agora dando oportunidade pra você estudar no próprio local da empresa isso lhe favorece muito mais. [...] estudei no CEs durante dois anos, um para o primeiro ano do primeiro grau e um para o segundo ano do segundo grau. [...] Gostaria de dizer que eu me sinto privilegiado. Eu tenho que agradecer a Cocamar por ter me oferecido essa oportunidade. Eu fui beneficiado pelo CEs, estando na Cocamar, não simplesmente pela oportunidade de estudar no CEs, mas por estar dentro da Cocamar. Isso é uma oportunidade muito grande é um benefício enorme (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado disse que a cooperativa não proporciona benefícios somente para os funcionários e cooperados, ela atende através do Centro de Estudos os vizinhos dos funcionários e dos cooperados, pessoas que não trabalham na cooperativa:

A cooperativa favorece os funcionários, cooperados, vizinhos, vizinhos de cooperados, que não tem estudo e tem essa chance de poder também estudar. Tanto que quando eu concluí meu curso, tinha pessoas que não trabalhavam na Cocamar, não eram cooperados e não tinham nenhum vínculo com a cooperativa e eles estavam cursando a mesma coisa que nós. [...] e eles participaram com os mesmos direitos (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Para o entrevistado, se a cooperativa não tivesse oportunizado os estudos através do CEs, com horários flexíveis, ele não estaria na faculdade hoje e nem teria terminado o segundo grau. Para ele é muito importante a Cocamar ter um convênio com a instituição em que ele estuda:

Analisando, eu acho impossível, porque os horários de trabalho, principalmente em épocas de colheita. Para você se deslocar do seu trabalho até o local de estudo não daria, seria impossível. Se não fosse a cooperativa eu não estaria na faculdade, porque foi ela que abriu mais essa porta pra mim. [...] A cooperativa tem um convênio, nós temos um desconto nas mensalidades, a Cocamar nos financiou a metade. A Cocamar paga metade e

nós pagamos a outra metade. Mesmo para aqueles que possui um salário baixo, este tem condições de concluir a faculdade em uma instituição particular (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Segundo o entrevistado quando a cooperativa proporciona condições de ensino, investindo nos seus funcionários e na comunidade, ela está cumprindo parte da sua função social, desta forma ela melhora a cultura dos seus funcionários e cooperados:

Eu não acho que é pra cumprir a sua função social, eu acho que mais é pra que ela permaneça como cooperativa. E com intuito de ser uma cooperativa, ela busca um fortalecimento tanto do conhecimento dos cooperados como o dos funcionários, para que ela possa ter um fortalecimento de cultura (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Logo após comentar sobre fortalecimento da cultura para os cooperados e funcionários, foi abordado o assunto referente aos princípios. O entrevistado relatou que conhece os princípios cooperativos:

Eu conheço os princípios do cooperativismo. Mas, estes são tratados em reuniões e palestras, sempre é divulgado qual o objetivo, qual a função do cooperativismo. Isso é tratado fora do CEs (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Aproveitando o relato anterior, a respeito dos princípios cooperativistas, questionamos se o investimento no desenvolvimento intelectual dos funcionários e cooperados poderia ser para cumprir um dos princípios da cooperativa, o que na percepção do entrevistado o desenvolvimento intelectual dos cooperados fortalece o cooperativismo e que para ele o que a Cocamar faz atende ao princípio:

Com certeza, isso atende ao princípio cooperativo, acho que o desenvolvimento intelectual dos cooperados e funcionários faz com que o cooperativismo se fortaleça. E assim, as pessoas têm uma consciência do que realmente é o cooperativismo e a sua função social.[...] o cooperativismo tem esse objetivo também, do bem social. [...] Se tratando da escola, é quando você busca melhorar a personalidade ou a cultura do indivíduo. Quando ele percebe que alguém o valoriza, ele se comporta melhor na sociedade e a sociedade também se beneficia com isso. Há uma mudança de comportamento por que o conhecimento ajuda (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Além desta discussão, uma das últimas considerações feitas pelo entrevistado foi de que os investimentos da cooperativa em programas destinados à educação são extremamente importantes para um bom desempenho do processo administrativo da cooperativa. Isto porque, a cooperativa possui uma certificação de qualidade total e necessita, para manter essa certificação, de um percentual de empregados com curso superior, além de não poder ter analfabetos em seu quadro de funcionários. Quer dizer, neste contexto os benefícios do programa são inúmeros e seguem uma via de mão dupla, pois tanto é a comunidade que é beneficiada quanto a própria cooperativa, pois seus funcionários também são beneficiados por essas iniciativas.

Com essa exposição chegamos ao término de apresentação desta entrevista. Visando enfatizar os benefícios gerados pelo Centro de Estudos, o que esteve atrelado às considerações finais do entrevistado anterior, a entrevista foi realizada com uma pessoa beneficiada por este programa.

O segundo entrevistado beneficiário do CEs, expôs que estudou no Centro de Estudos da Cooperativa, e quando terminou o segundo grau fez vestibular, atualmente a cooperativa financia seus estudos no curso superior. Para o entrevistado, estudar foi muito importante, pois ao adquirir conhecimentos ele foi promovido dentro da cooperativa:

Eu terminei o meu segundo grau no CEs da Cocamar e depois que eu vim para a faculdade, a Cocamar me financia cinquenta por cento da minha prestação da faculdade, então eu sou beneficiado. A cooperativa faz um financiamento pra eu pagar em seis anos os investimentos que eu estou fazendo na faculdade. [...] Estudar no CEs foi de grande importância, porque eu comecei na Cocamar como auxiliar de produção, então na medida que foi passando o tempo eu fui crescendo. Crescendo de função dentro da empresa, eu senti a necessidade de adquirir conhecimento. Então ela me ofereceu, para eu estudar e eu fui beneficiado pelo Centro de Estudos da Cocamar. Não só eu como membros da minha família (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que os benefícios do CEs não se limitam a comunidade interna (funcionários e cooperados) e Centro de Estudos atende os familiares dos funcionários e aqueles que prestam serviços para a cooperativa, também e que não possui vínculo empregatício:

Minha esposa, por exemplo, ela terminou o segundo grau no CEs e ela não era funcionária da cooperativa. [...] os prestadores de serviços podem participar e seus dependentes também (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O beneficiário do Programa CEs comentou ainda, que se uma pessoa membro da comunidade local e que não tem nenhum vínculo com a cooperativa quiser participar ela poderá participar, porque a comunidade está integrada, não se limitando somente aos cooperados e funcionários:

Ela pode, ai não é tão simples, ela vai ter que ter uma pessoa pra indicá-la, mas ela pode participar. A Cocamar não quer limitar isso só para os seus cooperados. É lógico que ela visa seus funcionários e seus cooperados, mas também a sociedade está integrada no programa (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Relatando sobre os benéficos que o Centro de Estudos proporciona aos funcionários, o entrevistado comentou que a cooperativa procura disponibilizar vários horários, com o propósito de que todos possam usufruir o benefício:

Poderia, eu fazia o meu horário de trabalho e no final do horário de trabalho eu ia ao CEs para estudar. Se tivesse vários alunos, teria uma aula lá, mas mesmo se tivesse só eu lá, eu poderia sentar lá, tinha professores, eu poderia estudar e sanar as minhas dúvidas. Então qualquer momento que eu quisesse ir lá no CEs eu tinha apoio lá pra adquirir conhecimento (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Foi perguntado ao beneficiário entrevistado se o professor do Centro de Estudos tratava durante as aulas assuntos pertinentes ao cooperativismo, como forma de divulgar a doutrina e seus princípios, ou até mesmo assunto referente à responsabilidade social. O entrevistado afirmou que a cooperativa viabiliza um curso durante o ano para tratar de assuntos relacionados ao cooperativismo. Mas, este curso não faz parte do CEs:

Não sobre cooperativismo, tratavam de assuntos específicos sobre as matérias, eu participei de vários cursos de cooperativismo dentro da cooperativa, que ela proporciona, então geralmente ela tem um curso no ano pra falar de cooperativismo. [...] Eu fiz um curso fora do Ces, sobre cooperativismo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou sobre o benefício que recebeu do Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa e afirmou que se não fosse a Cocamar não estaria hoje cursando uma faculdade:

De maneira nenhuma, se não fosse o CEs, ou melhor, se não fosse a Cocamar eu não estaria hoje na faculdade, fazendo um curso superior (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Ao chegar no término da discussão desta entrevista, concluímos que o entrevistado é muito grato a Cooperativa por lhe proporcionar condições para se desenvolver através dos estudos. O CEs lhe proporcionou aulas em horários flexíveis, resultando em um desenvolvimento intelectual, proporcionando-lhe um incremento profissional dentro da Cocamar. Percebe-se também em sua fala, que estes benefícios não se limitam ao público interno, se alguém da comunidade local quiser participar e for indicado, também pode estudar no CEs. O entrevistado não apresentou uma relação sobre a responsabilidade social e o cooperativismo, mas fez uma consideração importante após a entrevista, para ele responsabilidade social da cooperativa é proporcionar melhores condições aos seus empregados melhorando sua qualidade de vida e se preocupar também com o desenvolvimento da comunidade local.

As entrevistas a seguir, são compreendidas pelos relatos dos funcionários da cooperativa, beneficiados pelo Programa Cozinha Experimental, estes atores também contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentando sua visão a cerca do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar.

A funcionária entrevistada, beneficiada pelo projeto de responsabilidade social através do Programa cozinhando com soja, relatou que conhece o Projeto de responsabilidade Social da Cooperativa, mesmo porque o departamento de responsabilidade social da Cocamar publica informativos destinados ao público interno:

Conheço, inclusive nós temos vários informativos, mensal, notícias diárias que a gente vem acompanhando, diariamente todos os programas que a Cocamar vem fazendo para comunidade e também para os funcionários (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Para a entrevistada é importante a cooperativa manter um projeto de responsabilidade social pelo fato de ficar mais conhecida perante o público externo:

É importante, uma porque a Cocamar fica mais conhecida, a comunidade conhece mais, porque às vezes acham que a cooperativa é só pra cooperados e dessa maneira fica mais conhecida e nossos familiares também começam a conhecer um pouco mais de onde a gente está trabalhando e até dos benefícios que a gente acaba recebendo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A funcionária beneficiária relatou que o Projeto de Responsabilidade Social da cooperativa não está voltado somente para a comunidade externa, os funcionários também são beneficiados através dos programas desenvolvidos pelo departamento de responsabilidade social. Neste relato, a beneficiada voltou a mencionar o fato da cooperativa ser reconhecida pelas suas ações:

Acho que esse projeto não é só pra atender a comunidade é bastante voltado para atender os funcionários internos também. O funcionário que às vezes está com dificuldade financeira, com problema de saúde ou algum membro da família, então a Cocamar acaba ajudando, acho muito importante o que a Cocamar vem fazendo. E acho que a gente ficou muito mais conhecida depois desse projeto social que a gente acabou fazendo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada afirma que é muito importante para os funcionários e para a comunidade o trabalho que a cooperativa vem desenvolvendo. Para a funcionária da cooperativa, não podemos ficar dependendo do governo para se resolver todos os problemas sociais, e que a cooperativa acaba ajudando um pouco:

Muito importante, porque a gente acaba ajudando. Esse é o papel de qualquer empresa, a gente não pode ficar dependendo do governo, se cada um fizer um pouquinho acaba tendo uma comunidade melhor, com menos pobreza, com mais educação, e isso a Cocamar acaba fazendo também, educando os funcionários, os filhos de funcionários, então isso é muito importante pra nós (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada comentou que foi beneficiada pelo Projeto de Responsabilidade Social, e apresentou em seu relato um exemplo de benefício para com a comunidade, um membro da comunidade foi beneficiado através do CEs e que por ela ter ajudado essa pessoa, esse fato foi muito marcante:

Eu fiz o curso cozinhando com soja, que também não tinha tanta necessidade. Mas, o que eu sei, que a mãe de uma colega nossa estudou no CEs, inclusive foi eu que pedi pra ela fazer a inscrição no CEs, ela terminou o segundo grau no CEs e depois com sessenta anos ela fez vestibular na UEM e ela passou décimo lugar no curso de letras. Foi muito legal, porque e eu acabei falando desse benefício que a mãe da funcionária poderia ter e a gente viu que deu um excelente resultado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Tratando especificamente do programa cozinhando com soja, ao qual foi beneficiada, relatou que o conhecimento adquirido no curso foi transmitido para a sua família, principalmente para a sua mãe:

Foi bom porque a gente acabou conhecendo os benefícios da soja, a gente tem tanta soja e às vezes não sabemos dos benéficos que ela tem, então foi muito bom, apesar de não cozinhar muito, mas pelo menos eu sei que tem um grande benéfico pra mim e pra minha família. Acabei passando isso pra minha família, pra minha mãe, ela que tem quase sessenta anos, eu passei isso pra ela também (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada apresentou a sua percepção sobre a responsabilidade social, que para ela tudo se resume em ajudar os outros, de alguma maneira, não apenas de forma material, mas, se preocupando com o próximo:

É ajudar a se preocupar com os outros um pouco mais, com a vida que a pessoa leva, eu acho que todo mundo pode ajudar de alguma maneira, às vezes nem só é questão de dinheiro, é questão de um conselho, de fazer uma visita, tudo se resume em ajudar de alguma forma (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Em seguida foi comentado sobre a responsabilidade social empresarial, para ela é importante porque valoriza a empresa, quando estas estão preocupadas com a comunidade e com a geração de empregos. Para a entrevistada, a comunidade pode melhorar muito se as empresas fizessem o que a Cocamar está desenvolvendo:

Também acho importante, porque é para valorizar a empresa, ver que a empresa está se preocupando com a comunidade, isso é importante. Hoje a Cocamar é a empresa que gera mais empregos dentro da nossa região, ela tem que se preocupar. Tem que se preocupar como estão nossos familiares, como está a comunidade, isso é muito importante. Então eu acho que se todas as empresas fizessem como a Cocamar, teríamos uma comunidade bem melhor (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Neste contexto onde a entrevistada realiza uma comparação entre a cooperativa e a atuação das empresas no mercado, a entrevistada comenta sobre a relação entre os princípios cooperativistas e a atuação da cooperativa em projetos de responsabilidade social. Conforme seu relato, a Cocamar procura ir além de suas obrigações como cooperativa, dizendo que além de sua preocupação com o social a cooperativa ainda tem uma preocupação com o ambiental:

A cooperativa está cumprindo o princípio de apoio a comunidade e fazendo além do que ela deveria fazer, porque a Cocamar não está preocupada somente com o social, se preocupa com o ambiental, o social e o ambiental estão muito juntos. A Cooperativa está tentando fazer o melhor, tanto do lado social quanto do ambiental. Para a entrevistada a cooperativa tem que cumprir os princípios, mas ela está fazendo além do que deve fazer, e a cooperativa tem o interesse de estar ajudando a comunidade (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Com isso, a cooperativa, na concepção da entrevistada, procura não beneficiar a si própria, mas também os funcionários. Isto fica claro quanto à entrevistada comenta que os benefícios que os investimentos em educação que a cooperativa realiza, em grande parte, estão mais atrelados ao desenvolvimento pessoal de cada funcionário e dos membros da comunidade, pois esse investimento é destinado ao suprimento de suas satisfações pessoais:

A Cocamar tem uma grande preocupação, ela não obriga que os funcionários tenham terceiro grau, mas indiretamente ela tenta colocar o funcionário com descontos nas faculdades. Então isso acaba aos poucos, com muitos funcionários ingressando na faculdade, então isso é importante, não só na faculdade, mas na pós-graduação também. Então isso é importante porque agente acaba se sentindo assim obrigada a fazer alguma coisa, não só para a cooperativa, mas também pra nossa vida pessoal. É isso que ela tenta passar, que não é para a Cocamar, mas é para a sua vida profissional, você está se profissionalizando. Isso é importante, o que a Cocamar vem fazendo com a gente, e o que a gente houve é que a Cocamar é a cooperativa que mais investe na educação de seus funcionários. Hoje nós temos um percentual muito pequeno, ou talvez quase perto de zero de analfabetos, pelas estatísticas que a gente acaba vendo. A cooperativa não obriga a estudar, mas a gente vai se sentindo obrigado da maneira em que ela vai passando

isso pra gente e assim é uma maneira gostosa de estar trabalhando (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Neste contexto de discussão a entrevistada alega que os investimentos que a cooperativa realiza tanto atende os preceitos do cooperativismo quanto aos investimentos em responsabilidade social, pois existe uma função social importante dos investimentos da cooperativa. Como por exemplo, a necessidade de alfabetização:

Eu vejo que poderia ser os dois, vejo como os dois. Nós temos que ter todos aqui alfabetizados é assim hoje em todas as empresas, não dá mais pra aceitar uma pessoa analfabeta dentro da empresa. Então é o que a Cocamar tem feito (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada apresentou em seus relatos, sua percepção sobre alguns aspectos importantes para a pesquisa em questão. Mencionou que, a Cooperativa fica mais conhecida perante a comunidade por desenvolver tal projeto e que produz benefícios tanto para os funcionários como para a comunidade. Sendo assim, na concepção desta, a cooperativa cumpre com seu princípio de apoio a comunidade o que para ela atende tanto ao cooperativismo como a responsabilidade social. Na próxima entrevista, também trataremos dos benefícios gerados pela cozinha experimental para com os funcionários da cooperativa.

Essa funcionária entrevistada, também foi beneficiada pelo projeto de responsabilidade social através do Programa cozinando com soja. Ao ser entrevistada comentou que o Projeto de responsabilidade Social da Cooperativa se iniciou através da realização de quatro oficinas, de alimentos, do brinquedo, do material escolar e do agasalho, referindo-se assim, ao Programa de Voluntariado. Em seu relato a entrevistada apresentou que as cooperativas possuem um cunho social, sendo normal desenvolver ações sociais, para ela a cooperativa é diferente de outras empresas mercantis e que devem possuir ações voltadas para a comunidade:

Conheço. Nós temos inúmeras ações de responsabilidade social, nós iniciamos com quatro oficinas, da fatura que é de alimentos, do brinquedo, do material escolar e do agasalho. Nós começamos com um grupo de voluntários, [...].Mas no início foi assim, porque a atividade de cooperativa, já é uma atividade diferenciada, com outras ações, então nós temos também, quando você fala em cooperativa já tem um cunho social, porque nós temos inúmeros benefícios, ações que são feitas para os cooperados, mas nunca você, de repente direcionou isso para uma ação social, é normal isso

acontecer dentro da cooperativa, então é uma atividade diferenciada das outras empresas mercantis que tem, a própria cooperativa já é um pouco diferente das outras empresas normais, que visam mais o lucro, a cooperativa é uma associação de pessoas visando à contribuição do grupo, para o grupo se fortalecer, a partir daí surgiu estas ações voltadas a comunidade em geral. A cooperativa também busca o desenvolvimento regional que é através disto que você vai fortalecer atividade (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada explicou que a cooperativa se preocupa com desenvolvimento social dos funcionários, e que realiza inúmeras atividades que complementam a vida social dos seus colaboradores, tais como a criação da associação:

Nós temos uma associação que desde o início da cooperativa já se pensou nisso, com inúmeras atividades esportivas, atividades de lazer, tem também uma escolinha para funcionários, uma escolinha de futebol, um curso de dança, inúmeras atividades voltadas para os funcionários (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada comentou que conhece os princípios cooperativistas. No seu relato apresentou que a cooperativa se preocupa com a comunidade, referindo-se ao sétimo princípio, o qual prevê o desenvolvimento sustentado da comunidade:

Sim, você tem essa preocupação, você atendendo ao princípio cooperativista você está atendendo também a comunidade cooperativista como um todo. O Brasil é um país forte nisso, é um dos países mais fortes em cooperativismo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Relatou também, que o apoio à comunidade, previsto pelo princípio cooperativista, se confunde com a responsabilidade social da Cocamar, uma vez que a cooperativa desenvolve responsabilidade social voltada para a comunidade:

É bastante junto tudo isso, não dá pra você separar, porque tantas ações de responsabilidade social também se preocupam com isso. Mas, o cooperativismo é muito forte nisso também, isso depende muito da atividade, principalmente na agricultura, você precisa estar criando, inovando, buscando alternativas, isso é muito forte, é muito ligado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada acha importante a Cocamar manter um projeto de responsabilidade social para seus funcionários, para os cooperados e para a comunidade, no seu entender a responsabilidade social é fundamental para toda empresa. Segundo ela, a cooperativa, através da responsabilidade social, sempre proporciona benefícios para seus funcionários e que ao se preocupar com seus stakeholders pode conquistar o lucro também:

Sim, por isso que ele até é mantido, porque é muito importante para os cooperados, para os funcionários, para a comunidade essa preocupação, porque hoje é fundamental em qualquer empresa. [...] Sempre proporciona benefícios para os funcionários. É diferente de você estar em uma empresa que pratica responsabilidade social, que está preocupada com a comunidade, com os funcionários, com os fornecedores, com o seu todo, do que simplesmente estar preocupada somente com o lucro, hoje é difícil acontecer isso, por que ninguém mais está preocupado só com o lucro. Mas, nossa empresa é mais ligada a isso. Então, você estar preocupado no todo é mais fácil, alias é mais fácil você até conquistar o lucro, quando isso acontece (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada comentou em sua entrevista que foi beneficiada pelo projeto de responsabilidade social, porque teve a oportunidade de fazer o curso cozinhando com soja, o curso foi importante porque complementou seus conhecimentos sobre a culinária especificamente com refeições a base de soja:

Tive a oportunidade de saber como manusear o produto e como fazer uma comida mais gostosa, sem ter aquele tabu de que a soja tem gosto e uma série de rejeições pelo produto. [...] Quando você conhece, prepara, sabe preparar, conhece os produtos certos pra se fazer o alimento certo, você começa ter uma outra noção do que é, e também uma alimentação mais saudável, com mais proteínas, mais leve, isso é muito importante pra consumir sua alimentação no dia a dia, da pra você agregar muito mais. É uma coisa que você tem que ir devagar, você tem que por um prato com soja e outros pratos, porque se você consumir muita coisa com soja você ingeri muita proteína naquele dia, você tem que saber, por isso que tem uma parte prática e uma parte teórica. A teórica é justamente falar pra você a composição, quanto ingerir, como você faz, quanto faz, o prato que você pode fazer naquele momento, isso é muito importante.

Após comentar sobre o curso cozinhando com soja, a entrevistada apresentou sua percepção para com a responsabilidade social. Na sua percepção, responsabilidade social visa um comprometimento com a comunidade, com os funcionários e com os fornecedores, e procurou comparar a responsabilidade social com a preocupação que temos com nossa família, se

referiu que em nossa casa, existe uma preocupação com o todo. Segundo ela quando você age com responsabilidade social, você se preocupa com o todo:

Pra mim não é dar esmola, por exemplo, ou você direcionar alguma coisa pra uma comunidade, e sim o comprometimento com a comunidade, com o desenvolvimento e o que você pode fazer para a melhoria daquela comunidade. Então, quando você fala em responsabilidade social você tem que pensar no todo, desde os funcionários, desde comunidade, como melhorar seus produtos, desde os seus fornecedores, você tem que ser amplo, você não pode falar eu faço responsabilidade social porque destinei uma verba para uma entidade. Você deve estar comprometido isso e saber a forma de como você vai desenvolver isso dentro da sua empresa. Você deve estar preocupado com os seus funcionários como eles estão, você não faz responsabilidade social fora e dentro não, então você deve estar preocupado com o todo. Na verdade, a responsabilidade social é uma casa, vamos supor assim, quando você está em casa, você está preocupado com tudo, não está, com seus filhos, com a educação de seus filhos, com o relacionamento de seus filhos, com os seus vizinhos, se eles estão bem ou se não estão, é só você fazer isso como um todo, a empresa também deve estar preocupada também com todos. Se ela está colocando os produtos no mercado, como ela está esses produtos no mercado, se você vai comprar um produto que utiliza mão-de-obra infantil. Você deve estar preocupado com sua região, como está o andamento da sua região, preocupado com o seu funcionário, onde mora, como ele mora, como ele vem trabalhar, como ele se vira na verdade, não dá pra você desmembrar nada (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Com isso, concluímos a exposição da entrevista, realizada com uma funcionária beneficiada pelo Programa Cozinha Experimental. Essa entrevistada apresentou que a cooperativa se preocupa com a comunidade, atendendo ao seu princípio, e que isso se confunde com a responsabilidade social, porque a responsabilidade social visa o comprometimento com a comunidade, com os funcionários e com os fornecedores. Para ela quando se age com responsabilidade social, a preocupação é com o todo. No final de sua entrevista essa entrevistada mencionou que, na opinião, a responsabilidade social está sendo feita porque nós estamos ficando mais humanos. A partir deste ponto será discutida a entrevista realizada com os membros da comunidade, beneficiados pelo Projeto de Responsabilidade Social.

Nesta parte da pesquisa, faremos uma discussão sobre as entrevistas cedidas pelos atores beneficiados através do Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa. Esses personagens representam os membros da comunidade local e foram entrevistados com o propósito de apresentar informações sobre os benefícios oferecidos aos moradores da comunidade, apresentando sua percepção sobre o comprometimento da cooperativa para com a comunidade e sua opinião a cerca da questão de responsabilidade social.

O entrevistado membro da comunidade local foi beneficiado pelo projeto de responsabilidade social através do Centro de Estudos. Ele relatou que conhece o projeto de responsabilidade social da cooperativa desde que o projeto foi implantado pela Cocamar:

Eu já participei do projeto da Escola Cocamar, especificamente o curso de inglês. [...] esse curso que eu fiz lá, foi muito bom pra mim, trouxe muitas vantagens e conhecimentos (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que a Cooperativa disponibilizou vagas para a comunidade, sem nenhum custo. Ele estudou no curso de inglês, no Centro de Estudos, no seu horário de almoço, o que lhe proporcionou um benefício enorme e não só para ele, alguns amigos seus também tiveram a oportunidade de fazer o curso também:

O curso de inglês eles colocaram um horário específico pra gente, no horário do meu almoço para favorecer a mim e mais uns colegas e não teve nenhuma cobrança nem nada. [...] Eu fiz trinta e cinco horas, depois foi acumulando matéria eu precisei parar porque estava ficando pesado (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O fato de não terminar o curso, foi relacionado ao tempo disponível, no período em que estudou no CE, este entrevistado trabalha bastante e com isso acabou provocando um acúmulo de matéria. Mas, relatou que pode usufruir por morar nas proximidades da cooperativa:

Eu moro próximo, moro no mesmo bairro, aqui no parque industrial. Podemos dizer que eu moro na comunidade mais próxima da cooperativa (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Na percepção do entrevistado, responsabilidade social é o apoio que as empresas oferecem aos mais necessitados, procurando melhorar a qualidade de vida da comunidade onde estas organizações estão inseridas. Para ele esse apoio não tem resultado em grandes transformações sociais:

Eu acho que responsabilidade social é o apoio dado às pessoas, eu vejo hoje, que se falam muito em melhorar a sociedade, oferecendo ajuda através de apoio de empresas. Mas, esse apoio vem em forma de alguns benefícios que são oferecidos e que acabam não mudando muito. Mas, sempre é bom ajudar

de alguma forma as pessoas mais carentes. (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado mencionou que não conhece as funções sociais de uma cooperativa, que para ele é igual a uma empresa normal. Sendo assim, não foi abordado nesta entrevista a sua percepção sobre as funções sociais que uma cooperativa poderia ter e nem se fazer uma comparação com a responsabilidade social.

No final de sua entrevista, foi relatado pelo entrevistado, que participou de outros cursos na cooperativa, ele já teve a oportunidade de fazer o curso cozinhando com soja e o curso de garçom, este último realizado há alguns anos.

A próxima entrevistada é moradora da comunidade de Maringá e foi beneficiada pelo projeto de responsabilidade social através do programa Cozinhando com Soja. A respeito do Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, comentou que conhece muito pouco, e que possui informações mais específicas do curso que realizou:

Eu conheço de maneira não aprofundada, conheço de maneira simplificada, especificamente dentro do que eu vi, que foi dentro da cozinha experimental, as outras áreas do projeto eu não tenho conhecimento (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Foi perguntado a entrevistada se ela acredita que o projeto proporciona benefícios à comunidade, ela respondeu que tem certeza disso, tanto proporciona que ela foi beneficiada através do programa cozinhando com soja:

Eu tenho certeza que sim, porque eu particularmente me surpreendi muito com o curso, que você aprendi a trabalhar com a soja, e eu particularmente não sabia a variedade de grãos e a variedade de alimentos que pode produzir a partir do grão de soja, tanto produtos doces quanto salgados, isso me deixou muito surpresa realmente. [...] A gente aprendeu a trabalhar uma variedade de pratos com soja, além do que é um produto extremamente rico, e muito aconselhado ultimamente, os japoneses são grandes consumidores desse produto, esse produto é muito bem vindo na mesa da gente, é saboroso, eu gostei muito (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada mencionou em sua fala que, quando ficou sabendo do curso oferecido pela cooperativa, procurou logo garantir sua vaga e que nada lhe foi cobrado por isso, nem pelo

material que lhe foi entregue durante a realização do curso. Comentou ainda, que no curso tinha pessoas de várias cidades da região:

Foi gratuito o curso, inclusive deram material pra gente, deram apostila, a gente teve o dia inteiro, teve o café da manhã elaborado com soja, depois teve o almoço muito variado, tudo a base de soja, fui muito bom. [...] Não foi exigido nada, inclusive eu gostaria de ter levado mais gente comigo pra fazer o curso, mas não tinha mais vaga porque já estava totalmente preenchido. Tinha bastante gente mesmo, tinha muitas pessoas de fora, de outras cidades, porque a cooperativa abrange uma região muito grande. Então foi um curso surpreendente, gostei muito, foi válido mesmo. [...] Tinha bastante gente de fora, pelo menos na turma que eu fiz, percebi que tinha bastante agente das cidades próximas, tinha senhoras de sindicatos, bem diversificado mesmo. De Maringá, na minha turma eu não lembro se tinha muita gente não, mas sei que tinha bastante gente de fora (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada apresentou a sua compreensão sobre responsabilidade social, para ela é um trabalho de doação, de ajuda ao próximo, que envolve a comunidade e que proporciona um retorno pessoal e emocional, por ser um trabalho de doação:

Eu tenho um conhecimento limitado, mas pelo que eu ouvi dizer é um trabalho bastante interessante porque envolve a comunidade e os funcionários, é um trabalho de doação de ajuda ao próximo e as pessoas que têm mais necessidades. É muito gratificante a gente poder estar contribuindo de alguma maneira com quem esteja próximo à gente e tenha talvez menos condições, então é bastante válido e enriquecedor, trás um retorno pessoal e emocional (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Concluimos aqui, as entrevistas que proporcionam a percepção dos membros da comunidade, estes entrevistados foram beneficiados pelo Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa. Estes atores, envolvidos na pesquisa, não compreendem os princípios cooperativistas e possuem pouco conhecimento sobre responsabilidade social. Mas, para ambos, a responsabilidade social envolve a comunidade, procurando proporcionar uma melhor qualidade de vida aos indivíduos da sociedade. O próximo e último grupo de entrevistados, compreendem a visão dos representantes das entidades que são beneficiadas pela Cocamar.

Os representantes das entidades assistenciais beneficiadas pelo Projeto Cocamar Social, que contribuem para esta pesquisa, foram entrevistados porque conhecem o Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa e por estarem cadastrados nesse projeto para receber

benefícios para entidade que representam e pelo fato destas entidades terem sido beneficiadas. Pretende-se com estas entrevistas levantar informações sobre os benefícios gerados pelo Projeto de Responsabilidade Social, se existe algum retorno e a percepção dos entrevistados sobre responsabilidade social.

O primeiro entrevistado dirigente de uma entidade beneficiada pelo Programa de Voluntariado comentou no início de sua entrevista que conhece o Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa Cocamar. Mas, conhece pouco, mencionando alguns programas que compõem o Projeto. O programa de voluntariado que é o foco dessa entrevista foi citado, visto que a entidade que a entrevistada representa foi beneficiada pela cooperativa através desse programa:

Conheço, conheço mais, pelas ações que o projeto da Cooperativa na Cocamar Social tem desenvolvido na sociedade de Maringá. Hora se houve falar do programa de voluntariado, hora se houve falar da cozinha que prepara pessoas na alimentação, favorecendo especialmente a utilização da soja e também campanhas solidárias que são feitas em benefício das entidades (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada comentou que Projeto de Responsabilidade Social da cooperativa proporciona benefícios através de vários programas, citou o coral, a cozinha experimental, o programa de voluntariados e alguns benefícios que não constam dos programas, como a doação de alimentos que não fazem parte do projeto de voluntariado:

Eu acredito que as ações da Cocamar Social, pra nós aqui como entidade social, nós temos recebido várias ações. Mas, ações que muitas vezes nos procuraram, para que essas ações aconteçam. Como é o caso, por exemplo, aqui nós temos o projeto Coral Vozes do Coração, nós tivemos também dentro de um projeto voltado para a preparação das mães, a participação em cursos da cozinha alternativa, na administração da soja, tivemos também doações específicas de campanhas, como do voluntariado, a do material escolar, do agasalho, do brinquedo e no final do ano também, mais ou menos em novembro ou dezembro recebemos cestas básicas. E esporadicamente nós recebemos alguns produtos da Cocamar, que nós utilizamos pra crianças, especialmente, sucos maioneses e outros (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A representante da entidade assistencial mencionou em sua entrevista que existe uma certa regularidade para a distribuição dos produtos arrecadados através do programa de voluntariado:

Eu diria assim, em época mais ou menos organizada, nós temos em março a campanha do material escolar, em outubro a campanha do brinquedo, julho agasalho. A cooperativa divulga essas campanhas e nós acompanhamos a arrecadação e também os voluntários trabalhando pra tal finalidade (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada relatou que não conta com os benefícios pelo fato de serem doações realizadas através de campanhas, sendo assim teria que contar com o apoio ou com as doações da sociedade e que não pode se prender a isso:

Não é que eu conte com esses benefícios regularmente, porque a campanha, nós entendemos como entidade, que ela é feita de acordo com aquilo com que a sociedade vai doar e participar. Ela sempre vem e ameniza algumas situações pra nossa entidade, mas não é algo que nós temos como primeira meta não, ela soma. Mas, nós não nos prendemos a essas campanhas (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Para a entrevistada a cooperativa poderia proporcionar algum apoio a mais, mencionou que a doação de café é mensal, mas a cooperativa poderia vender alguns produtos a um preço melhor que o do mercado, visto que essa entidade serve muitas refeições, nesse sentido, os gestores da cooperativa poderiam observar a realidade de cada entidade e verificar as suas principais necessidades:

Dentro dos produtos que a cooperativa produz, por exemplo, o óleo, o suco, eu falo em cima de uma experiência nossa, nós tentamos adquirir isso de uma forma mais barata, mais compensadora, mais isso não foi muito fácil pra nós. A única coisa que hoje, na matéria de alimentos, que nós temos uma doação mensal é do café em grão, que chegando aqui ele é queimado e depois moído. [...] O que eu diria que a cooperativa poderia ajudar a mais as entidades, além de todas essas campanhas que são significativas, são boas, elas fazem seu diferencial, eu acho que poderia ser maior na área de alimentação e a cooperativa como têm vários produtos, poderia ter um preço melhor para as entidades. [...] O leite de soja nós não temos aqui dentro e eu jamais vou comprar isso, é mais caro, e nossas crianças poderiam ter uma alimentação mais adequada e ter um desenvolvimento físico mais adequado para a idade também. As nossas crianças são subnutridas. [...] Eu acredito e se for um sonho, que eu possa falar, eu acho que a cooperativa poderia olhar um pouquinho mais as realidades das entidades e verificar o que a entidade precisaria a mais, e que eles possam estar somando e qualificando a alimentação (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A entrevistada apresentou a sua compreensão sobre ética empresarial, para ela a ética relaciona-se a transparência da organização, deve estar fundamentada por valores e princípios

e que dentro de uma cooperativa a ética se relaciona também, com a preocupação com o indivíduo, com a pessoa humana e que não tenham realidades escondidas:

O que eu diria de uma empresa ética, é uma empresa muito transparente, de valores, de princípios e não que a fachada fosse uma transparência, uma realidade e que por traz dela a gente pudesse perceber outras realidades. Eu acho que uma ética empresarial hoje é no seu todo, desde as pessoas que administram, desde as ações seja na área de responsabilidade social, seja na área empresarial ou em tudo que fazem, ou também. Eu entendo que na ética empresarial principalmente dentro de uma cooperativa, tudo que acontece deve ser pensando na pessoa humana. [...] que a gente olhe e pudesse dizer assim, a cara da empresa está fora não está dentro, e não que muitas vezes que a gente houve falar que a empresa tem fachadas diferenciadas, eu entendo ética do lado de valor de princípios muito diferente, que as pessoas sintam um gosto de participar dessa cooperativa e que essa cooperativa devolva socialmente pra sociedade aquilo que a sociedade está percebendo e não que haja realidades diferenciadas escondidas e que a gente sempre fica com a pulga atrás da orelha será que é isso mesmo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Após falar de valores e princípios éticos, a entrevistada relatou o que para ela é responsabilidade social. Segundo a entrevistada, responsabilidade social é se preocupar com todos os indivíduos da sociedade, sem necessariamente estar cumprindo com um dever imposto por uma lei, responsabilidade social seria a lei do coração e fazer cumprir o seu dever de cidadão:

Eu diria que responsabilidade social, eu quero diferenciar de uma lei de responsabilidade social, eu sinto muito que em nossa entidade pode ser que em muitas também, que as pessoas hoje tem responsabilidade social ou tem um dever a cumprir com uma lei. Eu entendo que responsabilidade social é voltar-se para a realidade, todos da sociedade, num todo, não porque tem uma lei, é por tem meu irmão para cuidar, para resgatar, eu considero a responsabilidade social como estando dentro de casa, todos se querendo bem, saindo pra fora, pra a sociedade e resgatando aquele irmão que está sem dignidade, sem direitos, sem deveres, porque ele está perdido e se alguém não socorrer essa pessoa não se salva mais, eu já falo a palavra salvar, porque hoje têm muitas pessoas que são marginais, mas nós que somos cidadãos que tivemos uma educação, que tivemos uma responsabilidade um pouquinho maior de alguém que nos cuidou, fechemos os olhos e não queremos ouvir e nem ver, como responsabilidade social hoje, eu não considero uma lei governamental eu considero uma lei do coração que deve resgatar todos e olhar pra todos os lados e fazer o que deve ser feito como cidadão, ou seja, lá o que for, mas cumprir o seu dever (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Como exposição final de apresentação da entrevista com a dirigente de uma entidade beneficiada pelo Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar, ela [entrevistada] comenta que não conhece os princípios cooperativistas e observa a atitude da cooperativa em conformidade com as exigências sociais. Com isso, passamos para a entrevista com o dirigente de outra entidade beneficiada.

A segundo beneficiado representante de entidade assistencial, beneficiada é a cozinha experimental, relatou que conhece o projeto de responsabilidade social da cooperativa Cocamar e que a cooperativa ajuda algumas entidades através de doações de roupas e de alimentos e que a responsabilidade social para ele é somar benefícios para todos:

Muitos, eu vejo assim, até nessa área, eu vejo que ela acrescenta em que? A maior dificuldade das entidades, são o que? Eu falo pensando nesta entidade, a questão da participação, da ajuda. Quando eu falo ajuda, seria em que, tudo que se possa acrescentar para uma entidade, ela tem uma parceria. A responsabilidade Social da Cocamar e pensando nesta entidade é uma parceria que vem somar benefícios pra nós. Quando eu falo benefícios, vem em que, ajuda financeira? Não, mas às vezes em produtos, em doações de roupas, quando eu falo em roupas é vestuário e sapatos, vem de alimentação (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado mencionou que recebeu benefícios da cooperativa através do programa da cozinha experimental, a esse respeito relatou que a Cooperativa possui uma parceria com a entidade que ele representa, e que a cooperativa até doou uma padaria para produzir pães de soja. O propósito seria a divulgação da soja como alimento, as informações sobre a culinária a base de soja para seus cozinheiros, foram oferecidas no curso cozinhando com soja, na cozinha experimental da cooperativa:

A respeito da cozinha eu posso comentar que esta entidade e a Cocamar formam uma parceria, até essa questão da padaria. [...] A doação da padaria desta entidade foi feita pra produzir o pão de soja. Essa questão da cozinha vem somar e acreditar na potência que a soja é como alimento. Na panificação, na cozinha industrial, já foram feitos vários cursos com cozinheiros desta entidade e que hoje acrescentam soja na alimentação duas ou três vezes por semana.[...] A Cocamar também possui uma parceria com a Embrapa, esses dias funcionários desta entidade foi fazer o curso cozinhando

com soja lá em Cascavel e em Londrina. Onde a Cocamar vai aprender a cozinhar com soja esta entidade sempre está junto pra levar essa alimentação tão rica em proteínas para os nossos internos, para a nossa alimentação (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado comentou que a cooperativa faz doações para a entidade que ele representa, estas doações são normalmente alimentos que a cooperativa produz, alimento de boa qualidade:

A Cocamar sempre está de portas abertas pra nós, o que eu precisar da Cocamar eu ligo lá, e é muito difícil quando eu preciso que eles não me resolvam. Vou citar exemplos, doações de alimentos, doações de cestas básicas, todo mês alguma coisa a gente recebe, toda vez que a Cocamar tem um produto que está sobrando na prateleira, tudo produtos de primeira, coisas de boa qualidade, não vencidos, coisa que vai vencer em longo prazo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Quando perguntado se a entidade que ele representa retribui os benefícios recebidos pela cooperativa, comentou que procura retribuir, atendendo os funcionários da cooperativa que possui alguma dependência com álcool ou droga, referindo-se mais a uma parceria do que uma retribuição de benefícios:

Acredito que sim, acredito que quando a gente fala do que a Cocamar possa fazer por nós e o que nós podemos fazer pela Cocamar, acredito que a Cocamar hoje é a primeira, a segunda ou a terceira organização que tem mais funcionários em Maringá, temos a UEM, a prefeitura e a Cocamar, então uma empresa que tem muitos funcionários tem muitos problemas também. Qualquer problema que exista na questão de alcoolismo ou droga que a Cocamar tem, ela não vai mandar essa pessoa embora, a assistente social conversa com esse funcionário e encaminha esse funcionário pra nós, isso é uma parceria. Nossa entidade sempre está de portas abertas pra Cocamar em qualquer um dos casos que a gente puder ajudar com tratamentos (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Quando perguntado se a cooperativa poderia lhe proporcionar algum benefício a mais, disse que só tem a agradecer os benefícios recebidos e que são poucas organizações que ajudam da mesma forma:

Já pensou se todas as empresas no porte que a Cocamar tem ou menos, pudesse nos ajudar, como seria melhor, eu posso dizer que são poucas empresas que ajudam e a Cocamar faz um bom trabalho pra nós, eu só tenho que agradecer eu não tenho que pedir mais nada não é uma somatória, esta

entidade e Cocamar formam uma parceria que está dando certo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

O entrevistado apresentou sua compreensão por Responsabilidade Social, segundo ele, a responsabilidade social pertence ao terceiro setor e que a responsabilidade social que as empresas desenvolvem só vem adicionar:

A responsabilidade social é assunto que se diz antigo, mas é nova, hoje quando se fala em responsabilidade social eu entendo como uma coisa do terceiro setor. [...] E a Responsabilidade social que as empresas tipo a Cocamar tem hoje e que está funcionando, só vem acrescentar, só vem somar (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Após seu comentário sobre responsabilidade social, o entrevistado mencionou sua compreensão a cerca do assunto ética empresarial. Para ele, as organizações possuem uma ética própria, mas que se deve fazer o que é certo, o que é justo e que a ética pode ser compreendida como uma qualidade de expressão com a intenção de conquistar, mas no sentido de ser claro e de demonstrar respeito pela parte interessada:

Esta questão de ética pra quem está em uma empresa, ela vê a ética dela, o lado profissional dela e nós como entidade temos a nossa ética, nossa ética profissional, querendo ou não querendo temos nossa ética profissional. Quando a gente fala de profissional e de uma ética, eu vejo que, temos que acreditar e fazer a coisa justa pra você ligar pra esse nome, não adianta ter uma ética profissional e eu não ser profissional, então é papo furado. Aqui nesta instituição temos muito disso, temos nossa ética, tem que ser articulador tem mexer com o lado profissional e com isso a palavra ética vai muito da qualidade, a ética é uma qualidade de expressão pra você poder conquistar. Quando eu falo ética eu me refiro aqui na instituição, todas as pessoas que vêm internar, elas sabem o que elas querem? Não, você tem que ser muito claro pra pessoa interessada tem que fazer a pessoa acreditar em você. Acreditar no que eu posso e a pessoa ser tratada com respeito (relato de entrevista, pesquisa de campo).

A seguir o entrevistado apresentou o que para ele existe de relação entre a responsabilidade social e a ética empresarial. Na sua percepção, responsabilidade social é responder com uma ação, assumindo responsabilidades e que a ética empresarial está relacionada aos compromissos da empresa para com seus funcionários e com o próximo, procurando ajudá-los:

Responsabilidade social, já fala responsabilidade e é social, a palavra social pra mim é doação, responsabilidade social pra mim é responder com uma ação. A ética eu separo, responsabilidade social é o lado de assumir, de fazer e de se doar. Nós como entidade se falar em responsabilidade social não tem muito haver, mais uma empresa tem, se todas empresas observassem o lado da responsabilidade social, seria muito mais fácil pra todos e são poucas empresas que vê isso. E quando vê é porque são cobradas, cobradas por alguns interesses? Eu digo que sim, ou por muito amor. Tem pessoas que tem pequenas empresas e estão fazendo responsabilidade social de uma forma muito bonita. A ética profissional tem que ter, em qualquer lugar ela cabe, eu posso estar dentro de uma entidade, eu posso estar dentro de um boteco, ainda mais o papel que a gente faz. A ética empresarial todo mundo tem que ter e nem todos tem. A ética empresarial é mais difícil até de dizer. Mas, a ética profissional de um empresário pra mim é procurar ajudar os seus empregados e o próximo (relato de entrevista, pesquisa de campo).

Com o apoio da Cocamar, a entidade que ele representa construiu uma padaria para produzir produtos de soja e colocar esses produtos no mercado, mostrando o que a soja pode oferecer. Os funcionários e pessoas internadas na entidade fizeram o curso cozinhando com soja oferecido pela Cocamar, com o propósito de preparar alimentos a base de soja e apresentar uma profissão aos internos. A padaria funcionará a partir desse ano de 2006.

Foi comentado ainda, que o diretor da entidade encaminha as pessoas que terminam o tratamento e necessitam de uma colocação profissional para a Agência do Trabalhador e não diretamente para a Cocamar. Na Agência do trabalhador tem um funcionário da cooperativa que faz a triagem, caso o candidato atenda as necessidades da Cocamar ele é contratado.

Este foi o ultimo grupo de entrevistados que compreendem essa pesquisa, as informações constantes em seus relatos são de grande valia para a compreensão da visão desses atores envolvidos. Nota-se que os dois entrevistados conhecem e recebem benefícios para as entidades que representam. Um acredita que a cooperativa poderia lhes proporcionar mais benefícios, dizendo que a cooperativa poderia olhar um pouquinho mais as realidades das entidades, enquanto o outro entrevistado diz que só tem a agradecer, dando a impressão de que a cooperativa lhe proporciona muitos benefícios e que ele está satisfeito. O primeiro entrevistado apresenta em sua percepção sobre a responsabilidade social que, seria uma preocupação por parte da organização com todos os indivíduos da sociedade, sem que esta preocupação estive imposta por lei, enquanto o segundo menciona a responsabilidade social como uma forma de somar benefícios para todos. Podemos concluir que, os dois entrevistados

possuem uma visão a cerca da responsabilidade social, como sendo um compromisso da organização para todos, funcionários e comunidade.

4.2 SOBRE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS ATORES

Analisando os relatos sobre a percepção dos gestores e dos funcionários que colaboram diretamente na gestão do projeto de responsabilidade social da Cooperativa, percebe-se, que a auxiliar do gestor e a assistente social compreendem a responsabilidade social para com o público interno e externo. Sendo assim, para esses entrevistados, a cooperativa procura através do Projeto de Responsabilidade Social atender seu público interno, reconhecendo e tentando suprir as necessidades dos seus funcionários, contribuindo para a qualidade de vida tanto dos funcionários, quanto da comunidade onde a cooperativa se inseriu. Para Guimarães (1984) o conceito de qualidade de vida é muito importante, pois constitui em um critério substancial para qualquer julgamento sobre o progresso e o desenvolvimento. Vários são os autores que relacionam investimentos em responsabilidade social com a qualidade de vida (Ventura, 2003; Cardoso, 2002; Guimarães 2004b, Guimarães, 1984), observando que a responsabilidade social é uma forma das organizações prestarem conta com a sociedade, buscando soluções para problemas sociais e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em sociedade. Esta contribuição pode-se concretizar através de projetos sociais, o que acarretaria em compromissos mais sérios para com a comunidade, na busca do seu desenvolvimento e sustentabilidade.

De um modo geral, a qualidade de vida se apresenta nos discursos dos entrevistados em relação à comunidade, porém, a melhoria das condições sociais dos indivíduos em sociedade, implica em investimentos para com público interno, buscando primeiro a responsabilidade social interna. Melo Neto e Froes (1999) tratam da responsabilidade social interna como sendo os investimentos da organização em benefícios de seus empregados e dependentes, e na compreensão da responsabilidade social externa o desenvolvimento de ações sociais empresariais que beneficiam a comunidade.

Analisando o relato do Gestor sobre responsabilidade social, não se percebe a existência do público interno. Mesmo quando ele comenta sobre a origem do Projeto de Responsabilidade Social, afirmando que o motivo mais importante do desenvolvimento e da implantação do

Projeto foi atender, dentro do possível, as necessidades da comunidade carente e não mencionou o público interno. Entretanto, analisando outros relatos do gestor, percebe-se que ele reconhece a responsabilidade social interna e sua importância para a cooperativa e seus funcionários como, por exemplo, quando relata sobre os motivos que têm levado a cooperativa a investir em responsabilidade social:

E nós, como empresa, como organização, nos sentimos na obrigação de dia após dia, nos conscientizarmos de que nós temos responsabilidades sim, com toda a comunidade, não só com nossos associados ou com nossos colaboradores, mas também com a comunidade de nosso entorno (relato de entrevista, pesquisa de campo).

É perceptível que, para os gestores e os funcionários que colaboram para com o Projeto, a responsabilidade social voltada para o público externo, visa à melhoria da sociedade, uma vez que a Cooperativa participa dos problemas sociais da comunidade onde se encontra inserida. Portanto, o Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa Cocamar apresenta-se como importante para a comunidade, o que pode ser observado nos relatos dos gestores e funcionários da cooperativa que atuam diretamente na gestão do Projeto. Estes reconhecem a importância do Projeto, por ser uma fonte geradora de benefícios para a comunidade, referindo-se ao público externo. Oliveira (2002a) afirma que a empresa que investe em responsabilidade social, cumpre com seus deveres, busca seus direitos e divide com o Estado a função de promover o desenvolvimento da comunidade. Contudo, gerar benefícios para a comunidade, procurando o seu desenvolvimento, tendo em vista a sua sustentabilidade, é uma forma da cooperativa atender com o princípio cooperativista. Segundo Irion (1997), ao assumir uma preocupação com a sociedade, na fase de integração com a comunidade, encontra-se o apogeu da função social da cooperativa, atuando diretamente no bem-estar social da comunidade. Para este autor, as cooperativas possuem valores e princípios que as direcionam ao desenvolvimento sustentado. Referindo-se aos benefícios para com a comunidade, Karkotli e Aragão (2004) comentam que uma atuação organizacional com responsabilidade social pressupõe a necessidade e a urgência da participação no desenvolvimento com sustentabilidade. Nota-se, portanto que, as cooperativas e as organizações que atuam com responsabilidade social buscam o desenvolvimento da sociedade, através de projetos voltados para a sua sustentabilidade.

Para os entrevistados beneficiários, a responsabilidade social é compreendida pelo comprometimento das organizações perante a sociedade, preocupando-se com o seu desenvolvimento. Este grupo de entrevistados reconhece o comprometimento das empresas com o público externo. Relataram que a responsabilidade social é o apoio ou a preocupação pela melhoria da comunidade. Dentre os entrevistados beneficiários percebe-se também a preocupação com o público interno, fazendo alusão à atenção dispensada pela organização para com seus funcionários. Melo Neto e Froes (2002) salientam que a responsabilidade social interna focaliza os empregados e seus dependentes, no sentido de motivá-los a um desempenho ótimo, criando um ambiente de trabalho agradável e contribuindo para o bem estar dos funcionários. Entretanto, as cooperativas foram criadas para resolver problemas sociais, inerentes daqueles que as criaram, portanto, sempre estiveram voltadas para o seu público interno.

Tratando-se de uma organização cooperativa, pode-se inferir que a preocupação com a sociedade tem como referência o desenvolvimento sustentado da comunidade onde a cooperativa se encontra. Nota-se, na fala dos entrevistados beneficiários, quando eles tratam do assunto melhoria para a comunidade, uma estreita ligação com o princípio cooperativista da preocupação com a comunidade. Tal princípio conclui que, as cooperativas trabalham pelo desenvolvimento sustentado de suas comunidades, através de políticas aprovadas por seus membros. Borges (2001) esclarece que a cooperativa que se preocupa com esse princípio, procura privilegiar a comunidade, oferecendo a devida atenção e auxílio, através de políticas desenvolvidas pela cooperativa.

A preocupação com o público interno e externo é apresentada nas palavras de Veiga e Fonseca (2001) quando mencionaram que o cooperativismo procura construir uma sociedade mais equitativa, democrática e sustentável. A sustentabilidade da comunidade é uma preocupação do cooperativismo e que se apresenta na responsabilidade social. Porém, a cooperativa procura minimizar as necessidades que a comunidade carente tem e as necessidades que os funcionários da cooperativa enfrentam, visando melhorar sua qualidade de vida. Portanto, comportamento socialmente responsável, pode ser estendido às cooperativas ao procurar o desenvolvimento da comunidade na observância de seus valores e princípios, visto que a justiça social, um dos valores básicos do cooperativismo, preconiza a qualidade de vida e a promoção do indivíduo, no sentido econômico e social, principalmente

ao investir na educação dos membros da cooperativa. Este fato pode ser observado nas palavras de Veiga e Fonseca (2001) ao comentar que o cooperativismo visa o aprimoramento do ser humano em todas as suas dimensões - social, econômica e cultural, preocupa-se com a qualidade de seus produtos, busca o preço justo, preocupa-se com seu entorno e com o meio ambiente e procura construir uma sociedade mais eqüitativa. Porém, Irion (1997) salienta que na interação com a comunidade, o movimento cooperativo amadurece e toma consciência de que, se integra à economia social, necessitando, ainda, fazer com que os benefícios da cooperação transcendam o quadro de cooperados. Pode-se compreender que nesta fase evolutiva de uma cooperativa, ela envolve-se com a comunidade, comprometendo-se com o desenvolvimento de projetos que beneficiem a comunidade local ou regional.

Referindo-se ao cooperativismo e a responsabilidade social, os gestores e os funcionários voluntários, compreendem que as cooperativas possuem um compromisso para com o desenvolvimento das comunidades onde se inserem, buscando proporcionar uma melhoria na qualidade de vida dos indivíduos em sociedade e que este fato, pode representar a função social do cooperativismo e para eles (gestores e voluntários), a responsabilidade social pode ter o mesmo sentido. Portanto, a responsabilidade das cooperativas e das organizações que atuam com responsabilidade social encontra-se de certa forma interligadas.

Pinazza e Alimandro (2001) argumentam que nada impede que as cooperativas operem práticas administrativas das empresas capitalistas. Sendo assim, será que a responsabilidade social dentro de uma cooperativa pode ser compreendida como uma estratégia para o cooperativismo se fortalecer? Esses mesmos autores concluem que o fundamental é o equilíbrio e a manutenção dos princípios essenciais. Portanto, as cooperativas devem atuar no mercado sem perder sua identidade, enquanto organização social e econômica. Mas, não podemos esquecer as palavras de Irion (1997) ao tratar os valores e princípios como a base do cooperativismo.

Observando os princípios, um beneficiário relatou que a cooperativa mantém o CEs para cumprir com sua função social oferecendo conhecimento aos seus funcionários e cooperados e que isso atende ao princípio cooperativo, fazendo com que o cooperativismo se fortaleça. Esse relato se torna muito importante porque apresenta o conhecimento do funcionário a cerca

dos princípios cooperativistas e sua percepção sobre o investimento em educação, proporcionado pelo Programa CEs.

Ao tratar do assunto educação, Borges (2001) relaciona os investimentos em educação, proporcionados por cooperativas como sendo atendimento de um de seus princípios, e esclarece que a cooperativa que se funde em tal princípio deve privilegiar os membros das comunidades, dando-lhes a devida atenção e auxílio, através de políticas desenvolvidas pela cooperativa. Este autor relaciona os investimentos em educação como uma forma de se cumprir com o desenvolvimento da comunidade. Portanto, podemos compreender que investir em educação para a comunidade interna pode estar inserido no princípio da educação e quando esse benefício é extensivo à comunidade local, pode apresentar uma preocupação da cooperativa para com o desenvolvimento da comunidade local, o que se insere em outro princípio cooperativo. Não obstante, Veiga e Fonseca (2002) afirmam que as cooperativas proporcionam educação e treinamento para os sócios, dirigentes eleitos, administradores e funcionários, de modo a contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento, ao cumprir com seus princípios. Enquanto, Irion (1997) diz que o conceito de educação cooperativista nunca se limitou à exclusiva divulgação da doutrina cooperativista. Este autor considera que, para elevar a cultura e a educação doutrinária do cooperativismo é preciso completá-la elevando o nível de conhecimento dos sócios, funcionários e inclusive familiares. Dessa forma os compromissos com projetos de responsabilidade social que tratam de melhoria na educação, podem ser considerados semelhantes aos princípios cooperativos, aparentemente, diferenciados pela educação cooperativista de puro caráter doutrinário.

Observando ainda, os princípios, percebe-se que dois entrevistados beneficiários, faz menção ao cumprimento dos princípios, ao afirmarem que a cooperativa se preocupa com a comunidade, ao desenvolver suas atividades de responsabilidade social. Para um a cooperativa ultrapassa o princípio cooperativista e faz mais do que deveria fazer quando se preocupa com a questão ambiental. Pode-se inferir aqui, que esse entrevistado não tem conhecimento sobre a abrangência do princípio que prevê o desenvolvimento sustentado da comunidade, uma vez que, como parte integrante do desenvolvimento sustentável, se apresenta três dimensões: a social, a econômica e a ambiental. Essas dimensões podem são ressaltadas por Karkotli e Aragão (2004) ao mencionar que a atuação organizacional com responsabilidade social pressupõe a necessidade e a urgência da participação no

desenvolvimento com sustentabilidade, obrigando-se pelo desenvolvimento das dimensões econômica, social e do meio ambiente. Cardoso (2002) alega que a responsabilidade social é o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento sustentável dos povos. Porém, Veiga e Fonseca (2001) relatam que o cooperativismo se preocupa com seu entorno e com o meio ambiente e procura ainda, construir uma sociedade mais equitativa, democrática e sustentável. O que também é compreendido por Irion (1997) afirmar que as cooperativas buscam o desenvolvimento sustentado. Portanto, a sustentabilidade também se apresenta em relação ao meio ambiente, sendo assim, a cooperativa não ultrapassa o princípio ao se preocupar com a questão ambiental, ela apenas procura atendê-lo.

Além da importância do Projeto para os funcionários e comunidade, os entrevistados apresentaram ainda, a importância do Projeto para a própria cooperativa. Em alguns pontos, esses assuntos se confundiram, mas ficou evidente, nos relatos dos Gestores e Voluntários, que o projeto é importante para a comunidade e em contrapartida, a comunidade reconhece os benefícios proporcionados a ela, ao dizer que o reconhecimento pela comunidade eleva o nome da Cocamar. O benefício para a cooperativa, também pode ser observado no relato de um beneficiário, quando este percebe que existe uma valorização da organização que investe em responsabilidade social. Assim, encontra-se implícito nos relatos, a valorização da marca ao desenvolver um projeto de responsabilidade social voltado para solucionar problemas sociais da comunidade.

Referindo-se ao retorno dos investimentos em responsabilidade social, Lima (2002) alega que as empresas promovem ações sociais que tenham o potencial de lhes trazer alguma espécie de benefício concreto e que muitas organizações deixam de investir na comunidade por não evidenciar esse retorno. Esse autor comenta ainda que o apoio das empresas para com a comunidade pode se concretizar em investimentos nas áreas de educação. Por outro lado, as cooperativas investem na educação de seus funcionários e cooperados e ainda na comunidade, como forma de cumprir com seus princípios, mesmo cumprindo seus princípios, as cooperativas também buscam retorno com investimentos em educação, o que pode ser percebido nas palavras de Veiga e Fonseca (2002) ao afirmar que as cooperativas que proporcionam educação e treinamento para seus sócios, dirigentes, administradores e funcionários, contribuem efetivamente para seu desenvolvimento. Sendo assim, a cooperativa

se desenvolve naturalmente através dos investimentos em educação e se valoriza perante a sociedade, por ser reconhecida como uma organização que investe no social. É compreensível que os investimentos realizados na busca de se cumprir com princípios cooperativos, também podem provocar o reconhecimento da cooperativa perante a sociedade, nesse caso o que poderia diferenciar os investimentos em responsabilidade social e os investimentos no cumprimento de princípios, seria a valorização do cooperativismo como um todo e não só da cooperativa em questão.

Tratando-se, da importância do Projeto de Responsabilidade Social para a Cooperativa, se percebe algumas divergências acerca desse assunto. Como exemplo, a assistente social menciona que, dentre os benefícios gerados encontra-se a satisfação dos funcionários em trabalhar para uma empresa que investe em responsabilidade social. Nota-se que o reconhecimento do público interno também é importante para a cooperativa. Contudo, Melo Neto e Froes (2002) salientam que a responsabilidade social interna focaliza os empregados e seus dependentes, sendo seu objetivo motivá-los para um desempenho ótimo, criando um ambiente agradável de trabalho e contribuindo para o seu bem-estar.

Por outro lado, a auxiliar do gestor, apresenta o reconhecimento do público externo, como forma de benefício para a cooperativa, ao relatar que, quando a cooperativa pratica ação social eleva a sua marca. Enquanto um apresenta o benefício que a cooperativa tem em relação ao público interno o outro se refere ao público externo. Porém, as duas visões podem apresentar um fator econômico muito forte, uma vez que o funcionário mais satisfeito com o desempenho social da organização, trabalha mais e com maior qualidade e o reconhecimento da comunidade, como já mencionado a valorização da marca contribui, de certa forma, para os provimentos financeiros da Cooperativa. Cabe aqui, lembrar as palavras de Tomei (1984), quando afirmou que a empresa mais sensível às necessidades da comunidade terá como resultado uma comunidade melhor, onde será mais fácil à própria gerência dos negócios. De certa forma, o compromisso com a qualidade de vida gera um processo de melhoria social, acarretando em um melhor ambiente para a atuação empresarial. Guimarães (2004b) observa que a atuação das empresas orientadas para a responsabilidade social não implica que a gestão empresarial abandone seus objetivos econômicos, pois, além de atender aos interesses de seus acionistas devem buscar soluções para os problemas sociais.

Um fato que pode justificar o benefício para a cooperativa ao investir em responsabilidade social encontra-se no discurso do gestor. Quando o mesmo relata que os benefícios resultantes dos investimentos em educação para com os funcionários, melhora seu nível educacional e acaba proporcionando um trabalho com maior qualidade. Tratando do retorno para a cooperativa a Auxiliar do gestor, lembra que o público interno fica mais satisfeito quando colabora como voluntário e quando recebe algum benefício do projeto, dessa forma, o trabalhador satisfeito produz melhor e com maior qualidade, o que corrobora com o discurso do Gestor. Perez (2002) contribui dizendo que os funcionários voluntários sentem-se satisfeitos por estarem ajudando a comunidade e ficam felizes com a empresa em que trabalham por ter incentivado tal prática e acima de tudo por valorizá-la. Teodósio (2002b) diz que projetos de voluntariado envolvendo empregados podem resultar em um aumento de produtividade e competitividade. Percebe-se que esta satisfação produz retornos à própria cooperativa, mas ressaltamos que quando os funcionários melhoram seu nível educacional, através dos conhecimentos adquiridos no CEs, melhoram sua qualidade de vida e podem ter uma ascensão salarial e de cargo dentro da cooperativa, este fato é observado tanto no discurso do Gestor como do seu auxiliar.

Tratando dos benefícios gerados pelo CEs para com a comunidade, o Gestor comenta que não pode atender a todos, e que não atende as comunidades mais distantes, uma vez que este benefício é oferecido pelo governo e que a Cooperativa não teria espaço para tanta gente. De outra forma, o seu auxiliar comenta que não pode atender a comunidade, além dos prestadores de serviços, e que isso se deve a falta de espaço físico. Nota-se uma divergência nas falas, para o Gestor a comunidade próxima pode participar e para seu auxiliar, a comunidade mais próxima não pode, a não ser que preste serviço, isso significa que esta organização atende através do CEs apenas os que possuem, de alguma forma, uma relação de trabalho ou serviço com a cooperativa.

Abordando especificamente o benefício que o Centro de Estudos proporciona aos funcionários e membros da comunidade, três entrevistados beneficiários comentaram que a cooperativa não beneficia apenas seus funcionários e cooperados, ela estende os benefícios oferecidos pelo CEs para a comunidade local. Uma vez que, a Cooperativa Cocamar desenvolve um Projeto de responsabilidade Social, ela não pode ter seu alcance limitado ao

público interno, este fato leva a organização atender a comunidade através do Centro de Estudos. Porém, a cooperativa alicerçada pelos seus princípios e valores, pode atender a comunidade como uma forma de cumprir com seu princípio da preocupação com a comunidade, oferecendo vagas aos membros da comunidade. Para Lima (2002), o apoio das empresas à comunidade pode também, se concretizar em investimentos nas áreas de educação e no apoio a projetos sociais em andamento e na colaboração para a criação de mecanismos de auto-sustentabilidade desses projetos. Ao se referir à comunidade, Borges (2001) esclarece que a cooperativa que se funde em tal princípio deve privilegiar os membros das comunidades, através de políticas desenvolvidas pela cooperativa, que pode ser compreendido por investimentos aprovados para projetos sociais que atenda às necessidades da comunidade.

Os voluntários também comentaram sobre o benefício que recebem da cooperativa, pelo serviço prestado. Um voluntário relatou que a cooperativa vê os voluntários com outros olhos, porque estes estão preocupados com a sociedade. Observa-se que, a questão de ser voluntário é importante para a cooperativa e para os funcionários, apresentando-se como uma forma de reconhecimento (benefício). Esta visão diferenciada para os voluntários não foi apresentada pelos gestores do Projeto. Um outro entrevistado voluntário mencionou sua satisfação ao dizer que se sente lisonjeado e realizado, afirmando que está tranqüilo no sentido de alto-estima. Esta tranqüilidade pode estar relacionada ao discurso dos gestores, quando se referiram que o funcionário satisfeito produz mais e com maior qualidade. Teodósio (2002a) argumenta que os voluntários não são remunerados, almejam uma satisfação espiritual, afetiva, política e ideológica. A satisfação de ser voluntário foi apresentada também por Perez (2002) e por Souza (2002) quando comentaram que o voluntário é um agente de transformação, mas é o primeiro a mudar, alterando seu comportamento e melhorando sua auto-estima e que conseqüentemente a mudança surge na comunidade.

Ao tratar do Programa de Voluntariado, se percebe nos relatos dos gestores e dos voluntários, que os benefícios gerados são os resultados das campanhas de arrecadações de alimentos, brinquedos, agasalhos e materiais escolares, e que estas doações são produtos de doações de terceiros. Portanto, este programa se apresenta como assistencialista, uma vez que utilizam mão-de-obra de voluntários com o propósito de atender necessidades imediatas da sociedade. Referindo-se ao voluntariado Silveira (2002) comenta que de alguma forma o trabalho voluntário procura atender necessidades primárias, tais como sobrevivência dos indivíduos,

carências de moradia, de alimentação, do vestuário, etc. caracterizando esta ajuda como uma forma assistencialista de se resolver o problema, nos moldes da caridade. Melo Neto e Froes (1999) considera a ação de filantropia salutar, mas como um primeiro passo para a responsabilidade social, uma vez que ações assistencialistas não resolvem o problema. Silveira (2002) afirma ainda, que o assistencialismo por sua vez, não pode resolver os problemas existentes, referentes às necessidades imediatas das pessoas, são necessários programas que tenham por objetivos, buscar algo além das questões básicas de sobrevivência, não fornecendo necessariamente algo material, mas conhecimento, buscando a promoção. Por se tratar de uma cooperativa que busca o desenvolvimento sustentado da comunidade, através de um de seus princípios, e ainda por desenvolver um projeto de responsabilidade social, os objetivos do programa de voluntariado apresenta-se mais como uma forma de satisfazer as necessidades dos voluntários, em contribuir para uma sociedade, do que tentar resolver os problemas existentes, porém o programa, de certa forma, ameniza em partes a questão social, mas, não tenta solucioná-lo.

A representante de uma das entidades assistenciais mencionou que recebe doações da Cooperativa Cocamar, e muitas dessas doações são resultados das campanhas do Programa de Voluntariado, e que não conta regularmente com esses benefícios, pelo fato de ser resultados de doações da comunidade, pois não dá para se saber o que será doado. Para a entrevistada, não se pode ficar esperando por essas doações, visto que isso apenas ameniza algumas situações. Mais uma vez, percebe-se que os benefícios gerados pelo programa de voluntariado podem ser considerados como filantrópicos pelo fato de não resolver o problema social, apenas gera um conforto momentâneo para aqueles que são beneficiados. O relato dessa entrevistada fundamenta-se nos conceitos de Melo Neto e Froes (1999) e de Silveira (2002) ao considerarem que a ação filantrópica não resolve o problema existente.

Os relatos dos representantes das entidades assistenciais são um pouco divergentes, quando o assunto são os benefícios. Um representante de uma entidade beneficiada comentou que não conta com os benefícios regularmente, por serem esporádicos e não solucionar o problema. Este entrevistado possui uma percepção filantrópica sobre os benefícios recebidos, quando afirmou que os benefícios recebidos. O ideal seria o que Lima (2002) mencionou, quando tratou dos investimentos da organização para com a comunidade, afirmando que as organizações devem auxiliar na erradicação da pobreza e da miséria, mas pra que isso

aconteça devem apoiar projetos sociais em andamento e colaboração para a criação de mecanismos de auto-sustentabilidade desses projetos.

O que diverge do relato do entrevistado anteriormente citado, é que o outro entrevistado representante de uma das entidades consideradas nessa pesquisa, mencionou que, sempre que necessita de algo ele liga na Cooperativa e a Cocamar lhe doa alimentos e até cestas básicas, o que não foi relatado pelo primeiro. Este último mencionou ainda que a Cocamar e a entidade que ele representa formam uma parceria, sendo que alguns problemas de alcoolismo e drogas dos funcionários da Cocamar são resolvidos lá. Nota-se, portanto uma troca de favores entre a Cooperativa e a entidade. Compreendendo a responsabilidade social como um compromisso da organização para com a comunidade, a troca de benefícios, em busca de se resolver problemas sociais, tanto do público interno como do público externo, é até certa forma salutar. O que não pode acontecer seria esperar um retorno pelos benefícios oferecidos à comunidade. Estes devem ser espontâneos e buscar sempre a qualidade de vida do ser humano e o desenvolvimento da comunidade. Rizzi (2002) afirma que a responsabilidade social de uma organização vai muito além do local em que ela está instalada, não constituindo em uma atividade distinta dos negócios, mas em uma nova forma de gestão empresarial, sendo visada como uma iniciativa própria e não compulsória.

Abordando o Programa que contempla a cozinha experimental, os gestores do projeto explicaram que o benefício deste programa encontra-se na possibilidade de se produzir uma alimentação mais nutritiva e se referiram aos “internos” das entidades assistenciais cadastradas. Compreende-se então, que um dos propósitos para a organização trabalhar com responsabilidade social seria a sua preocupação em manter um Programa dentro do Projeto de Responsabilidade Social que possibilite minimizar os problemas sociais mais emergentes, dentre estes, encontra-se a desnutrição, a pobreza e a exclusão social. Esta pode ser compreendida como a proposta de Lima (2002) anteriormente comentada, que se refere aos investimentos em projetos que visem à erradicação da desnutrição.

De um modo geral, os beneficiários do Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa Cocamar relatam que é muito importante a Cooperativa manter o Projeto, porque beneficia a comunidade e seus funcionários. A importância da responsabilidade social pode ser compreendida pela forma que a organização conduz seus negócios, tornando a organização

co-responsável pelo desenvolvimento social, onde a organização se comportaria de maneira a proteger a qualidade de vida da sociedade, procurando amenizar problemas sociais, investindo em projetos que produzam respostas as questões sociais mais críticas do momento, tais como a miséria, desnutrição, exclusão social, analfabetismo, etc., e a responsabilidade social focaliza também o público interno. O cooperativismo, também apresenta propostas para a solução de problemas sociais, tais como a questão da educação e do desenvolvimento sustentável da comunidade, compreendendo-se por investimentos na comunidade, propostas para a erradicação da miséria, desnutrição e exclusão social. Veiga e Fonseca (2001) afirmam que o cooperativismo visa o aprimoramento do ser humano em todas as suas dimensões (social, econômica e cultural), preocupa-se com a qualidade de seus produtos, busca o preço justo, preocupa-se com seu entorno e com o meio ambiente e procura construir uma sociedade mais equitativa, democrática e sustentável.

Ao abordar o assunto: ética empresarial, o Gestor do Projeto de Responsabilidade Social comenta que o empresário é ético a partir do momento que ele trata com dignidade aqueles que trabalham para ele, cumpre com suas obrigações legais e se preocupa com a comunidade. Na sua percepção, ética empresarial é acima de tudo ser verdadeiro. Essa concepção sobre a ética empresarial diverge do seu auxiliar, o Gestor apresenta um conceito de que existe um compromisso legal, mas, ele separa esse compromisso imposto por lei, do tratamento que se deve dispensar ao empregado e a comunidade onde a cooperativa encontra-se inserida. Enquanto que, para seu auxiliar, a ética diz respeito ao cumprimento das obrigações legais, tanto da legislação trabalhista, como do meio ambiente. Quando este relata que a organização poderia ser penalizada por não se preocupar com o meio ambiente e com a comunidade, reforçando assim, a sua visão de compromisso legal, ou estabelecido por lei. Xavier e Souza (2004) e Veloso (2002) consideram que responsabilidades éticas correspondem às atividades, práticas, políticas e comportamentos esperados ou proibidos, não especificados em Leis. Porém, para estes, a organização que trabalha dentro dos preceitos da ética empresarial, busca comportamentos que vai muito além dos compromissos legais, o que é compreendido pelo Gestor e não pelo seu auxiliar.

Para o entrevistado representante de uma das entidades assistenciais, a empresa ética é uma empresa transparente, tanto em valores como em princípios, e que não deveria existir outra realidade escondida. Nota-se que, para esse entrevistado a ética é baseada nos valores e nos

princípios adotados pela organização, porém, tratando-se de uma organização cooperativa, seria bem plausível que na concepção deste entrevistado, só seria possível uma gestão ética para uma cooperativa se esta observasse seus valores e princípios cooperativistas.

O representante da outra entidade assistencial menciona que cada entidade tem a sua própria ética profissional. Comparado ao relato do entrevistado anterior, quando observava a ética atrelada aos valores e princípios da organização, nota-se que ambos possuem uma percepção convergente sobre a ética empresarial. Isso fica mais perceptível quando o entrevistado da segunda entidade compreende que a ética empresarial cabe em qualquer lugar, dentro ou fora da organização, apresentando uma condição de transparência, o que foi observado também pelo primeiro.

Para os gestores da cooperativa a ética fundamenta-se em uma obrigação legal, no tratamento justo para com os funcionários e no compromisso perante a sociedade, enquanto que para os representantes das entidades assistenciais beneficiadas pelo Projeto de Responsabilidade Social a ética é uma questão de transparência e observância aos valores e princípios de cada organização. Tratando-se de um projeto de responsabilidade social desenvolvido por uma cooperativa, a questão dos valores e princípios deveriam ser mais forte e envolvida, de forma mais aprofundada, pelos gestores do Projeto do que pelos membros das entidades assistenciais.

Com esse percurso pode-se observar que o tema responsabilidade social, na ótica dos vários atores envolvidos possui convergências, pois os propósitos da responsabilidade social é, num sentido amplo, contribuir para suprir os infindáveis problemas sociais na comunidade a qual se destina. Por outro lado, as divergências foram inúmeras: primeiro devido à própria posição dos atores envolvidos com o projeto, que perfez aquelas categorias mais diretamente envolvidas com a execução do projeto (gestores e funcionários voluntariados) e aquelas que são diretamente beneficiadas por essas iniciativas (beneficiados e entidades assistenciais). Essas divergências nas visões implantam uma riqueza inesgotável neste processo de investigação, pois permitem observar determinada realidade a partir dos vários pontos de vistas envolvidos. Essas considerações encerram esse percurso, mas abre para o processo de análise desta riqueza do material coletado, com a intenção de vislumbrar se as ações perfazem as designações da responsabilidade social ou se essas ações possuem uma íntima ligação com

os princípios que norteiam a própria existência da cooperativa. Sendo assim, esse será o próximo passo a ser discutido neste trabalho.

5 RESPONSABILIDADE SOCIAL X OBRIGAÇÕES DA COOPERATIVA: FRONTEIRAS POSSIBILIDADES E LIMITES.

A intenção desta pesquisa é responder a incógnita aberta pela atuação de uma cooperativa no tocante às ações de responsabilidade social. Sendo assim, nesse ponto é necessário elucidar o que sustenta tanto a discussão da responsabilidade social quanto das obrigações da cooperativa.

As discussões sobre responsabilidade social estão longe de se findarem, principalmente no tocante ao seu conceito, uma vez que este abrange desde a qualidade nas relações da empresa com os stakeholders, passando pela cidadania corporativa, até os atos e atitudes que afetam positivamente a comunidade em seu entorno. Apesar da abrangência contida nos diversos e variados conceitos estabelecidos por estudiosos sobre o que é a responsabilidade social, apresentando visões econômicas e sociais, seu foco sempre será o social. Por esse motivo, independente do conceito ter como foco os stakeholders ou a comunidade mais próxima, a responsabilidade social foca a relação que a empresa estabelece com os vários atores que circundam, constituem, estabelecem e limitam suas fronteiras de atuação. Sendo assim, o surgimento da responsabilidade social visa minimizar os impactos negativos decorrentes das atitudes empresariais, assim como contribuir para tornar mínimos os problemas sociais que se agravaram com o nascimento do sistema capitalista.

Da mesma forma que a relação entre a empresa e a comunidade possibilita uma infinidade de conceitos sobre o que é a responsabilidade social, ela permite também, observar as atividades de responsabilidade social por vários pontos de vistas, devido à existência de diversos atores envolvidos, ou seja, o público interno e o externo. Esse foi o percurso realizado anteriormente, com a intenção de observar como os diversos atores que constituem a atitude de responsabilidade social, observam as iniciativas da Cocamar no tocante os programas que constituem o Cocamar Social.

Para tanto, o ponto de discussão da aplicação da responsabilidade social é sua difusão no âmbito empresarial, uma vez que, a adoção da responsabilidade social visa dirimir questionamentos éticos sobre a postura da organização perante seus stakeholders e a comunidade. É essa a visão de Cardoso (2002) ao comentar que a responsabilidade social são

ações que visam atitudes positivas da empresa para com a sociedade, assim como a idéia de Karkotli e Aragão (2004) que vêem essas atitudes positivas como um comportamento ético e responsável da organização em suas dimensões econômicas, sociais e ambientais.

Essa exposição pode colocar as ações de responsabilidade social apenas como ações que partem da organização para o público externo. Observar a responsabilidade social apenas por esse ponto é desconsiderar, primeiramente, a responsabilidade ligada ao público interno, que de uma forma ou de outra contemplam os chamados stakeholders, ou seja, o público interno encontra-se compreendido pela a chamada “partes interessadas”.

Essa discussão sobre a responsabilidade social foi contemplada de acordo com a visão dos entrevistados dessa pesquisa ao comentarem sobre as ações da Cocamar. Foi assim, por exemplo, a visão do Gestor que enfatiza a necessidade da organização em minimizar os problemas sociais da comunidade. Também o Auxiliar de gestor que exalta, nessa relação da empresa com a comunidade, a necessidade da ética. Assim como a assistente social que tem como visão o atendimento do público interno e externo.

[...] a responsabilidade social é justamente atender na medida do possível e dentro das condições que a empresa possui, é tentar minimizar as necessidades que a comunidade carente tem [relato de entrevista –Gestor].

Pra mim, seria exatamente um comportamento ético de participar dos problemas da comunidade [relato de entrevista – Aux. do gestor].

A responsabilidade social se divide em externa e interna – A responsabilidade social interna é voltada para funcionários e familiares. A responsabilidade social externa que é voltada pra comunidade é uma forma de você devolver a comunidade o que ela tem feito [relato de entrevista – Assistente social].

É perceptível que, para os gestores e voluntários, a responsabilidade social encontra-se voltada para o público externo, visando à melhoria da sociedade, participando dos problemas sociais da comunidade, onde a cooperativa se encontra inserida. Portanto, o Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa Cocamar apresenta-se como importante para a comunidade, o que pode ser observado nos seus relatos, estes (gestores e voluntários) reconhecem a importância do projeto, por ser uma fonte geradora de benefícios para a comunidade, referindo-se ao público externo.

Como é possível observar, as discussões e conceitos de responsabilidade social perfazem sem muitos entraves as designações daqueles que estão envolvidos com o processo de execução do projeto. Da mesma forma que, o foco dessa discussão possui uma íntima relação com sua posição enquanto ator deste processo. Isso porque, quando essa posição desloca para os beneficiários das ações de responsabilidade social, apesar de compreender as atribuições contidas nos conceitos de responsabilidade social, o foco será outro. No caso dos funcionários beneficiados pelo Projeto, o que eles entendem por responsabilidade social está ligado, por exemplo, o funcionário beneficiado pelo Centro de Estudos, a responsabilidade social indo além do bem estar daqueles que integram sua estrutura. Também o funcionário beneficiário pelo Programa Cozinha Experimental, que acredita que o projeto além de atender a comunidade deve, antes de tudo, atender o público interno. Assim como, o membro da comunidade beneficiado pelo Programa Centro de Estudos, que vê a responsabilidade como um auxílio que as empresas devem despender para ajudar os mais necessitados.

É cumprir com o bem estar, mesmo das pessoas que não trabalham na cooperativa, ou melhor, não possui o vínculo cooperativista, mas que vive envolta dela [Relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Centro de Estudos].

[...] não é só pra atender a comunidade é bastante voltado para atender os funcionários internos também. O funcionário que às vezes está com dificuldade financeira, com problema de saúde ou algum membro da família, então a Cocamar acaba ajudando, acho muito importante o que a Cocamar vem fazendo [Relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Programa Cozinha Experimental].

Eu acho que responsabilidade social é o apoio dado às pessoas, eu vejo hoje, que se falam muito em melhorar a sociedade, oferecendo ajuda através de apoio de empresas [...] as pessoas mais carentes [Relato de entrevista – Membro da comunidade beneficiário do Centro de Estudos].

Para os entrevistados beneficiários, a responsabilidade social é compreendida pelo comprometimento das organizações perante a sociedade, preocupando-se com o seu desenvolvimento. Este grupo de entrevistados reconhece o comprometimento das empresas com o público externo. Relataram que a responsabilidade é o apoio ou a preocupação pela melhoria da comunidade. Dentre os entrevistados dessa categoria percebe-se também a preocupação com o público interno, fazendo alusão a atenção dispensada pela organização para com seus funcionários.

Essa exposição mostra que a responsabilidade social congrega várias visões e que perpassam, sem muitos problemas, as discussões sobre as ações de responsabilidade social na perspectiva de Melo Neto e Froes (2001, 1999), Karkotli e Aragão (2004), Guimarães (2004b), etc.

Mas essa discussão, apesar de importante, não conduz ao foco central deste trabalho, o que imprime a necessidade de elucidar alguns aspectos evidentes na fala dos entrevistados e que por si só desloca a atuação de uma cooperativa no tocante às ações de responsabilidade social, pois grande parte dos entrevistados discute as ações sobre responsabilidade social em um contexto estritamente empresarial, como é possível evidenciar nas seguintes falas:

Então a Cocamar é uma empresa ética a partir do momento em que ela cumpre com suas obrigações trabalhistas, ela paga seus salários em dia, cumpri com seus benefícios [...] [relato de entrevista – Aux. do gestor].

[...] e os funcionários tem satisfação em trabalhar em uma empresa socialmente responsável [Relato de entrevista – Assistente social].

A responsabilidade social da empresa, não só é ajudar as pessoas carentes, mas fazer com que essas pessoas cresçam profissionalmente. [...] Toda empresa já tem a sua função social, gerar emprego, gerar riqueza para a região e a responsabilidade social é quando ela vai além de gerar emprego e gerar riqueza [Relato de entrevista – Funcionário voluntário].

Eu me sinto muito lisonjeado, realizado, (...) muito tranqüilo no sentido de alto estima, bem realizado no sentido de que a empresa em que a gente trabalha, ou seja, ela pratica isso, ele induz o colaborador a isso, a ação social, então deixa a gente muito realizada [Relato de entrevista – Funcionário voluntário].

Além de ações ambientais a ação social é muito grandiosa porque isso conta muito ponto, digamos assim, para a empresa, para a cooperativa, isso é muito importante com certeza, isso se transforma em um marketing e por ai afora, os efeitos positivos vão se multiplicando [Relato de entrevista – Funcionário voluntário].

Agora dando oportunidade pra você estudar no próprio local da empresa isso lhe favorece muito mais. [relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Centro de Estudos]

Também acho importante, porque é para valorizar a empresa, ver que a empresa está se preocupando com a comunidade, isso é importante. Hoje a Cocamar é a empresa que gera mais empregos dentro da nossa região [Relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Programa Cozinha Experimental].

As pessoas fazem responsabilidade social, mas não visando o lucro, tratando as pessoas como eles devem ser tratadas e assim traz mais retorno à

empresa [Relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Programa Cozinha Experimental].

Eu acho que responsabilidade social é o apoio dado às pessoas, eu vejo hoje, que se falam muito em melhorar a sociedade, oferecendo ajuda através de apoio de empresas [Relato de entrevista – Membro da comunidade beneficiário do Programa Cozinha Experimental]

Já pensou se todas as empresas no porte que a Cocamar tem ou menos, pudesse nos ajudar, como seria melhor, eu posso dizer que são poucas empresas que ajudam e a Cocamar faz um bom trabalho pra nós [Relato de entrevista – Representante da entidade beneficiada pelo Programa Cozinha Experimental]

A fala desses entrevistados mostra que as práticas de responsabilidade social estão intimamente ligadas a um contexto empresarial. Além disso, vale destacar a íntima relação que os entrevistados fazem em ver a cooperativa como uma empresa. No caso do público externo atendido pelo Cocamar Social a visão da cooperativa enquanto uma empresa perfaz o próprio desconhecimento deste público quanto ao movimento, valores e princípios do cooperativismo, apesar de que, em alguns casos, esse público parece estar em maior sintonia com as idéias do cooperativismo do que o próprio público interno, como no caso do entrevistado representante da entidade assistencial beneficiada pelo Programa Voluntariado que ao apresentar sua compreensão sobre ética, mencionou que a empresa ética é uma empresa transparente tanto em valores como em princípios.

Porém, a organização cooperativa é alicerçada nos seus valores e princípios, enquanto a responsabilidade social possui seu alicerce na ética empresarial. Tratando-se de uma sociedade cooperativa, “não uma sociedade mercantil” os valores e princípios deveriam ser observados principalmente pelos gestores da Cooperativa em estudo. Irion (1997) menciona que os valores e princípios constituem a base doutrinária do cooperativismo. Schneider (1999) considera os valores como padrões ou critérios aceitos para se estabelecer o que deve ser considerado desejável para o cooperativismo, quando nos referimos aos padrões e valores aceitos e esperados pela sociedade para com as empresas, estamos nos referindo a ética empresarial, o que foi observado por Veloso (2002) quando concluiu que responsabilidades éticas correspondem a atividades práticas, políticas e comportamentos esperados (no sentido positivo) ou proibidos (no sentido negativo) por membros da sociedade, apesar de não codificados em Leis. Nota-se que os valores cooperativistas estão diretamente relacionados com a ética empresarial e ao mesmo tempo, com a responsabilidade social, se observarmos

pelo ponto de vista do que é esperado pela comunidade. No mesmo relato, o entrevistado representante da entidade assistencial beneficiada pelo Programa Voluntariado, trata a ética empresarial dentro de uma cooperativa voltada para a pessoa humana. Tratando-se de valores do cooperativismo, pode-se inferir neste contexto que os valores que preconizam a solidariedade, a justiça social e a equidade, estão voltados a pessoa humana, no caso, os cooperados e aqueles que participam de uma organização cooperativa.

Uma empresa ética é uma empresa muito transparente, de valores, de princípios e não que a fachada fosse uma transparência, uma realidade e que por traz dela a gente pudesse perceber outras realidades. [...] eu entendo que na ética empresarial principalmente dentro de uma cooperativa, tudo que acontece deve ser pensando na pessoa humana [Relato de entrevista – Representante da entidade beneficiada pelo Programa Voluntariado].

Mas, tratando-se do público interno, essa discrepância, além de ferir um dos princípios do cooperativismo – a educação, que inclui a difusão da filosofia do cooperativismo –, acaba sendo mais intensa, como no caso do gestor do Projeto. Antes de elucidar essa problemática ligada à fala do gestor, essa polêmica abre uma infinidade de discussões que serão elucidadas no decorrer deste capítulo, sendo elas: a relação entre a empresa e a cooperativa; novas formas de gestão de cooperativas e a semelhança com a gestão empresarial, o atendimento aos princípios cooperativos e os investimentos em responsabilidade social e, por fim, a necessidade da cooperativa em continuar sendo uma cooperativa, de acordo com os valores que a constituiu.

Retomando a discussão, na fala do gestor a cooperativa passou a ser mesmo uma empresa e os investimentos em responsabilidade social estão condizentes com postura perante o mercado. Diversos fragmentos da fala do gestor elucidam essas considerações ao evidenciar a responsabilidade social num contexto empresarial, ao mesmo tempo em que desvincula totalmente a necessidade de uma ação social por parte da cooperativa, pois ela deve possuir, nos moldes do mercado atual, atuação compatível como a de uma empresa, como pode ser visto nos relatos seguintes:

A cooperativa foi criada objetivando naturalmente trabalhar em prol dos seus associados, ou seja, buscar resultados para os associados que são seus acionistas, [...] Então o econômico é o objetivo da cooperativa existir [relato de entrevista – Gestor].

Diante disso, a direção da empresa entendeu que era de fundamental importância criarmos uma área que assumisse a responsabilidade pelos desenvolvimentos dos projetos sociais que a cooperativa entende que são importantes para a comunidade na qual ela está inserida [relato de entrevista – Gestor].

O motivo mais importante de termos desenvolvido e implantado esse projeto de responsabilidade social é justamente atender na medida do possível e dentro das condições que a empresa possui, é tentar minimizar as necessidades que a comunidade carente tem. [...] E nós, como empresa, como organização, nos sentimos na obrigação de dia após dia, nos conscientizarmos de que nós temos responsabilidades sim... [relato de entrevista – Gestor].

A gente tem inclusive, o nome da empresa elevado na nossa região, de que nós somos uma empresa, que estamos preocupados, que nós procuramos melhorar as condições da comunidade [relato de entrevista – Gestor].

Esses são apenas alguns fragmentos da fala do gestor referente ao projeto de responsabilidade social da Cocamar. Dentro desses fragmentos, vale elucidar alguns pontos. Primeiro que todos os princípios que guiam o nascimento do cooperativo se desvanecem durante a fala do gestor e também dos outros entrevistados que possuem uma ligação direta com a cooperativa, seja no processo de gestão do Projeto, sejam os funcionários beneficiados pelos programas. Assim, na concepção do gestor o objetivo da cooperativa é o econômico, apesar de, nos últimos anos ela [a cooperativa] ter se conscientizado com o seu lado social e passou a investir no projeto de responsabilidade social. Pelas discussões que foram evidenciadas sobre o cooperativismo, o objetivo da cooperativa sempre foi o econômico, pois a cooperativa nasce num contexto de exclusão social ocasionados pelo desenvolvimento do sistema econômico. Apesar de sua intenção ser a inclusão social no mercado, os próprios pressupostos de nascimento do cooperativismo é em si o social, pois procura atender as necessidades de um grupo de pessoas que, individualmente, não conseguiriam obter tal poder de ingresso no mercado. Portanto, acredita-se que o objetivo maior da cooperativa é em si o social e não o econômico, ou seja, os fins da cooperativa são o de atender ao social através do meio que é o econômico.

Vale ressaltar que as sociedades cooperativas e as sociedades mercantis possuem características próprias que se tornam diferentes, apesar do contexto de mercado atual, deve-se lembrar aqui, alguns pontos que tornam diferentes essas duas sociedades. Veiga e Fonseca (2001) apresentaram dentre várias diferenças, algumas que se tornam mais relevantes para essa pesquisa, dentre elas, estes autores mencionaram que em uma sociedade cooperativa a gestão funciona democraticamente e em uma sociedade mercantil hierarquicamente. Em uma

cooperativa o objetivo principal é a prestação de serviços a seus associados, enquanto que, em uma sociedade mercantil o objetivo principal é o lucro. Pode-se deduzir que a diferença mais significativa encontra-se no compromisso, pois, para Veiga e Fonseca (2001), o compromisso de uma sociedade cooperativa é educativo, social e econômico, de outra forma, o compromisso de uma organização mercantil é puramente econômico.

A visão do gestor do Projeto de Responsabilidade Social da Cooperativa a cerca do compromisso da sociedade cooperativa, não é condizente com as palavras de Veiga e Fonseca (2001). O gestor apresenta, mais uma vez, uma visão capitalista, de gestor de empresa mercantil, o que pode ser observado no seu relato:

O motivo mais importante de termos desenvolvido e implantado esse projeto de responsabilidade social é justamente atender na medida do possível e dentro das condições que a empresa possui, é tentar minimizar as necessidades que a comunidade carente tem. Então, se a gente pensar esse é o papel da cooperativa, eu digo que não é esse o papel da cooperativa, o papel principal da cooperativa, é o seu lado econômico, mas sem deixar de considerar o lado social que é importante. E nós, como empresa, como organização, nos sentimos na obrigação de dia após dia, nos conscientizarmos de que nós temos responsabilidades sim... [relato de entrevista – Gestor].

A visão do gestor pode ajudar a elucidar nossa incógnita sobre atuação de uma cooperativa no tocante às ações de responsabilidade social. Todo referencial sobre responsabilidade social, pesquisado, fundamenta o incremento da responsabilidade social para com sociedades não cooperativas. O desenvolvimento de um projeto de responsabilidade social em uma cooperativa pode estar intimamente relacionado com a visão da gestão da própria cooperativa, por compreender a sociedade cooperativa com compromissos idênticos ou próximos a uma organização mercantil, lembrando que Veiga e Fonseca (2001) compreende o compromisso de uma sociedade cooperativa como sendo o educativo, o social e o econômico.

Analisando o contexto capitalista, pode-se observar que alguns relatos não se apresentam condizentes com a atuação de uma cooperativa [mesmo que esta esteja voltada ao mercado] por apresentar um fator econômico muito forte, principalmente para uma organização que busca atuar com responsabilidade social.

A gente tem tido inclusive o nome da empresa elevado na nossa região de que nós somos uma empresa, que estamos preocupados, que nós procuramos melhorar as condições da comunidade [relato de entrevista – Gestor].

É muito importe porque isso acaba influenciando o seu nome, acaba elevando o seu nome, economicamente também falando, não posso separar as coisas. O fato da Cocamar praticar algumas ações sociais já tem elevado seu nome. A marca Cocamar é lembrada também: “A Cocamar pratica ação social” [relato de entrevista – Auxiliar do Gestor].

Além da visão de empresa apresentada, e das designações da responsabilidade social voltadas ao público interno e a comunidade, a responsabilidade social, também esteve assentada, em meados da década de 1950 as obrigações dos homens de negócios nas ações e atitudes realizadas no contexto organizacional que deveriam ser compatíveis com os fins e valores da sociedade (BOWEN, 1957). Porém, essa discussão se estende até os dias atuais, compreendendo a responsabilidade social ligada à idéia das obrigações legais de uma organização (OLIVEIRA, 2002a), assim como, a discussão da responsabilidade social como sendo a geração de lucros para os acionistas (FRIEDMAN, 1984), este é um ponto importante, pois os objetivos das organizações empresariais sempre estiveram voltados para os lucros. Na concepção de Friedman (1984) se as organizações conseguissem atingir esse objetivo, elas atenderiam a uma questão social, tratando-se da geração de empregos e da contribuição tributária ao Estado.

Por outro lado, esse objetivo econômico das empresas possibilita o aparecimento de atitudes oportunistas no mercado, pois as organizações poderiam adotar atitudes negativas ao buscarem o lucro como forma única de atuação no mercado. Nessa discussão a questão social fica a margem desse processo e a responsabilidade social emerge não mais como uma postura apenas de geração de lucros para os acionistas, mas como uma postura ética que visa evitar atitudes oportunistas e contribuir para dirimir os impactos negativos oriundos do sistema capitalista. Essa discussão visa mostrar que apesar dos vários conceitos e discussões em torno do que é a responsabilidade social, o imperativo que sempre esteve presente e é necessário elucidar nesse momento, é que sua exposição sempre esteve atrelada ao contexto empresarial.

Aqui basicamente é que entra o grande tema dessa pesquisa ao verificar essas atitudes referentes à responsabilidade social no contexto cooperativista. Isso porque o contexto básico em que se assenta o nascimento de uma cooperativa é em si um contexto social. Pois o

objetivo da cooperativa é superar dificuldades de um grupo de pessoas, abertas pelo desenvolvimento do sistema capitalista, através da inclusão deste grupo no mercado. Sendo assim, a cooperativa visa suprir um problema social através de uma atitude econômica, devido ser este último o foco principal das economias capitalistas.

Nessa conjuntura, o problema maior que sustenta a discussão do cooperativismo nos dias atuais é como essas cooperativas vão sobreviver nesse mercado competitivo tendo como foco uma atuação social. Essa discussão é realizada por Santos (2000) ao evidenciar que as cooperativas devem adotar posturas e estratégias compatíveis com as empresas que atuam no mesmo ramo em que estão inseridas, pois a sobrevivência da cooperativa é o principal fator para se atingir seu objetivo social. Sendo assim, Santos (2000) comenta que as cooperativas necessitam adotar uma postura flexível que permitam concorrer no mercado ao mesmo tempo em que devem manter e conservar seus princípios e valores.

Contudo, Bernardo-Rocha (1999) mencionou que os princípios foram se modificando no tempo em função da evolução do mercado, tornando a cooperativa mais competitiva. Esta evolução pode representar a flexibilidade comentada por Santos (2000), mas é importante se enfatizar neste momento o que Irion (1997) apresentou, comentando que os princípios cooperativistas não são dogmas e conseqüentemente são mutáveis, e que a doutrina cooperativista necessita de criatividade e de adaptação ao longo do tempo e espaço, pois em cada época e em cada região as economias e as necessidades sociais são peculiares. Portanto, cabe ao cooperado flexibilizar as cooperativas, novas formas de se competir no mercado.

Nesse sentido, Barroso (2003) infere que a responsabilidade social pode ser uma resposta moderna aos atuais problemas sociais, não substituindo o movimento cooperativista, mas apresentando uma nova abordagem. Porém, não podemos esquecer as palavras de Schneider (1999) referindo-se aos valores, como sendo, padrões ou critérios para se estabelecer o que deve ser considerado desejável para o cooperativismo. Nota-se, que se trata do que é desejável, implicando no fortalecimento do próprio cooperativismo. Esta preocupação com o cooperativismo se apresenta nas palavras de Santos (2000), mesmo reconhecendo a necessidade da flexibilidade para concorrer no mercado, realça o compromisso de se conservar os princípios e valores. Subentende-se que, os princípios e valores cooperativistas

encontram-se acima de qualquer estratégia adotada pelas cooperativas ao competir nesse mercado globalizado.

Essas considerações de Santos (2000) têm grandes implicações para a discussão da responsabilidade social no contexto cooperativista, pois os princípios que assentam o nascimento do cooperativismo possuem uma íntima ligação, com as discussões em torno da responsabilidade social. Portanto, nos relatos seguintes, buscar-se-á uma relação entre a responsabilidade social e os princípios cooperativos, de forma que possamos concatenar as percepções dos entrevistados e envolver as implicações que possam resultar na compreensão do objetivo dessa pesquisa.

Então, eu acho isso, acho que o cooperativismo por si só propicia para a comunidade como um todo alternativas viáveis para o crescimento econômico, social e cuidado com o meio ambiente. [relato de entrevista – Gestor]

Na realidade ser cooperativa já é responsabilidade, um grupo que se reuni para desenvolver suas atividades em conjunto. [...] Então a Responsabilidade Social veio bem a calhar porque a gente faz as ações pensando no desenvolvimento do ser humano, na melhoria da qualidade de vida [relato de entrevista – Auxiliar do gestor]

A cooperativa já possui uma função social diferente das outras empresas, porque já visa os pequenos produtores e visa agregar valor a estes produtores. [...] Então, o cooperativismo e a responsabilidade social estão totalmente interligados um com o outro. [Relato de entrevista – Funcionário voluntário].

A gente tem informações sobre os princípios cooperativos. Um tem algo haver um com o outro, as ações paralelamente tem o mesmo fundamento, tem o mesmo sentido [relato de entrevista – Funcionário Voluntário]

Eu não acho que é pra cumprir a sua função social, eu acho que mais é pra que ela permaneça como cooperativa. E com intuito de ser uma cooperativa, ela busca um fortalecimento tanto do conhecimento dos cooperados como o dos funcionários, para que ela possa ter um fortalecimento de cultura. [relato de entrevista – beneficiário do Programas CEs]

É bastante junto tudo isso, não dá pra você separar, porque tantas ações de responsabilidade social também se preocupam com isso [relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Programa Cozinha Experimental].

É compreensível que os entrevistados percebem as ações de responsabilidade social em uma cooperativa como sendo próximas ou semelhantes à observância dos princípios cooperativos.

Esta percepção pode ser compreendida ao se analisar os princípios cooperativos e a responsabilidade social sob o ponto de vista desses entrevistados, visto que, dentre os programas contemplados encontram-se o Centro de Estudos e a Cozinha Experimental. Observou-se anteriormente, que dentre os princípios cooperativos encontra-se o princípio que prerroga que as cooperativas devem proporcionar educação e treinamento para os seus associados, dirigentes eleitos, administradores e funcionários, de modo a contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento. E o princípio da preocupação com a comunidade, uma vez que as cooperativas devem trabalhar pelo desenvolvimento sustentado de suas comunidades. Portanto, os princípios cooperativos direcionam as ações das organizações cooperativas, de tal forma que as cooperativas, além de suas particularidades de entreaajuda, possuem um compromisso com a comunidade, melhoram a qualidade de vida, e atuam como agentes de mudança humana, econômica e social.

O Centro de Estudos da Cocamar iniciou suas atividades em 1990, desde então procurou atender os cooperados, funcionários, familiares e membros da comunidade local, encontrando-se em conformidade com o princípio da educação treinamento e formação. No entanto, o CE foi incorporado em 2002 ao Projeto de Responsabilidade Social da Cocamar. Os motivos que levaram a cooperativa transferir o Centro de Estudos para compor Projeto de Responsabilidade Social, não ficaram evidentes nessa pesquisa, uma vez que, não foi possível o acesso às atas de assembléias que decidiram pela criação do Projeto. Mas, é importante uma reflexão sobre os resultados que isso pode ter ocasionado.

Ao transferir o CE para o Projeto de Responsabilidade Social, a Cocamar se distância dos seus princípios, e a comunidade interna e externa, passam a perceber que a Cooperativa investe em responsabilidade social e que o Projeto comporta um programa educacional, o CE. Porém, a obrigação da cooperativa em investir na educação de seus cooperados, funcionários e familiares, fica em um segundo plano, pois o mais importante nesse momento é divulgar o Projeto de Responsabilidade Social e não a filosofia cooperativista, como prevista no princípio da educação e apresentada como obrigatória por Irion (1997).

No entanto, a responsabilidade social também envolve a educação e o desenvolvimento da sociedade, Lima (2002) compreende os investimentos para com a comunidade através de políticas adotadas pelas empresas, em investimentos na área da educação. Cardoso (2002)

afirma que as organizações assumem obrigações que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável dos povos, e que a responsabilidade social é compreendida pelas ações que colaboraram para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. O que pode ser observado por Guimarães (2004b), quando ressalta que a atuação das empresas com responsabilidade social implicam na busca de soluções para os problemas sociais e o empenho das empresas na melhoria da qualidade de vida. Ventura (2003) e Tomei (1984) também se referem aos investimentos das organizações em prol da melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em sociedade. Melo Neto e Froes (1999) entendem que o exercício da responsabilidade social interna, como a execução de programas que beneficiam os funcionários e seus dependentes e a responsabilidade social externa referem-se ao desenvolvimento de ações sociais empresariais que beneficiam a comunidade.

Contudo, é compreensível a semelhança das discussões sobre responsabilidade social e os estudos que envolvem os princípios cooperativistas, justificando as semelhanças nos relatos dos entrevistados, quando abordam esses temas. No entanto, é prescindível lembrar as palavras de Santos (2000) quando advertiu que as cooperativas têm que observar seus princípios e valores. Tratando-se de uma organização cooperativa os princípios deveriam ser ressaltados e melhor compreendidos pelos funcionários e gestores da cooperativa.

Além das particularidades de entreatajuda, os princípios cooperativos apresentam um compromisso da cooperativa para com a comunidade, onde se coloca em primeiro plano a condição humana e social. Portanto, o princípio da educação, treinamento e formação e o princípio da preocupação com a comunidade podem representar uma parte significativa da função social da cooperativa. Nesse sentido, alguns entrevistados apresentaram sua percepção sobre esse assunto, considerando a função social de uma cooperativa.

Acho que o cooperativismo por si só propicia para a comunidade como um todo alternativas viáveis para o crescimento econômico social e cuidados com o meio ambiente. [relato de entrevista – Gestor].

A função social da cooperativa está estabelecida nos sete princípios, todos relacionados com a promoção integral do ser humano, o cooperativismo deixa bem claro a sua vertente social. As ações de responsabilidade social não são esporádicas e não têm como objetivo fazer marketing. [Relato de entrevista – Assistente social].

A cooperativa já possui uma função social diferente das outras empresas, [...] O cooperativismo visa também à sociedade, isso é um diferencial para o cooperativismo e, além disso, ele trabalha muito o lado social das pessoas.

[...] Então, o cooperativismo e a responsabilidade social estão totalmente interligados um com o outro. [relato de entrevista – Funcionário Voluntário].

A cooperativa está cumprindo o princípio de apoio a comunidade e fazendo além do que ela deveria fazer, porque a Cocamar não está preocupada somente com o social, se preocupa com o ambiental, o social e o ambiental estão muito juntos [relato de entrevista – Funcionário beneficiário do Programa Cozinha Experimental].

Todos esses entrevistados reconhecem a função social da cooperativa. Mas, observando este último, percebe-se a questão ambiental como se esta fosse um diferencial. O entrevistado relatou que a cooperativa está indo além do cumprimento dos princípios, porque se preocupa com o ambiental também, talvez tentando justificar a responsabilidade social em uma cooperativa. A questão ambiental não se encontra no foco dessa pesquisa, mas é importante lembrar as palavras de Mello Neto e Froes (2002) que apresentou como parte integrante do desenvolvimento sustentável, três dimensões: a social, a econômica e a dimensão ambiental. Portanto, o último princípio cooperativista prerroga a questão do desenvolvimento sustentável das comunidades. Sendo assim, compreende-se, que a questão ambiental encontra-se inserida neste princípio, porém, nota-se que o entrevistado não possui conhecimento aprofundado sobre os princípios cooperativos.

Vários conceitos sobre responsabilidade social foram apresentados nesse trabalho, e também, procurou-se apresentar uma discussão teórica a cerca da questão dos valores e dos princípios cooperativistas, como forma de se elucidar a questão que norteia esta pesquisa.

Portanto, mesmo que os cooperados e gestores das cooperativas compreendam que as organizações cooperativas necessitam de flexibilidade para concorrer no mercado, utilizando estratégias de organizações mercantis, não podem deixar de observar os valores e princípios cooperativistas, ao invés de se utilizar técnicas de gestão capitalista que não contribuem para o fortalecimento do movimento cooperativista.

A responsabilidade social cabe em um contexto empresarial, uma vez que, proporciona uma visão empresarial e não cooperativista, acarretando em um desconhecimento deste tipo de organização social, principalmente com relação a disseminação dos princípios e valores do cooperativismo, como pode ser observado nos relatos dos funcionários contemplados nessa

pesquisa. Isso porque, o conhecimento sobre o projeto de responsabilidade social que os funcionários possuem, transcendem em muito seus conhecimentos sobre o movimento cooperativista, o que dificultam observar que tais práticas podem ou devem estar condizentes com seus valores e princípios. Portanto, é evidente o desconhecimento da abrangência dos princípios e a influência dos valores, compreendendo o que deve ser considerado como desejável, até pelo próprio movimento cooperativista.

Existe uma discrepância entre a compreensão do que é responsabilidade social de uma organização e do que deve ser compreendido por obrigações cooperativistas, no sentido de se atender aos princípios, onde as cooperativas assumem um compromisso social perante o público interno e externo. Desta forma, essa discrepância (do entendimento) acaba por ferir os princípios, primeiro porque não se difunde a filosofia do cooperativismo (princípio da educação, treinamento e formação) e segundo porque o princípio da cooperação entre as cooperativas prerroga que elas, além da ajuda mútua, devem fortalecer o movimento cooperativo.

Porém, uma forma de fortalecer o movimento cooperativista, encontra-se em se difundir os valores e princípios, apresentando a comunidade (cooperativa ou não) o que o cooperativismo pode representar como movimento e organização social. Sendo assim, a observância dos princípios e valores transcende qualquer estratégia adotada pelas cooperativas para competir no mercado globalizado.

Investir em educação ou criar projetos sociais que proporcione melhoria na qualidade de vida dos indivíduos é uma obrigação de qualquer organização cooperativa, a partir do momento em que ela se fortalece e que tenha condições de cumpri-los. Vale ressaltar o que Barroso (2003) apresentou, quando mencionou que a responsabilidade social pode ser uma resposta moderna aos atuais problemas sociais, não substituindo o movimento cooperativista, mas apresentando uma nova abordagem. Compreende-se que esta nova abordagem cabe as organizações empresariais, uma vez que possuem um papel social relevante, mas não obrigatório, quando se trata da responsabilidade social. Sendo que, para as cooperativas esse papel é considerado obrigatório, porque as cooperativas devem observar e se comportar de acordo com o que é estabelecido pela Aliança Internacional Cooperativista – ACI. Portanto, o movimento

cooperativista não necessita de uma nova abordagem, basta se cumprir com seus princípios e atentar seus valores.

Entretanto, os princípios cooperativos são flexíveis justamente para a organização cooperativa se adaptar ao meio social e a capacidade destas em servirem às comunidades locais, não implicando na substituição das obrigações estabelecidas por estratégias empresariais que passam a ocultar as ações sociais que o cooperativismo possui e desenvolve há mais de um século e meio. Ressalva-se aqui, que a adaptação dos princípios durante todos esses anos resultou na criação do princípio da preocupação com a comunidade e não na introdução da responsabilidade social para as cooperativas, pois elas já realizam esse processo desde quando foram constituídas.

Sendo assim, se o objetivo de inclusão do termo responsabilidade social (porque as ações e práticas em muitos casos as cooperativas já realizam) no contexto cooperativista foi em si uma questão de concorrência – que não se restringe a esse fator – as cooperativas estão no caminho contrário. Isso porque, ao invés de se adequarem aos “imperativos” do contexto empresarial, elas deveriam mostrar que, antes mesmo de surgir tais práticas de responsabilidade social, há muito sua preocupação e suas ações estão em sintonia com esses pressupostos, o que poderia aumentar ainda mais a confiança e credibilidade das partes interessadas.

Essas considerações mostram que apesar da ênfase dos princípios se concentrarem no contexto mais social do que econômico, as mudanças ocorridas na sociedade possibilitam utilizar seus princípios sociais para atingir objetivos econômicos que, não obstante, devido ao aparecimento das cooperativas num contexto capitalista, o meio para os objetivos sociais sempre foi o econômico. Isso não quer dizer que as cooperativas devam se concentrar em seus princípios e valores e abandonar outras perspectivas que iriam contribuir para sua sustentação no mercado, mas de que as cooperativas – e isso já havia sido discutido – além de procurar maneiras eficientes de concorrência de mercado, pois elas não iriam atingir seus objetivos se não fossem eficientes, deveriam utilizar tais princípios para se fortalecerem e não os abandonarem, como foi observado no caso aqui exposto.

Após as análises aqui expostas, chega-se ao fim de mais um percurso, e a partir desse momento esta pesquisa ingressa nas considerações finais, como forma de se vislumbrar se as ações que perfazem as designações da responsabilidade social dentro de organizações cooperativas são consideradas ações de responsabilidade social ou se configuram como ações da própria cooperativa, atendendo ao cumprimento de seus princípios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito desse trabalho, procurou-se, através da análise do discurso, compreender as práticas de responsabilidade social realizadas pela Cocamar, na visão dos atores que estão envolvidos nela, como forma de compreender os significados e a produção de sentidos. Neste sentido, mais do que um trabalho descritivo esse é um trabalho reflexivo, pois, se buscou verificar, na visão dos atores envolvidos no Projeto, que pressupostos guiam e produzem sentido no discurso sobre a Responsabilidade social, além de procurar estabelecer uma relação entre esse discurso e os princípios que guiam as discussões sobre o cooperativismo.

O sentido expresso nos discursos que sustentam tanto a temática da responsabilidade social quanto do cooperativismo foi detectado, inicialmente, durante o percurso teórico. Assim, constatou-se que a Responsabilidade Social está intimamente ligada a um contexto empresarial, onde tais práticas são utilizadas pelas empresas para dirimir os problemas sociais e os questionamentos quanto a sua postura predominantemente econômica. Já no contexto cooperativista as ações, além de se sustentarem através do econômico, visam em si o social. Em ambas as discussões aparecem à preocupação tanto com o público interno (funcionários, cooperados, etc.) quanto com o público externo (sociedade, cooperativas, etc.). Essa discussão coloca os princípios cooperativistas no mesmo patamar de investimento em Responsabilidade social, que abriu para a necessidade de conduzir uma pesquisa e observar como estas relações são estabelecidas no contexto de uma cooperativa que investe em tais práticas.

Analisando os dados e informações coletadas nesta pesquisa e os confrontando com a teoria pertinente sobre a responsabilidade social e o cooperativismo, descobriu-se que, quando as cooperativas implementam um projeto de responsabilidade social, a cooperativa cria condições para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em sociedade. No entanto, ao implementarem projetos de responsabilidade social, as organizações cooperativas deixam de fortalecer o cooperativismo por considerar em mais importante as práticas que são utilizadas, em grande parte, pelas empresas capitalistas. Isso ficou expresso na própria fala dos atores entrevistados, que ao mencionarem sobre as ações de Responsabilidade Social da Cocamar, descrevem a cooperativa como uma empresa.

As diferenças entre uma empresa capitalista e uma cooperativa, como visto no percurso teórico, são significativas e não permitem, apesar de as cooperativas terem que sobreviver no mercado, que tais analogias sejam realizadas, pois senão elas não deveriam ser uma e outra. Essa discussão se aprofunda ainda mais, quando se observa a visão daqueles que estão relacionados diretamente à estrutura interna da cooperativa que, em alguns casos, deturpam essa diferença mais do que aqueles não vinculados a ela. Neste contexto, a cooperativa acaba por ferir um de seus princípios que é o da educação, treinamento e formação, que busca através dos investimentos em educação melhorar a qualidade de vida dos cooperados, funcionários e familiares, e que visa também, além de outras prerrogativas, a difusão da filosofia cooperativista para aqueles integrados a sua estrutura. A cooperativa feriu também, o princípio da preocupação com a comunidade onde se estabelece que as cooperativas devem se preocupar com a comunidade onde se insere, trabalhando para o desenvolvimento sustentado das comunidades, e conseqüentemente, melhorando a qualidade de vida dos indivíduos em sociedade. Apesar das cooperativas poderem adotar estratégias compatíveis com as empresas capitalistas, que as possibilitem concorrer no mercado, devem ao mesmo tempo manter e conservar seus princípios e valores.

Além dessas considerações, foi possível constatar que a cooperativa, ao realizar investimentos em Responsabilidade Social, acaba atendendo parte de sua função social, onde tais práticas já devem coexistir de forma enredada em sua natureza, mas abandona radicalmente o fortalecimento do movimento cooperativista, pois exclui totalmente as possibilidades de que as cooperativas há anos realizam esse papel social. Como exemplo, ao incorporar o CEs, um programa educacional que a Cooperativa desenvolve desde 1990 ao Projeto de Responsabilidade Social, ocorre um distanciamento da Cooperativa para com o princípio da educação, treinamento e formação. Essa atitude feriu, fortemente o quinto princípio do cooperativismo, pois não ocorre a difusão da filosofia cooperativista e nem muito menos se procura fortalecer esse movimento, mas a Cocamar acaba indo além da sua natureza cooperativa, adotando uma postura empresarial. Algumas vezes essa diferença é muito tênue, o que causou algumas ambigüidades na fala dos atores entrevistados.

Com o propósito de se ampliar o alcance desse estudo, algumas considerações são apresentadas logo a seguir, envolvendo implicações teóricas, limitações da pesquisa e sugestões de pesquisas vinculadas à temática aqui abordada:

Implicações teóricas:

As situações observadas no estudo que subsidiou esta pesquisa, sugerem que projetos de responsabilidade social deveriam ser peculiares às empresas capitalistas, não sendo condizentes as organizações cooperativas, uma vez que, estas possuem valores e princípios que as conduzem obrigatoriamente a adoção de práticas de ações sociais, tanto para o público interno quanto para a comunidade onde se insere, em busca do desenvolvimento sustentado da sociedade. Sendo assim, este estudo extrai algumas proposições:

- a) Projetos de responsabilidade social não são inerentes às organizações cooperativas - porque acabam ferindo os princípios cooperativos, uma vez que, quando uma organização cooperativa investe em projetos considerados de responsabilidade social, deixa de divulgar as ações sociais que desenvolvem e assim, não fortalecem o cooperativismo.
- b) As organizações cooperativas, ao implantarem projetos de responsabilidade social como forma de competir no mercado enfraquecem o cumprimento dos princípios.
- c) A responsabilidade social quando desenvolvida por cooperativas, voltadas para o público externo, não pode ser mais importante que o cumprimento dos princípios cooperativos.

Limitações

Em que pesem as observações acima realizadas, é importante apontar que as situações investigadas nesse estudo não envolvem a gestão da cooperativa como um todo, sendo considerado apenas, a gestão do projeto de responsabilidade social, e sua relação com os princípios e valores cooperativistas. Esse fator foi considerado limitante, uma vez que não se considerou a compreensão dos atores que não se envolvem com o projeto de responsabilidade social e sua compreensão acerca das obrigações da cooperativa.

Sugestões

Futuros estudos poderiam complementar essa pesquisa, investigando, por exemplo:

- a) Se os princípios estão sendo observados fora do contexto de responsabilidade social;
- b) Qual o comprometimento das cooperativas com educação, quando ações educacionais não são contempladas por projetos de responsabilidade social;
- c) Em que medida, cooperativas que investem em responsabilidade social têm comprometido investimentos destinados à implementação de princípios cooperativos;
- d) Quais seriam as implicações nos resultados, se a organização cooperativa divulgasse as suas ações sociais como observância de seus princípios e não de responsabilidade social e o que isso afetaria no desempenho de seus projetos sociais.

Referências:

- ALENCAR, Edgard. **Método de pesquisa nas organizações**. UFLA/FAEPE: Lavras, 2000.
- ALIGLERI, Lílian Mara. **Responsabilidade Social e Cultura organizacional: o Caso da Ford Brasil**, 2002, 126 f. Dissertação (mestrado em administração) – Universidade Estadual de Maringá.
- ALIGLERI, Lílian; ALIGLERI, et all. A Responsabilidade Social na Gerência de Produção: percepções, políticas e perspectivas na indústria de alimentos da região de Londrina. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.
- ALIGLERI, Lílian Mara & BORINELLI, Benilson. Responsabilidade Social nas Grandes Empresas da Região de Londrina - In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 25, 2001, Campinas SP, **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2001, CD-ROM.
- ALIGLERI, Lílian Mara & PREVIDELLI, José de Jesus. A responsabilidade social na pequena empresa como alternativa de gestão empresarial. In: II EGEPE - ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, **Anais...** Londrina: UEM/UDEL, 2001, p.765-777.
- ALVES, Elvisney Aparecido. Dimensões da responsabilidade social da empresa: Uma abordagem desenvolvida a partir da visão de Bowen. **Revista de Administração** – Revista da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de São Paulo, São Paulo, v. 38 n.1, p. 37-45, jan./fev./mar.2003.
- ASHLEY, Patrícia Almeida, COUTINHO Renata Buarque Goulart & TOMEI, Patrícia Amélia. Responsabilidade social corporativa e cidadania empresarial: uma análise conceitual comparativa. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 24, 2000, Foz do Iguaçu. **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2000, CD-ROM.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Persona, 1977.
- BARROSO, Marcelo Francini. Marketing social em cooperativas agrícolas. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades**, v. II. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ethos, 2003.
- BAUER, Martin W. e GASTELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. trad. GUERESCHI, Pedrinho A. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BERNARDO, Denise Carneiro dos Reis, et all. Responsabilidade Social Empresarial: uma análise dos Balanços Sociais das Sociedades Anônimas de Capital Aberto. . In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 2005, Brasília/DF **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2005. CD-ROM.

BERNARDO-ROCHA, Eliza E. R. **Cooperativismo agrícola em transição: dilemas e perspectivas.** 1999, 226f. Tese de Doutorado (Instituto de Economia) – UNICAMP.

BORGES, Guilherme Romam. **Princípios cooperativistas na lei e no estatuto.** In: os caminhos do cooperativismo. Gediél, José Antônio Peres (org).. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BOWEN, Howard R. **Responsabilidades sociais do homem de negócios.** Trad. Octavio Alves Velho. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira S. A., 1957.

CAMPANHOL, Edna Maria e BRENDA, Francisco de Assis. **Responsabilidade Social: Entre o Assistencialismo e a Moderna Gestão Corporativa.** In ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 2005, Brasília/DF **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2005. CD-ROM

CARDOSO, Alexandre J. G. A responsabilidade social nos negócios: um conceito em construção. In: ASHLEY, Patrícia Almeida (org). **Ética e responsabilidade social nos negócios.** São Paulo: Saraiva, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

COCAMAR: **Uma história em quatro décadas.** RECCO, Rogério (Org). Maringá: Cocamar, 2003.

CRÚZIO, Helnon de Oliveira. **Como organizar e administrar uma cooperativa: uma alternativa para o desemprego.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

CURADO, Isabela Baleeiro. Responsabilidade legal, responsabilidade social e compromisso social: uma questão de autoridade? In ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.

DALPASQUALE, Dejandir. Bandeira de Paz. **Revista de Agronegócios da FGV.** V. 21, N 2, fev/2001.

DAINEZE, Marina do Amaral. Códigos de Ética Empresarial e as Relações da Organização com seus Públicos. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades.** v III. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ethos, 2004.

DAVID, Afonso Rodrigo de e OTT, Ernani. Balanço social: uma análise das informações evidenciadas pelas empresas. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz e GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** MINAYO, Maria C. de Souza (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Márcia Regina e PASSADOR, Claudia Souza. Apontamentos Sobre Ação Social nas Médias e Grandes Empresas de Maringá: Responsabilidade Social? In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, set 2002. CD-ROM

FLEURY, Maria Tereza Leme. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Global, 1983.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liderança**. CARLI, Luciana (trad). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GARAY, Angela Beatriz Scheffer e FOSSA, Maria Ivete Trevisan. Formação de Parcerias, Trabalho Voluntário e o Desenvolvimento de um Processo De Aprendizagem e Transformação Social: Relato de um Caso – In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25, 2001, Campinas, **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD. CD-ROM.

GODOI, Christiane Kleiübing. Análise do discurso na perspectiva da interpretação social dos discursos: uma possibilidade aberta aos estudos organizacionais. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional** – Gestão.org. Vol. 3, N. 2, pág. 90-105. Mai/Jun 2005.

GUIMARÃES, Daniela Cristina. A Responsabilidade Social Empresarial e a Precarização da Qualidade de Vida no Trabalho de uma Empresa de *Call Center*. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba. **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD, Set 2004 b. CD-ROM. (b)

GONÇALVES, Ernesto Lima. Responsabilidade social da empresa. **Revista de administração de empresas**. Rio de Janeiro, nº 24, p. 226-240, out/dez.1984.

GUIMARÃES, Heloisa W. Mendes. Responsabilidade social da empresa: uma visão histórica de sua problemática. **Revista de administração de empresas**. Rio de Janeiro, nº 24, p. 211-219, out/dez.1984.

GRAJEW, Oded. Responsabilidade social empresarial. In: PINSKY, Jaime (org.) **Práticas de cidadania**. São Paulo: Contexto, 2004.

HEINSKI, Rosângela Maria Mendonça Soares. Um Estudo sobre a Inclusão da Pessoa Portadora de Deficiência no Mercado de Trabalho. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba. **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD, Set 2004. CD-ROM

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. Disponível em <http://www.ethos.org.br>. Acesso em: 02/abr/2005.

IRION, João Eduardo Oliveira. **Cooperativismo e economia social**. São Paulo: STS, 1997.

JOBIM, Cynthia Maria Cirillo. Ética e atendimento aos clientes: Uma análise das empresas brasileiras. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.

JARDIM JÚNIOR, José Fernandes. Cooperativismo e agronegócio: quatro décadas de cooperativismo – O Caso Cocamar. In: **Agronegócio Cooperativo: reestruturação e estratégias**. BRAGA, Marcelo José & REIS, Brício dos Santos (Org). Viçosa, MG: UFV, DER, 2002.

JUNQUEIRA, Luciano Antonio Prates & TREZ, Alberto Paschoal .O Capital Social e a Sobrevivência das Cooperativas de Trabalho. In ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba PR. **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD, Set 2004. CD-ROM.

JUNQUEIRA, Luciano A. Prates. Gestão das políticas sociais e o terceiro setor. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25, 2001, Campinas, **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD. CD-ROM.

KARKOTLI, Gilson e ARAGÃO, Sueli Duarte. **Responsabilidade social: uma contribuição à gestão transformadora das organizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

KREITLON, Maria Priscilla. **A Ética nas Relações entre Empresas e Sociedade: Fundamentos Teóricos da Responsabilidade Social Empresarial**. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba. **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD, Set 2004. CD-ROM.

LIMA, Marirone Carvalho. A Responsabilidade social empresarial: apoio das empresas privadas brasileiras á comunidade e os desafios da parceria entre elas e o terceiro setor. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades**. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ethos, 2002.

LINS, Francisco Almeida. Voluntariado e mudança social. In: PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA, Luciano Prates (orgs.). **Voluntariado e a gestão de políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002.

MACHADO, Adriana Leite Costa Silva & LAGE, Allene Carvalho. Responsabilidade Social: Uma Abordagem para o Desenvolvimento Social. O caso da CVRD. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 26, 2002, Salvador **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD, 2002, CD-ROM.

MACHADO FILHO, Cláudio A P. & ZYLBERSZTAJN, Décio. A empresa socialmente responsável: O debate e as implicações. **Revista de administração** – Revista da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de São Paulo, São Paulo, v. 39 n.3, p. 242-254, jul./ago./set. 2004.

MANHÃES, Manuela Chagas e ARRUDA, Sérgio. **A análise de discurso e a apreensão de universos simbólicos uma referência para o entendimento da linguagem subjetiva do poeta e letrista Vinícius de Moraes**.

<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-01.html>. Acessado em: 02/07/2006.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. 3ª ed. Trad. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELO NETO, Francisco Paulo de & FROES, César. **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MELO NETO, Francisco Paulo de & FROES, César. **Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MENDONÇA, J. Ricardo C. e GONÇALVES, Julio César de Santana. Responsabilidade Social nas Empresas: uma questão de imagem ou de substância? In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-

GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador **Anais...**, Rio de Janeiro: AMPAD, set 2002. CD-ROM.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª ed. São Paulo: Hucites-Abrasco, 1996.

OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras. . Disponível em <http://www.ocb.org.br>. Acesso em: 07/fev/2005.

OLIVEIRA, Fábio Risério Moura de Oliveira. Relações públicas e a comunicação na empresa cidadã. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades**. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ethos, 2002a.

OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. Um balanço dos balanços sociais das 500 maiores empresas S. A. não financeiras do Brasil. In ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.

OLIVEIRA, Marco Antônio L. de. **SA 8000: o modelo ISO 9000 aplicado à responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PASSADOR, Cláudia Souza, CANOPF, Liliâne, PASSADOR, João Luiz. Apontamentos sobre a Responsabilidade Social no ENANPAD: a construção de um conceito? . In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 2005, Brasília/DF **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2005. CD-ROM.

PEREIRA, Armand F., FREIRE, Lucienne e LAGANA, Lizzie. **Cooperativas: mudanças, oportunidades e desafios**. 1ª ed. Brasília: OIT, 2001.

PEREIRA, Danielle Ramos de Miranda & REZENDE PINTO, Marcelo. Perfis de empresas varejistas quanto à adoção de práticas de responsabilidade social. **RAUSP Revista de Administração** – Revista da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de São Paulo, São Paulo, v. 39 n.2, p. 113-200, abr./maio/jun. 2004.

PEREZ, Clotilde. Marketing Social, ética e trabalho voluntário. In: PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA, Luciano Prates (orgs.). **Voluntariado e a gestão de políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002.

PICCININI, Valmiria Carolina, GUIMARÃES, Valeska Nahas, OLIVEIRA, Sidinei Rocha de & KOROSUE, Aline. Cooperativas de Trabalho: Forma de Autogestão Flexibilização Precarizada? In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.

PINAZZA, Luiz Antônio e ALIMANDRO, Regis. Os princípios do cooperativismo constituem uma metaideologia ajustável a diferentes regimes econômicos. **Revista de agronegócios da FGV**. V. 21, N 2, fev/2001

PINHO, Diva Benevides. **O cooperativismo no Brasil: a vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PORTER, Michael E. & KRAMER, Mark R. A Vantagem competitiva da filantropia corporativa. In: SERRA, Afonso Celso da C. (trad.) **Ética e responsabilidade Social nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier: Harvard Business Review, 2005.

RECH, Daniel. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIZZI, Fernanda Basagli. Desenvolvimento da responsabilidade social no Brasil. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades**. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ethos, 2002.

SAPOVICIS, Roberta Tokko & SOUZA, Maria Tereza Saraiva de. Gestão social e democrática em cooperativas de trabalho: um estudo de caso na Cooperdata processamento de dados. . In ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba. **Anais...**,Paraná: AMPAD, Set 2004. CD-ROM.

SANTOS, A. C. Estrutura Organizacional no Agribusiness Cooperativo: o caso das cooperativas de leite em Minas gerais. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 24, 2000, Foz do Iguaçu. **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2000, CD-ROM.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. 2ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

SCHOMMER, Paula Chies. Investimento social das empresas; cooperação organizacional num espaço compartilhado. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. 24, 2000, Foz do Iguaçu. **Anais...**,Rio de Janeiro: ANPAD, 2000, CD-ROM.

SCHROEDER, Jocimari Tres & SCHROEDER, Ivanir. **Responsabilidade Social Corporativa: Limites e Possibilidades**. RAE-eletrônica, v. 3, n. 1, Art. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.rae.com.br/electronica>> acessado em: 02/10/2004.

SILVA, Casturina Jaíra de. O cooperativismo como uma alternativa estratégica. In: BITENCURT, Claudia (org). **Gestão contemporânea de pessoas: novas práticas, conceitos tradicionais**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

SILVA, César Augusto Tibúrcio e FREIRE, Fátima de Souza. Balanço social abrangente: um novo instrumento para a responsabilidade social das empresas. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25, 2001, Campinas SP, **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2001, CD-ROM.

SILVEIRA, Jairton Dimas. Trabalho voluntário e gestão das políticas sociais. In: PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA, Luciano Prates (orgs.). **Voluntariado e a gestão de políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002.

SLOMSKI, Valmor. REZENDE, Amaury José e ATHAYDE, Tarcisio Rocha. O balanço social como relatório das atividades em universidades públicas: uma aplicação na UFMS Campus de Três Lagoas. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL

- DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.
- SOBEL, Henry. Nossos voluntários. In: PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA, Luciano Prates (orgs.). **Voluntariado e a gestão de políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002.
- SOUZA, Flávia Regina de. A ética no trabalho voluntário. In: PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA, Luciano Prates (orgs.). **Voluntariado e a gestão de políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002.
- SOUZA, Washington José de Souza; CARVALHO, Virgínia e XAVIER, André Moura. Mercado, ética e responsabilidade social na formação dos profissionais de administração e de ciências contábeis: uma análise teórico-comparativa – sob a ótica das diretrizes curriculares nacionais. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.
- SROUR, Robert Henry. Ética empresarial sem moralismo. **Revista de Administração** – Revista da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de São Paulo, São Paulo, v 29, n° 3, p. 3-22, jul/set. 1994.
- SROUR, Robert Henry. **Poder cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.
- SROUR, Robert Henry. **Ética empresarial: a gestão da reputação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- STABLEIN, Ralph. Dados em estudos organizacionais. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Org) / CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto; FISCHER, Tânia (Org. Bras.). **Handbook de estudos organizacionais: reflexões e novos direcionamentos**. Vol. II. São Paulo: Atlas, 2001. p. 63-88.
- SUCUPIRA, João A. ética nas empresas e balanço social. In: SILVA, César Augusto Tibúrcio e FREIRE, Fátima de Souza (org.) **Balanço Social: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2001.
- SUNG, Jung Mo e SILVA, Josué Cândido da. **Conversando sobre ética e sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Responsabilidade social empresarial: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Souza. Voluntário: Entre a utopia e a realidade da mudança social. ? In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, set 2002a. CD-ROM.
- TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Souza. Mão-de-obra voluntária – uma resposta para a gestão do trabalho social no Brasil. In: PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA, Luciano Prates (orgs.). **Voluntariado e a gestão de políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002b.
- TOMEI, Patrícia A. Responsabilidade social de empresas: análise qualitativa da opinião do empresário nacional. **Revista de administração de empresas**. Rio de Janeiro, n° 24, p. 189-202, out/dez.1984.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

VEIGA, Sandra Mayrink e FONSECA, Isaque. **Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

VELOSO, Leticia Helena Medeiros. **Ética, valores e cultura: especificidades do conceito de responsabilidade social corporativa**. In: Ashely, Patrícia A. (coord.) **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2002.

VENTURA, Elvira Cruvinel Ferreira. **Responsabilidade Social das Empresas sob a óptica do “Novo Espírito do Capitalismo”**. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia SP **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2003. CD-ROM.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Trad. GRASSI, Daniel. 2ª ed. Porto Alegre: bookman, 2001.

VENTURA, Elvira Cruvinel Ferreira. **Institucionalizando a Responsabilidade Social: Arranjos Estruturais no Campo das Organizações Bancárias**. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 2005, Brasília/DF **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, jan 2005. CD-ROM.

XAVIER, André Moura & SOUZA, Washington José de. **Responsabilidade Social Empresarial: Estudo Teórico-Empírico à Luz dos Instrumentos Ethos**. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba. **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, Set 2004. CD-ROM.

ZOUAIN, Deborah Moraes e SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras. **Desenvolvimento da Dimensão Comunitária da Responsabilidade Social das Organizações: um estudo de caso sobre a LIGHT e suas contribuições para o desenvolvimento humano sustentável, a inclusão social e a cidadania**. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, set 2002. CD-ROM.

ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

GESTOR DO PROJETO

Parte 1 - visão geral

- P1 - O que o Senhor compreende por responsabilidade social?
- P2 - Qual o papel da Cocamar no que se refere às questões sociais?
- P3 - Quais são os objetivos institucionais da cooperativa com a implantação do projeto de responsabilidade social?
- P4 - Quais são os motivos que têm levado a cooperativa a investir em responsabilidade social?
- P5 - Este projeto gera algum benefício para a cooperativa?
- P6 - Quais são os benefícios gerados para os voluntários do projeto?
- P7- Quais são os benefícios gerados para os funcionários e para a comunidade local?
- P8 - Como o Sr. compreende a responsabilidade social dentro de uma cooperativa, uma vez que esta possui pressupostos básicos da ação social?
- P9 - Qual a importância que o Sr. vê na publicação do balanço social? E a cooperativa possui desenvolve o balanço social?
- P10 - Qual a relação que o Sr. faz em cidadania empresarial e o investimento na comunidade?
- P11 - O que o Sr. compreende por filantropia?
- P12 - O que o Sr. compreende por ética empresarial?

Parte 2 – Visão específica (particularidades dos programas segundo a perspectiva do gestor).

Programa de voluntariado:

- P1 - Como o projeto de responsabilidade social administra este programa?
- P2 - De que formas são arrematadas os voluntários?
- P3 - Existe algum incentivo pra ser voluntário do programa?
- P4 - Como é feita a triagem para as entidades assistenciais?
- P5 - Qual o procedimento adotado para uma entidade se cadastrar e receber os benefícios?

Programa Escola Cocamar:

- P1 - Por ser um programa contemplado por um projeto de responsabilidade social, quais são os critérios para participar da escola, existe alguma imposição, alguma exigência?
- P2 - Os horários são flexíveis, atende a necessidade dos funcionários e da comunidade?
- P3 - De alguma forma, a cooperativa aproveita o Projeto Cocamar Social para divulgar o cooperativismo e sua cultura, elevando o nível de conhecimento sobre a doutrina, apresentando os benefícios da cooperação?
- P4 - Quais são os benefícios gerados por esse Programa?

Programa Vivo Melhor – Cozinha Experimental:

P1 - Especificamente, tratando-se da cozinha experimental, quais são os benefícios gerados para a comunidade?

P2 - Através do projeto de responsabilidade social, a cooperativa proporciona apoio junto às entidades assistenciais, propiciando a propagação das informações sobre a culinária e o uso da soja?

P3 - A cooperativa procura viabilizar através contatos, apoio de outras organizações ou da prefeitura de Maringá, para as entidades assistenciais, como forma de viabilizar a geração de renda, dando uma continuidade ao Programa Cozinha Experimental?

AUXILIAR DO GESTOR DO PROJETO

P1 - O que você compreende por responsabilidade social?

P2 - Qual a importância do projeto para a cooperativa?

P3 - Quais são os benefícios gerados para os funcionários e membros da comunidade?

P4 - Qual é a regularidade das ações sociais realizadas através dos programas?

P5 - E por ética empresarial o que o Sr. compreende?

ASSISTENTE SOCIAL

P1 - O que você compreende por responsabilidade social?

P2 - Qual a importância do projeto para a cooperativa?

P3 - Quais são os benefícios gerados para os funcionários e membros da comunidade?

P4 - Qual é a regularidade das ações sociais realizadas através dos programas?

P5 - E por ética empresarial o que o Sr. compreende?

FUNCIONÁRIOS VOLUNTÁRIOS

P1 - Qual a sua compreensão sobre responsabilidade social?

P2 - Você acha importante se manter um projeto de Responsabilidade social dentro de uma cooperativa?

P3 - Qual a regularidade das ações sociais realizadas através do programa de Responsabilidade Social da cooperativa?

P4 - Como é feita a convocação pra ser voluntário, existe alguma obrigatoriedade?

P5 - Qual o benefício que você vê para os voluntários?

P6 - Qual o benefício que o voluntário cria para a cooperativa?

P7 - Qual a relação que você faz da responsabilidade social com o cooperativismo?

FUNCIONÁRIOS – Beneficiários

P1 - Você conhece o projeto de responsabilidade social da cooperativa?

P2 - Você acha importante a Cocamar manter um projeto social para os seus funcionários?

P3 - Você acredita que este projeto proporciona benefícios para os funcionários?

P4 - Você ou sua família já foram beneficiados através deste projeto?

P5 - Você pode comentar sobre o benefício que você recebeu?

P6 - Você é voluntário do projeto? (caso não seja, por quê?)

MEMBROS DA COMUNIDADE – Beneficiados

- P1 - Você conhece o projeto de responsabilidade social da cooperativa?
- P2 - Você acredita que este projeto proporciona benefícios para a comunidade?
- P3 - Você ou sua família já foram beneficiados através deste projeto?
- P4 - Você pode comentar sobre o benefício que você recebeu?
- P5 - Qual foi a exigência para que você recebesse este benefício?

ENTIDADES BENEFICIADAS

- P1 - Você conhece o projeto de responsabilidade social da cooperativa?
- P2 - O projeto proporciona algum tipo de benefício para a entidade que você representa?
- P3 - Esta entidade recebe benefícios através de dois programas, o de voluntariado e através do programa cozinha experimental. Especificamente, quais são os benefícios que esta entidade recebe, através do projeto de responsabilidade social da Cocamar?
- P4 - Com que regularidade esta entidade recebe benefícios?
- P5 - Esta entidade de alguma forma retribui os benefícios recebidos?
- P6 - Você considera que a cooperativa poderia proporcionar algum apoio a mais para as entidades assistenciais?
- P7 - Qual a sua compreensão por ética empresarial?